

JUBILEU

DA

Escola Polytechnica do Rio de Janeiro

COMMEMORAÇÃO DO 50° ANNIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

1874-1924



RIO DE JANEIRO
Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1926

Afonso Carlos
Marques dos Santos

Ex Libris



Biblioteca Pedro Calmon
FCC - UFRJ

JUBILEU

DA

Escola Polytechnica do Rio de Janeiro

COMMEMORAÇÃO DO 50° ANIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

1874-1924



OR
620.7184
J 91

RIO DE JANEIRO
Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1926

Sist. 590287

pt. 01

Col. 590915-20



Minerva - OK

Em sessão ordinária da Congregação da Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro, realizada a 11 de Junho de 1923, foi apresentada e, sem discussão, unanimemente aprovada a seguinte indicação:

“A Congregação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro delibera:

1.º) Commemorar, solennemente, em sessão extraordinária e publica, para cuja presidencia será convidado o Reitor da Universidade, — o 50º anniversario da transformação, por Decreto Imperial de 25 de Abril de 1874, da antiga *Escola Central* na actual *Escola Polytechnica do Rio de Janeiro*.

2.º) Installar, nesta data memoravel, no salão de honra da *Escola*, o busto em bronze, em tamanho natural, do egregio *Visconde do Rio Branco*, presidente do Conselho de Ministros que referendou aquelle Decreto, sendo que era, já então, um dos mais eminentes professores desta *Escola*, desde 1863, e foi o primeiro Director da nova *Escola Polytechnica*, accrescendo ter sido — sinão o proprio autor do respectivo Regulamento — o seu benemerito inspirador.

3.º) Autorizar, desde já, a Directoria a mandar fazer, pelo esculptor brasileiro *Rodolpho Bernardelli*, o busto do grande brasileiro *Visconde do Rio Branco*, e, bem assim, a mandar fundil-o em bronze em officina nacional.

4º) Autorizar, ainda, a Directoria a providenciar para que, nessa fundição sejam tirados *dois bustos*, um dos quaes destinado a ser fornecido, pela *Escola*, ao *Club de Engenharia para o Pantheon* que naquelle instituto está installado.

5º) Conceder o credito que fôr necessario para todas as respectivas despezas.

1.º) Convidar o professor Dr. *Paulo de Frontin* — actual *Director* da *Escola*, e, dentre os cathedricos ainda em effectividade, o unico que fez parte, como alumno, da 1ª turma matriculada já na *Escola Polytechnica*, — para escrever a *memoria historica* destes 50 annos de funcionamento; ficando a Directoria autorizada a mandar imprimir essa *memoria*. Rio, 11 de Junho de 1923. — Aa. Reis, Henrique Morize, Daniel Henninger, Francisco Bhering, Augusto de Brito Belford Rôxo, Julio Kœler, C. A. Barboza de Oliveira, Luiz Cantanhede, Jorge de Lossio, Julio Lohmann.”

Esta deliberação veio ao encontro dos desejos do actual Director effectivo da Escola, Senador Dr. Paulo de Frontin, que já então havia dado as primeiras providencias para a commemoração do jubileu da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. A esse tempo o professor A. G. Girardet já tinha recebido de S. Ex. a incumbencia de gravar uma medalha commemorativa, a ser cunhada em prata e em bronze, tendo no anverso a effigie do Visconde do Rio Branco, coroada de louros, e o globo armilar — emblema da Escola Polytechnica — bem como as seguintes inscrições: “HOMENAGEM AO FUNDADOR E 1º DIRECTOR VISCONDE DO RIO BRANCO. 50º ANNIVERSARIO. 1874-1924. ESCOLA POLYTECHNICA DO RIO DE JANEIRO. DIRECTOR, DR. PAULO DE FRONTIN”; no reverso, em relevo, a actual fachada principal do edificio da Escola, circundada de allegorias re-

presentadas por instrumentos e obras d'arte de engenharia, tendo, ao alto, a inscrição: “DECRETO N. 5.600, DE 25 DE ABRIL DE 1874”, e, em baixo: “RIO DE JANEIRO, 25 DE ABRIL DE 1924”

O Decreto a que se refere a medalha é do teôr seguinte:

DECRETO N. 5.600 — DE 25 DE ABRIL DE 1874

Dá Estatutos á Escola Polytechnica

Hei por bem para execução da Lei n. 2.261, de 24 de Maio de 1873, art. 3º, n. 3, Reorganizar a Escola Central, dando-lhe a denominação de Escola Polytechnica, e os estatutos, que com este baixam, assignados por João Alfredo Corrêa de Oliveira, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em vinte e cinco de Abril de mil oitocentos e setenta e quatro, quinquagesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Com o intuito ainda de festejar a memoravel data, resolvera o Exmo. Sr. Dr. Director que na sessão solenne commemorativa do jubileu da Escola Polytechnica, se realizassem a distribuição dos premios escolares aos alumnos laureados e a collação de gráo dos engenheiros que terminassem seus respectivos cursos no ultimo anno lectivo, e, bem assim, a dos chimicos industriaes do curso de Chimica industrial, annexo á Escola Polytechnica, e subvencionado pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio.

SESSÃO SOLENNE

COMMEMORATIVA DO 50º ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA ESCOLA POLYTECHNICA

O vasto salão de honra da Escola Polytechnica, profusamente ornamentado de flôres naturaes, ostentando a sua respeitavel galeria de retratos dos venerandos mestres, revestidos de suas insignias doutoraes, apresentava o aspecto imponente das grandes solennidades.

Sobre uma columna de marmore collocada ao meio do salão do lado opposto ao terrasso e em frente á mesa da presidencia de honra da sessão solenne, erguia-se em bronze — cinzelado pelo illustre professor Rodolpho Bernardelli — o busto do eminente estadista brasileiro, senador do Imperio, Conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, fundador da Escola e seu primeiro Director effectivo, a quem a actual Congregação desse glorioso instituto de ensino superior, commemorando o 50º anniversario de sua criação, prestava justa e merecida homenagem.

Ao fundo distinguia-se um grande quadro representando a entusiastica manifestação de que fôra alvo, na bahia de Guanabara, o grande estadista, ao regressar da Europa, em 1879, a bordo da corveta "Erbe", depois do memoravel conflicto entre o Governo imperial e a Congregação da Escola, a proposito da lei do ensino livre.

Defrontava-o a effigie do decano, Conselheiro Dr. Ignacio da Cunha Galvão, que, ao entrar em execução a reforma de 25 de Abril de 1874, assumira a direcção interina da Escola Polytechnica, enquanto o Visconde do Rio Branco presidia o Conselho de Ministros, gerindo com alto descortino a pasta dos Negocios da Fazenda, no Gabinete de 7 de Março de 1871.

O amplo recinto do salão enchera-se por completo de convidados, senhoras e cavalheiros, e bem assim o espaçoso terrasso contiguo, onde

tocava uma banda militar, imprimindo á solennidade official uma nota alegre e festiva.

S. Ex. o Sr. Presidente da Republica se fez representar na sessão solenne, que foi presidida pelo Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Achavam-se presentes os Exmos. Srs.: Ministro da Agricultura, Industria e Commercio; Prefeito do Districto Federal; Reitor da Universidade do Rio de Janeiro; Directores das Faculdades de Medicina e de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; membros do Conselho Superior do Ensino e do Conselho Universitario; representantes dos Exmos. Srs. Ministros da Viação e Obras Publicas, da Fazenda, das Relações Exteriores, da Marinha e da Guerra; Chefe do Estado-Maior do Exercito; representante do Exmo. Sr. Marechal Chefe de Policia; altas autoridades do Exercito e da Armada nacionaes; funcionarios de todas as repartições publicas federaes e municipaes; representantes dos corpos docente e discente de todos os estabelecimentos de ensino superior e secundario, civis e militares; representantes do alto commercio, da industria nacional e das classes operarias, e bem assim, acompanhados de suas respectivas familias, grande numero de engenheiros, representantes de todas as turmas formadas nos cincoenta annos da gloriosa existencia da Escola Polytechnica.

A's duas horas da tarde, o Exmo. Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, acompanhado do Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, do Director da Escola Polytechnica e de todo o corpo docente, fez a sua entrada no salão, tomando assento na cadeira da presidencia de honra. A sua direita, tomaram logar na mesa o Sr. Capitão-Tenente Edgard de Mello, representando o Sr. Presidente da Republica; o Sr. Barão de Ramiz Galvão, presidente do Conselho Superior do Ensino e Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, e o Sr. Dr. Aloysio de Castro, Director da Faculdade de Medicina; a esquerda, o Sr. Dr. Alaor Prata Soares, Prefeito do Districto Federal; o Sr. Senador Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e o Sr. Dr. Cancio Pova, Secretario e Professor da mesma Escola.

No recinto destinado aos membros do Governo, aos altos funcionarios do Ensino, á Congregação da Escola, aos representantes dos institutos de ensino e das corporações scientificas, tomaram assento: o Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio; o Sr. Conde de Affonso Celso, Director da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; o Sr. Dr. José Agostinho dos Reis, Vice-director da Escola Polytechnica; e Sr. Dr. Francisco de Sá Lessa, inspector de illumination, representando o Sr. Dr. Francisco de Sá, Ministro da Viação e Obras Publicas; o Sr. Dr. J. Th. Carneiro da Cunha, representando o Sr. Dr. Sampaio Vidal, Ministro da Fazenda; o Sr. 1º tenente Alvaro Ferreira Pinto, representando o Sr. Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha; o Sr. Dr. Sebastião Sampaio, representando o Sr. Dr. Felix Pacheco, Ministro das Relações Exteriores; o Sr. Capitão Palimerio de Rezende, representando o Sr. Ministro da Guerra; o Sr. Almirante Oliveira Sampaio, Director da Escola Naval de Guerra; o Sr. General Tasso Fragoso, Chefe do Estado-Maior do Exercito; o Sr. Coronel Carlos Reis, representando o Sr. Marechal Chefe de Policia; os Srs. Drs. Fernando Raja Gabaglia, e Pedro do Couto, representando a Congregação do Collegio Pedro II; o Sr. Capitão Euclides Guimarães, representando o Sr. Coronel Luiz Furtado, Commandante Geral da Força Policial; o Sr. Dr. Gabriel Ozorio de Almeida, Inspector Federal de Estradas; o Sr. Dr. João de Carvalho Araujo, Director da Estrada de Ferro Central do Brasil; os Srs. Drs. José Valentim Dunham, Floresta de Miranda e Arruda Beltrão, representando o Club de Engenharia; o Sr. Dr. Heitor Lyra da Silva, representando o Instituto Polytechnico Brasileiro; os Srs. Drs. Annibal Freire e Oscar de Souza, do Conselho Superior do Ensino; o Sr. Dr. Alvaro Ozorio de Almeida, representando a Academia Brasileira de Sciencias; o Sr. General Octavio de Azevedo Coutinho, Sub-Chefe do Estado-Maior do Exercito; o Sr. Marechal Souza Aguiar; o Sr. Dr. Luiz Maria de Mattos Junior, Bibliothecario da Escola Polytechnica; o Sr. professor Rodolpho Bernardelli; o Sr. Dr. Hildebrando de Araujo Góes, Inspector Federal de Portos, Rios e Canaes, os Srs. professores: Drs. Licinio Cardoso, Aarão Reis, Daniel Henninger, Carlos Sampaio, Ferreira Braga, Sampaio Corrêa, Esta-

nislau Bousquet, João Felipe Pereira, F. M. das Chagas Doria, Julio Delamare Koeler, Henrique Morize, Henrique Costa, Victor Villiot, Luiz Cantanhede, Mauricio Joppert, Pantoja Leite, Adolpho Murtinho, Julio Lohmann, Everardo Backheuser, Manoel Timotheo da Costa, Augusto de Brito Belford Rôxo, Ferdinando Labouriau, Manoel Amoroso Costa, Lino Leal de Sá Pereira, Roberto Marinho de Azevedo, Cyro de Andrade Martins Costa, José Pereira da Graça Couto, Pedro Fernandes Vianna da Silva, Heitor Sayão de Bustamante, Mario Paulo de Brito, Sebastião Sodré da Gama, Ruy Mauricio de Lima e Silva, Octavio Ribeiro da Cunha, Dulcideo de Almeida Pereira, Manoel Ribeiro de Almeida, Mario Campos Rodrigues de Souza, Augusto Hor-Meyll, Ignacio de Azevedo Amaral, Luiz Caetano de Oliveira, Raul Eloy dos Santos, Octacilio Novaes da Silva, Adalberto Menezes de Oliveira, Arthur Duarte Ribeiro, Serafim José dos Santos, da Congregação e Corpo docente da Escola Polytechnica; os Srs. preparadores da mesma Escola, Drs. Eugenio Hime, Augusto Bernacchi, Allyrio de Mattos, Iracema Dias, Franca Amaral, Luciano Koeler, Agliberto Xavier, Eduardo Eurico de Oliveira, Stephane Vannier, Othon Leonardos, Manoel Campello e Durval Borges de Moraes; os Srs. professores Drs. Antonio Maria Teixeira, Abelardo Lobo e Pinto da Rocha da Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; os Srs. professores Drs. Fernando de Magalhães e Adelino Pinto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; os Srs. Drs. Luiz Carlos da Fonseca, Humberto Antunes, Alberto Flores, Sub-Directores da Estrada de Ferro Central do Brasil; o Sr. Dr. Bento P. Amarante, Sub-Director dos Telegraphos; o Sr. Dr. Baptista Pereira, da Faculdade Hahnemanniana; os Srs. professores Gastão Bahiana e Augusto Girardet, da Escola Nacional de Bellas Artes; o Sr. Marechal Egydio Tallone; o Sr. Dr. Henrique de Paula Lopes; o Sr. General Joaquim de Andrade Vasconcellos; os Srs. Drs. Bento Rocha e Andrade Neves, Thesoureiro e Sub-Secretario da Escola Polytechnica; o Sr. Dr. J. B. Paranhos da Silva, Secretario do Conselho Superior do Ensino; o Sr. Dr. Alfredo Paranguá Muniz, Secretario da Universidade do Rio de Janeiro; o Sr. Dr. Oswaldo Paranhos da Silva; o Sr. General José Luiz Fabricio; o Sr. Capitão João Daudt Fabricio; o Sr. Coronel Luiz A. Gomes Ferraz; o Sr. Capitão Mario Pinto Gue-

des, instructor militar da Escola Polytechnica. Grande numero de senhoras e senhoritas da mais distincta sociedade abrilhantavam o vasto salão.

O Exmo. Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, abrindo a sessão solenne, pronunciou o seguinte discurso, no correr do qual foi levantada a bandeira da Escola que envolvia o busto do egregio Visconde do Rio Branco, a quem a actual Congregação deste instituto de ensino rendia, nesta festa, saudosa homenagem, estrugindo, nessa occasião, prolongada salva de palmas.

DISCURSO DO EXMO. SR. DR. JOÃO LUIZ ALVES, MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, PRESIDENTE DE HONRA DA SESSÃO SOLENNE

Meus senhores: Não me cabia a honra de fallar-vos sobre as datas que hoje commemoramos, nem a acceitei sem temor.

A posição, porém, que, sem brilho, occupo, não me permittia recusar-a, embora se frustre a vossa expectativa, como necessariamente vae succeder, pela não correspondencia das minhas palavras e da vossa apurada cultura, e pela alta significação desta solennidade nos fastos do ensino em nossa terra.

Senhores.

Não escapou o Brasil á influencia, embora indirecta, das aguias napoleonicas.

Os nossos historiadores a tem posto em relevo, como uma das causas mais efficientes da nossa emancipação politica, por ella apressada e favorecida, com a fuga do rei portuguez para a sua colonia na America, acossado pelas armas triumphantes de Junot, invasoras do glorioso Portugal que, nessa hora amarga, desamparado do seu rei, encontrou nas virtudes heroicas do seu povo, as forças de resistencia que o fizeram sobreviver, no momento épico do débacle de Waterloo.

A presença do rei, os actos que ella exigia e as consequencias que acarretava fatalmente para o Brasil — favoreceram o seu mais rapido surto para a independencia.

Entre aquelles actos e consequencias havia de estar a da criação aqui de varios estabelecimentos de ensino, exigidos pelo nascimento de aspirações novas, até então abafadas pelo obscurantismo que temia que o Brasil se educasse, e já então incontidas, graças ao proprio movimento renovador que a França espalhava pelo mundo, com a epopeia de Napoleão e com os ideaes da grande revolução, que permittio o apparecimento do seu genio.

Foi nessa época creada a Academia Militar, installada neste proprio edificio e “cellula mater” da nossa Escola Polytechnica, tão rica de glorias e tão cheia de benemerencias pelo muito que lhe deve a grandeza cultural e material do Brasil de hoje.

Aquella criação foi feita pela carta régia de 4 de Dezembro de 1810, que mandava estabelecer nesta Capital “um curso regular das sciencias exactas e de observação, assim como de todas aquellas que são applicações das mesmas aos estudos militares e praticos que formam a sciencia militar em todos os seus difficeis e interessantes ramos, de maneira que dos mesmos cursos de estudos se formem habeis officiaes da classe dos engenheiros geographos e topographos, que possam tambem ter o util emprego de dirigir objectos administrativos de minas, pontes e calçadas”.

Atravez de vicissitudes e reformas, só em 1822, com a nossa independencia politica, começou a Academia Militar a ter um mais regular plano de ensino, permittindo-se, desde 22 de Outubro de 1823, o estudo conjunto dos militares e civis, até que, pela reforma de 14 de Janeiro de 1839, passou a denominar-se Escola Militar, com cursos para as tres armas do Exercito, para a engenharia militar e para o Estado-Maior.

As exigencias do regimen militar difficultavam, contudo, praticamente, a admissão de estudantes civis.

O Decreto n. 140, de 9 de Março de 1842, alargando o plano do ensino, estendeu-o definitivamente aos engenheiros civis.

Depois das reformas de 1845, 1846, 1848, 1855 e 1858, os institutos existentes, isto é a Escola Militar, a Escola de Applicação do Exercito e o Curso de Infantaria e Cavallaria do Rio Grande do Sul, reformados, passaram a constituir a Escola Central, a Escola Militar e de Applicação e a Escola Militar Preparatoria do Rio Grande do Sul.

A Escola Central, cujo brilho não pode ser esquecido, ficou destinada ao ensino das mathematicas, das sciencias physicas e naturaes e das disciplinas proprias da Engenharia Civil, embora continuassem os militares a fazer nella uma parte do seu curso, pelo que se manteve subordinada ao Ministerio da Guerra.

Accentuava-se, porém, a convicção de que era necessaria a separação dos cursos militares e civil, já esboçada nas reformas de 1860 e de 1863, mas levada a effeito no glorioso Ministerio, a que presidio o grande brasileiro José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, sendo Ministro do Imperio, o Conselheiro João Alfredo e Ministro da Guerra o Conselheiro Oliveira Junqueira.

Na verdade, foi em 1873, pela lei n. 2.261, de 24 de Maio, que ficou o Governo autorizado a realizar a reforma de que nasceu a actual Escola Polytechnica.

A autorização fôra conferida para “reformatar o regulamento organico das Escolas Militar e Central, afim de completar naquella os estudos necessarios á engenharia militar e á collação do gráo de bacharel em mathematicas e sciencias physicas, e de passar a Escola Central para o Ministerio do Imperio, sem que sejam augmentados os vencimentos dos lentes e mais empregados”.

Em virtude disso, o Decreto n. 5.600, de 25 de Abril de 1874 deu estatutos ao novo estabelecimento de ensino civil, com a denominação de Escola Polytechnica.

Eis a razão da commemoração de hoje, em que, com legitima ufania, celebraes o 50º anniversario desta casa —

de que sahiram, com justo orgulho para ella e inestimavel proveito para a patria, os grandes pioneiros do seu progresso material e industrial, a par dos grandes obreiros de sua cultura.

Os primitivos estatutos soffreram alguns retoques no decorrer dos annos, sendo de lembrar, já no regimen republicano, a reforma mais completa, realizada pelo decreto numero 304, de 6 de Janeiro de 1896, quando Ministro da Justiça e Negocios Interiores o Dr. Antonio Gonçalves Ferreira, felizmente ainda vivo e credor, na sua austera velhice, de todas as nossas homenagens pelas suas virtudes civicas e pelos seus bons serviços ao paiz — no antigo e no novo regimen.

Ainda não produzira os seus fructos, já a organização de 1896 soffria a reforma de 1901, pelo decreto n. 3.296, de 16 de Fevereiro, consequente á decretação do Codigo dos Institutos Officiaes de ensino superior e secundario, subordinados ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Em seguida veio a reforma de 5 de Abril de 1911, referendada pelo saudoso Ministro Rivadavia Corrêa, na qual se conferio autonomia didactica e administrativa aos institutos officiaes de ensino secundario e superior, innovação radical, que tem os seus defensores e os seus antagonistas, aos quaes, uns e outros, devemos fazer justiça procurando, no meio termo, o que melhor convém, de accôrdo com os nossos habitos e tradições, e com a evidente necessidade da intervenção do Estado em materia de ensino.

Não podemos ter a pretensão de imitar a America do Norte, onde a iniciativa privada realiza prodigios nas suas incomparaveis Universidades.

Não deviamos, porém, manter o regimen antigo, de modo absoluto.

Mais ar e mais luz — eram indispensaveis á efficiencia do ensino: — mais ar na liberdade de ensinar, sem o dogmatismo das doutrinas approvadas pelo Estado, mais luz na liberdade de prender, sem os vetustos constrangimentos, das “sebentas” e sem o insuportavel autoritarismo dos mes-

tres, que, pela natural inconsequencia de todos os autoritarismos, revoltados contra a intromissão do Estado na sua orientação e nos seus methodos, não podiam tolerar o espirito de critica independente de seus discentes, muitas vezes justamente insubmissos ao atrazo e á rotina dos professores.

Acredita, porém, muita gente — e não a contesto em absoluto — que deu-se luz de mais e isso pôde cegar e forneceu-se ar de mais e isso pode suffocar.

Não vai nesse periodo, quando não contesto “em absoluto” os receiosos do excesso, a opinião do Ministro, mas vai a do cidadão que se orgulha de ser professor honorario da Universidade do Rio de Janeiro e Cathedratico da Faculdade de Direito de Minas Geraes.

Na verdade, se não é possivel dispensar a intervenção do Estado, que se traduz em subvenções não pequenas, não é curial negar-lhe qualquer moderada influencia, nunca dogmatica, na organização e direcção dos institutos de ensino, que elle ampara e reconhece.

O decreto n. 11.530, de 18 de Março de 1915, pareceu obedecer a esse pensamento.

E' elle que hoje vigora, salvo os defeituosos e prejudicialissimos remendos, nas caudas orçamentarias, que permitiram os exames da “grippe” e abriram a porta aos exames por “habeas-corpus”, a que, em outra solemnidade, já fiz referencia.

Quiz traçar, apenas em rapidissima synthese, a evolução desta benemerita Escola Polytechnica, porque é recordando o passado que podemos preparar o caminho do futuro e porque era preciso, como me cumpria, pôr em relevo a data de 25 de Abril de 1874, que hoje é festejada.

E, com isso, recordar a figura gloriosa do Visconde do Rio Branco, organizador e primeiro director effectivo da Escola Polytechnica, o grande brasileiro que tantos serviços prestou á sua Patria — na diplomacia e no Governo.

Bastam, para immortalizar o seu nome no coração dos brasileiros, a liberdade dos nascituros de mãe escrava e a organização desta Escola, foco de irradiação scientifica,

celleiro de homens notaveis, a que deve o Brasil o melhor do seu progresso.

Não poderia, porém, para melhor desempenho do mandato honroso de fallar nesta assembléa, parar aqui, por dever da posição que occupo, pela autorização que ao Governo conferio o Poder Legislativo, pela critica insofrida dos que estranham não ter ella sido até agora usada, pela natural anciedade de todos os nobres interesses em face de uma reforma annunciada do ensino, não poderia, repito, parar na rememoração do passado.

Devo dizer mais, em homenagem aos que me ouvem.

Sou um espirito conservador e tradicionalista, mas sei conciliar essas qualidades com as tendencias innovadoras e sobretudo, com as exigencias novas da nossa cultura e do nosso desenvolvimento, sem esquecer as que provêm da propria remodelação porque passa o mundo hodierno.

Eis porque não sou um reformista, só para reformar; não me compraz o papel de destruir, sem construir; não creio que se devam desprezar os alicerces solidos da experiencia, para edificar na areia movediça da vertigem iconoclasta — que devemos ao contrario evitar, em tudo, como bons patriotas conscientes do nosso dever e das nossas responsabilidades.

Eis ahi a explicação psychologica da pretendida demora na reforma do ensino publico.

Ninguem mais do que eu está convencido de sua necessidade.

Não desconheço, embora sem a competencia e o aprofundado exame, que só cabe aos doutos, as deficiencias, os males e principalmente, as corruptellas e deturpações do ensino secundario e superior.

Procurei, em largo inquerito, receber informações, sugestões, criticas e idéas, que me habilitassem a fazer — não obra perfeita — mas algo de util e de efficaç em bem do nosso ensino.

Examino, com solícita attenção, todas as peças desse inquerito, mais numerosas do que se suppõe.

Fallo para uma assembléa em que vejo dos mais doutos, dos mais autorizados e, em verdade, dos mais devotados membros do magisterio superior do paiz e em que descubro, com prazer, estudantes dos mais applicados, dos mais sequisos de aprender e de saber, tanto mais applicados e sequisos de saber quanto mais difficeis e transcendentés são as sciencias que aqui se cultivam. Sinto-me, pois, á vontade para dizer alguma cousa, que antecipa o pensamento do Ministro se lhe fôr dado o ensejo para effectivar a reclamada reforma do ensino que tanto me seduz, como ultimo serviço que posso prestar á minha patria em posições officiaes.

Já não vos digo do ensino primario profissional, que deve constituir a preocupação maxima de Governos e legisladores, na União, nos Estados e nos municipios — porque nelle está o fundamento da Republica e da grandeza do Brasil.

Se fosse possível tentar, em politica, experiencias em *anima vili*, sem grave prejuizo publico, eu desejaria nos fosse permittido entregar aos criticos de obra feita ou aos planejadores de obras a executar... por outros, a realização de uma organização satisfactoria, neste momento, attendendo a estes dados do problema:

1º — A concurrencia constitucional do municipio, do Estado e da União na organização desse ensino;

2º — A vastidão do territorio, sem meios de communição e sem meios de efficiente fiscalização do ensino que fôr instituido;

3º — A ampla liberdade concedida a nacionaes e estrangeiros, para abrir e dirigir escolas primarias;

4º — A despeza que para a União representará a organização do ensino primario.

Existem outros impecilhos para uma efficaç e immediata organização do ensino primario pela União — mas... *j'en passe*.

Isso, não significa, porém, que devemos cruzar os braços; significa, apenas, que é preciso lançar bases solidas, capazes de serem no futuro aproveitadas, desenvolvidas e

ampliadas, para a grande construção. Isso significa que o modesto obreiro não abandona o intuito de lançar a pequenina pedra desse majestoso edificio do futuro

Voltemos, porém, ac que era o pensamento principal destas considerações com que aborreço vossa longanime attenção.

Não vos escandalizarão, por que não vos caberá a carapuça, perdoada a irreverencia da phrase neste momento, alguns preceitos que é preciso emittir.

Srs. Professores.

Estou certo de que não contestareis que alguns males lethaes ameaçam o nosso ensino, e não levareis a mal que os enumere:

1º — A deficiencia do numero de lições de cada disciplina, pelas férias prolongadas e intercurrentes;

2º — O regimen de pagamento dos honorarios, sem attenção ao esforço despendido pelo docente;

3º. O methodo excessivamente theorico e pouco pratico do ensino superior, que permite se possam encontrar medicos incapazes de receitar, advogados incapazes de requerer em juizo, engenheiros capazes de, numa planta, fazer um rio subir uma montanha.

De tudo isso, já vimos, — e nem vós, nem os vossos discipulos sois os culpados.

A culpa é dos methodos prescriptos em organizações ultra-theoricas, de que felizmente já nos vamos libertando, mas que é indispensavel eliminar, porque foi essa eliminação que fez a força da cultura scientifica nos Estados Unidos e na Allemanha.

4º — A permanencia nos quadros dos docentes effectivos de velhos e encanecidos mestres, cuja autoridade deve ser aproveitada na alta superintendencia do professorado, ao qual devem abrir a porta para os novos, que tragam aos discipulos o espirito hodierno, nesse constante e inelutavel “devenir”, que é a expressão do aneio humano, na arte e na sciencia, na moral e na fé.

Uns — os propectos — premiados pelo respeito e autoridade de que se os cerca, outros, os moços, estimulados pelas possibilidades de acção de suas faculdades doutrinadoras.

Nem comprehendo que a renovação dos quadros só se faça necessaria no Exercito e na Marinha: — se alli, a mocidade e a saude physica dos commandantes são condições de exito para a victoria, aqui, no ensino, taes condições são tambem imperiosas para o successo e para o triumpho, ou melhor, para a defesa da patria, que não se faz apenas nos campos de batalha, porque é principalmente preparada nos laboratorios da sciencia.

Srs. Estudantes.

Não me podereis contestar que o desejo de estudar e de aprender obedece hoje, menos á propria vontade de saber e de realizar, do que ao desejo de chegar depressa, isto é, ao que os Francezes denominam, com profundo senso psychologico, “l’arrivisme”.

A culpa não é vossa; é de todos os responsaveis pelo ensino no Brasil.

Querem applicar ao ensino a vertiginosidade da vida moderna.

Esta, com effeito nos dá a impressão de que — é preciso andar de automovel ou de avião para não chegar tarde; é preciso communicar o pensamento pelo “sem fio”, telegraphico ou telephonico, para não perder tempo; basta ver no “écran”, dos cinematographos os grandes dramas que immortalizaram os Talma, os Monnet-Sully, os Coquelin, os Furtado Coelho, os João Caetano, as Sarah Bernardth e as Duse, para ter em meia hora as mesmas sensações de arte dramatica e as mesmas emoções espirituaes que os grandes genios da scena fallada despertavam; é desnecessario sahir de casa para ouvir no “alto-fallante” as operas melhor cantadas e as orchestras mais afamadas...

E’ muito como progresso, mas não é tudo como emoção artistica e como goso espiritual.

Eis porque na pressa de chegar não tereis os mesmos prazeres que terieis na demora em attingir.

Dahi surge o desencanto, a desillusão, o espirito “blasé”, a mais triste, a mais negregada forma de scepticismo, por isso que é, no fundo, hypocrita e interesseira; hypocrita, porque finge desinteresse, interesseira porque, illudindo, acredita chegar mais depressa ao objecto — que é “arriver, quand même”.

Desta geração nova, que aqui me ouve, porque, felizmente, ainda não de todo contaminada, espero o protesto, a reacção necessaria contra o máo estado do ensino publico — para bem geral do paiz.

Digam elles aos professores que querem aprender, mostrem elles aos collegas que devem estudar, aprendam e estudem—porque só assim chegarão ás culminancias definitivas, que, na engenharia, fizeram os Capanema, os Ottoni, e os Frontin; na medicina, os Torres Homem, os Francisco de Castro, os Oswaldo Cruz, os Miguel Couto; no Direito, os Nabuco, os Lafayette os Teixeira de Freitas, os Ruy Barbosa, os Clovis e os Carvalho de Mendonça.

Eis ahi, Senhores, porque uma reforma de ensino é cousa difficil, é empreza temeraria: — não basta vasar no papel preceitos, regras, deveres, programmas e seriações de cursos: — é preciso que professores saibam e queiram ensinar e alumnos estudem e queiram aprender, e isso não se decreta porque resulta de uma alta formação moral e civica que venha do lar e vá até ás academias.

Como quer que seja, o Governo não fugirá ao seu dever naquillo que lhe competir. Para fazel-o, porém, preciso poder dizer ao Sr. Presidente da Republica, sinceramente preocupado como está em melhorar o ensino do paiz, como o melhorou no Governo do seu Estado, que a reforma que se vai fazer obedece a elevados intuitos.

Justificando-a, quero ter o direito de dizer-lhe aquillo que o Ministro Léon Bérard disse ao Conselho Superior de Instrucção Publica da França, em Janeiro de 1923: “de la

méthode suivie pour l'étude de cette réforme pedagogique, on ne pourra pas dire qu'elle ait été clandestine et autoritaire, propice aux desseins cachés, fertiles en brusques entreprises et résolutions soudaines”.

Não, Senhores.

O vasto inquerito, a demorada meditação, o proposito de ainda ouvir os competentes mostrarão que não faremos obra clandestina e autoritaria, não teremos designios occultos e subalternos, assim como não tomamos uma resolução brusca e impensada.

Eis ahi desvendado o meu pensamento, justificada a minha demora, que não é filha de descaso, ou incompetencia, mas producto de uma consciente responsabilidade pelos destinos do ensino publico, que não devem ser sacrificados pelos pruridos da vangloria ephemera de reformador, mas zelados pelo desejo de melhorar e acertar.

Senhores.

Já excedi ao que vossa paciencia podia conceder.

Levantemos os espiritos, ergamos os corações.

Sursum corda, pois a estrada percorrida, nestes 50 annos, pela engenharia brasileira, sahida dos bancos desta Escola, legitima o nosso orgulho e assegura a nossa confiança no futuro.

Benemerita creadora de capacidades technicas, que realizam o desbravamento dos sertões, pelas vias ferreas, as communicações pelo telegrapho, o saneamento das cidades, pelas obras que o tornavam possivel, o desenvolvimento do commercio, pelo aparelhamento dos portos e o crescente surto economico, pela sua acção bemfazeja e essencial no campo das industrias, nós festejamos a data cinquentenaria da sua fundação, agradecendo-lhe, em nome do Brasil de hoje — os serviços que lhe tem prestado e esperando, em nome do Brasil de amanhã, que continue a preparar-lhe a grandeza e a força, pelo concurso indispensavel e insuprivel da engenharia nacional.

Recordar nomes dos grandes ou dos modestos colaboradores da sua gloriosa obra, seria correr o risco de commetter injustiças, pelas naturaes lacunas.

Não faço, porém, injustiça aos que o precederam e aos que o acompanham, citando o nome querido de Paulo de Frontin, o actual e devotado Director, typo representativo da capacidade technica e da faculdade realizadora dos engenheiros brasileiros, exemplo de energia constructora, ahí revelada em tantas obras notaveis, de relevante alcance social e economico, como essa maravilhosa Avenida Rio Branco, aquella grandiosa ponte do Pirapora e a duplicação da linha da Central, na Serra do Mar, onde se revelava ao mundo, com Ottoni, a competencia da engenharia brasileira, emancipada e audaz, que se confirmou, com Frontin, na miraculosa abertura do segundo grande tunnel, sem interrupção do trafego, cujo constante augmento estaria hoje inteiramente congestionado com maior damno para a producção e commercio nacionaes, sem a visão e a energia do inolvidavel Director da E. F. Central do Brasil.

Saudemol-o tambem, senhores, que a data é tambem delle, por duplo motivo, porque, se a commemora como Director desta Escola, tambem a recorda como inicio de sua proficua e gloriosa carreira de engenheiro.

Afirmemos, assim, com ufania e sem *chauvinismo*, que a engenharia brasileira basta ao Brasil e póde realizar tudo que elle reclame, para o seu progresso, das suas luzes e da sua competencia technica.

Srs. engenheiros

A data é tambem vossa, pelo gráo que conquistastes e que hoje vos será conferido.

Outros dirão desse acontecimento, com a autoridade de mestres que vos acompanharam no penoso esforço para a conquista da laurea, que vos abre as portas do futuro e vos cria encargos, pelo muito que podereis fazer em bem da nossa patria.

Eu me limito a apresentar-vos os meus affectuosos parabens, augurando-vos glorias e benemerencias.

Senhores.

Diante disto, repito, para terminar, levantemos os espiritos e ergamos os corações. *Sursum corda.*

As ultims palavras do Sr. Dr. João Luiz Alves foram abafadas por estrondosa e prolongada salva de palmas.

A banda militar, postada no terrasso, executou uma marcha escolhida de seu repertorio.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS ESCOLARES

O Sr. Ministro, presidente da sessão solemne, declarou que ia fazer a entrega dos premios escolares aos engenheirandos e alumnos laureados no anno lectivo de 1923.

GRANDE PREMIO "DR. PAULO DE FRONTIN"

Este premio, que pela primeira vez se conferiu este anno, consiste em uma grande medalha de ouro em cujo anverso se vê a effigie do consagrado engenheiro Dr. Paulo de Frontin. Foi instituido, em 1918, pelos funcionarios publicos da Republica em homenagem a esse illustre Senador, como prova de gratidão pelos grandes beneficios por elle prestados á classe dos servidores do Estado.

Tal premio deve ser annualmente conferido ao engenheirando que, tendo feito na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro o curso completo de Engenharia civil, fôr classificado em primeiro logar entre os que com elle tiverem conquistado, em todo o curso, média de notas superior a *oito*.

Chamado pelo Sr. Dr. Cancio Povoá, Secretario da Escola, compareceu o engenheirando Sr. Miguel Angelo de Souza Aguiar, a quem coube o grande premio "Dr. Paulo de Frontin", por ter sido o mais distincto dentre os alumnos que com elle fizeram o curso de Engenharia civil.

O Sr. Ministro, recebendo então das mãos do Sr. Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola, a grande medalha de ouro, entregou-a ao laureado, felicitando-o pela honrosa e merecida recompensa que alcançára, mercê da sua applicação, do seu esforço e do seu talento,

e aconselhando-o a bem pesar a responsabilidade que, na sua carreira de engenheiro, lhe impunha a conquista do premio que acabava de receber, por ter elle o nome do grande mestre da Engenharia, cujos exemplos devia procurar seguir com o maior empenho, tanto mais quanto era o primeiro que recebia esse honroso galardão.

Uma grande salva de palmas se fez ouvir após as palavras do Sr. Ministro, applaudindo-as e saudando ao mesmo tempo o engenheiro laureado, que foi abraçado pelos professores e pelos seus collegas, enquanto a banda militar executava vibrante marcha.

PREMIO "MORSING"

Chamado novamente pelo Sr. Dr. Secretario, voltou á mesa o engenheiro Sr. Miguel Angelo de Souza Aguiar, a quem cabia tambem o premio "Morsing", por ter sido o alumno que melhores notas obteve nos tres ultimos annos do curso de Engenharia civil.

O Sr. Dr. Director passou então a medalha de ouro — premio "Morsing" — ás mãos do Sr. Ministro, que a entregou ao laureado, reiterando-lhe as felicitações e fazendo-lhe sentir quanto crescia a sua responsabilidade na carreira profissional ao receber o novo galardão pelos seus triumphos academicos.

Nova salva de palmas saudou o laureado, que recebeu outra vez muitos cumprimentos e abraços dos professores e dos seus collegas, enquanto tocava a banda de musica militar.

PREMIOS "GOMES JARDIM"

O Sr. Dr. Secretario fez a chamada dos alumnos Eduardo Beral Sardinha e Clodomir Ferro Valle, respectivamente classificados nos 1º e 2º logares pelo conjuncto das notas de approvação nas materias dos dois primeiros annos do curso de Engenharia civil, e que por isso fizeram jús aos premios instituidos pelo General Ricardo José Gomes Jardim, para os mais distinctos alumnos do antigo curso geral.

O Sr. Ministro, recebendo as duas medalhas de ouro das mãos do Sr. Dr. Director, entregou o primeiro premio ao Sr. Eduardo Be-

ral Sardinha e o segundo ao Sr. Clodomir Ferro Valle, felicitando a ambos pela mercida distincção.

Palmas resoaram pelo recinto de envolta com as notas alegres da marcha que a banda executava, sendo os dois alumnos muito cumprimentados pelos professores e pelos collegas.

PREMIO "CONSELHEIRO PITANGA"

— Respondeu á chamada, feita pelo Sr. Dr. Secretario, o alumno Sr. João Carlos Restier Backheuser, classificado em primeiro logar entre os que com elle obtiveram a mais alta nota de approvação na cadeira de Physica experimental.

Recebendo das mãos do Sr. Dr. Director a medalha de ouro "premio Conselheiro Pitanga", o Sr. Ministro a entregou ao alumno laureado, felicitando-o pela recompensa alcançada.

Emquanto a banda militar executava uma marcha, recebia o premiado palmas e abraços dos seus professores e dos seus collegas.

PREMIO DO EXAME VESTIBULAR

Chamados pelo Sr. Dr. Secretario, compareceram os alumnos Manoel Nogueira de Paiva e José Villaça, aos quaes, por terem alcançado as duas mais altas notas de approvação no exame vestibular, foram adjudicados o 1º e o 2º premios, respectivamente. A cada um delles o Sr. Ministro fez a entrega do premio conquistado.

Os jovens alumnos receberam tambem muitas felicitações entre palmas e abraços.

COLLAÇÃO DE GRÃO

Terminada a cerimonia da distribuição dos premios escolares, declarou o Sr. Ministro que ia ter logar a solennidade da collação de grão.

O Sr. Dr. Secretario procedeu, em primeiro logar, á chamada dos Srs. alumnos que concluíram o curso de Chimica Industrial, annexo á Escola Polytechnica e subvencionado pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Responderam-na os Srs.:

Paulo Estevam de Berredo Carneiro.

Eduardo Rodrigues da Paz.

Carlos Vieira de Andrade.

José Machado da Costa.

Rubens Descartes Garcia de Paula.

Ary Torres da Silva.

Bernardo Gravenstein.

Depois de prestarem o compromisso legal, o Sr. Dr. Paulo de Frontin, como Director da Escola Polytechnica, conferiu-lhes, em nome do Governo da Republica, o grão de Chimico Industrial.

Em seguida o Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, presidente da sessão solenne, concedeu a palavra ao Sr. Paulo Estevam de Berredo Carneiro, orador da turma, que, subindo á tribuna, leu o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Representante de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica.

Exmo. Sr. Ministro da Justiça.

Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon.

Exmo. Sr. Prefeito do Districto Federal.

Exmo. Sr. Reitor da Universidade do Rio de Janeiro.

Exmo. Sr. Director da Escola Polytechnica.

Exmos. Srs. Professores membros da Congregação da Escola Polytechnica.

Exmos. Srs. Professores do Curso de Chimica Industrial.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Illustre e meretissimo Padrinho!

Os, de V. Ex., desvanecidos afilhados, vêm de terminar o curso que fizeram, de Chemicos Industriaes, e a V. Ex., o Paranympo que os honra, apresentam, respeitosos, sua profissão de fé!

Contam chronicas remotas, que austéros pergaminhos conservaram, toda a religiosa solemnidade com que, na Mediéva-Idade, éra sagrada a incorporação dos filhos d'algo ao serviço de sua Dama, de seu Principe e de sua Fé.

Era o tempo feliz da unidade de crença, de convergencia nos actos, de um mesmo amor em cada coração...

Florescia, em prenuncios de farta mésse, a instituição cultural da Cavallaria!

Voluntaria consagração da mocidade a uma vida inteira de esforço e de devotamento! Sonho juvenil que a madureza realizará!

Preside a Igreja a sagração dos heróes!

Em faustoso apparatus, o defensor futuro dos humildes seus juramentos présta, e, joelho em terra, recebe da espada, os golpes sacramentaes: — baptismo dos bravos!

Precedêra a cerimonia uma noite inteira de meditação e de préce velada sob o amparo e o conselho de um Padrinho de glorias.

Vigilia Santa das Armas! Horas silenciosas de confissão e de arrependimento em que os labios murmuram "mea culpa" e o coração se alvoroça de esperanças...

Finda a benção, cingida ao cinturão a espada de nobreza, recebe cada Cavalleiro novo, do Padrinho que o arma, escudo, capacête e lança.

Juram lealdade, e partem.

Essas as armas e esses os sentimentos que vão, nos combates, agitar, em fidelidade aos votos.

Nos corações isemptos de fraqueza lê-se a religiosa divisa, de amor e de fé, que os bravos guia: *Cumpre teu dever succeda o que succeder!*

Admiravel base moral da conducta que immortalizou a Cavallaria, primeira realização expontanea da tendencia de nossa natureza para a definitiva instituição da vida altruista!

Malgrado as prescripções fundamentaes de sua Doutrina, que lhes recommenda esquecimento do mundo e desprezo das opiniões, conduzem-se os piedosos cavalleiros movidos pela aspiração de reviver no espirito e no coração de outrem...

A voz lyrica dos bardos é a trompa de gloria que lhes incita as virtudes e lhes guarda as memorias merecidas...

Filha do regimen feudal, a Cavallaria nelle fulge e floreja. Mas o espirito da Theologia é pouco propicio a seus impulsos, pois que elle concentra a solitudine humana sobre um futuro de chiméras, emquanto que o ideal dos Cavalleiros inspira-lhes energico devotamento á existencia social.

Assim repartido, entre seu Deus e sua Dama, o heroe mediévo não pôde fruir da plena unidade moral que lhe teria melhor permittido desenvolver sua nobre missão.

Mas o amor, milagroso redemptor das gentes, superou a fé, e humanamente religou as almas grandes...

A servir o sentimento, inteiramente votada, a Cavallaria o tornou mais puro e, dignificando-o, fê-lo "de tout capable":

"Fidèle, patient constant jusqu'à la mort,
Courageux et surtout hors de cette faiblesse.
Qui force à se chrecher et pour soi s'intéresse."

Quatro seculos de desordenado progresso permeiam entre a epopéa medieval e o scepticismo sem ternura e sem pureza da revolução que rugel!

Tragico derruir de almas que a mentalidade anarchisada dilacéra!

Corações insatisfeitos, intelligencias sem fé, o egoismo consome!

Quadro de sacrificio e de dôr! — Pintar-lhe o delirio é de sangue tingir funéreas sombras...

“Non ragionam di lôr ma guarda e passa!”

Ao atravessarmos a ultima phase, talvez, desse congestionamento social, quando o regimen futuro já desponta, começamos a sentir que, longe de ser extincta, a Cavallaria, déve, pelo contrario, florescer melhor na actividade moderna onde a sociabilidade que se esboça é mais pacifica e a doutrina que a rége mais humana!

A modificação feliz que a civilização imprimio, mesmo ás oppressões, dará, apenas, destinos novos aos sentimentos antigos; e a irrevogavel preponderancia da paz, assim que sua ascendencia estiver dignamente systematisada e moralisada, ha de proporcionar-lhes uma expansão mais ampla.

As perseguições que no regimen militar se dirigiam, sobretudo ás pessoas, na época industrial apenas attentam contra os bens.

Essa decisiva transformação torna o protectorado voluntario mais simples e mais fecundo, sem dispensa-lo nunca.

Assim, o regimen definitivo da sociabilidade industrial facilita o resurgimento dos costumes cavalheirescos entre os chefes temporaes hodiernos.

Desses, os que se sentirem animados de generosidade equivalente á de seus heroicos predecessores, consagrarão, á livre defesa dos opprimidos, sua fortuna, sua actividade, sua inteira energia.

Não fôra assim e bem de lamentar seria!

Como ficar extranha á ordem final da sociedade, a grande instituição que melhor se inspirou no sentimento humano?!

Além da sua função geral de estimular por toda a parte a dedicação dos fortes pelos fracos, votava-se a Cavallaria, em missão, mais especial e mais intima, ao serviço e ao culto da Mulher.

Mas esse esbôço mesmo de adoração do typo feminino em sua occidental apothese, symbolisado na Virgem-Mãe, a Deusa dos Cruzados, era embaraçado pelos conceitos theologicos apresentando a Mulher como fonte do mal, causa do paraizo perdido e consequente origem das maldições e castigos que pesam sobre nós...

Mais felizes que nossos generosos antepassados, temos diante dos olhos maravilhados, nova éra, de amor, de actividade e de sabedoria:

Nosso sentimento, longo tempo melhorado de sua natural rudeza pelo convivio domestico que lhe desenvolveu o apêgo, e pelo culto á Patria que lhe imprimio veneração, transbordou de seus estreitos limites e expandio-se, todo bondade, enlaçando de eternas harmonias a Humanidade inteira!

Nossa energia, dirigida pelos ideaes de universal confraternização, sem mais destino militar, passou a desenvolver-se no concurso social da Industria.

E o nosso entendimento, libérto de ficções, attingio, pela submissão, a plena positividade.

Subordinando, por toda a parte, o egoismo ao altruismo, o progresso á ordem e a analyse á synthese, o espirito positivo elabora as diversas ordens de seus conhecimentos abstractos e coordena o conjuncto do saber humano em uma synthese subjectiva, feita de relatividade e sympathia...

Emancipados de coração e de espirito, não nos insurgimos, porém, contra o Passado; ao contrario, vamos nelle buscar tudo quanto offerece de grande e de terno!

Nossos padroeiros, exemplos para o nosso esforço de imitação, nós os escolhemos entre os Bayardo, os São Luiz, os Saladino, os Godofredo de Bouillon.

Inspirados nos seus feitos, buscamos reaccender, em nosos corações, "l'antica fiamma", do enthusiasmo sacro.

Escarnêça o scéptico e motêje o indifferente, — a nós, nada de humano alheio existe!

Conscientes dos deveres que nos impõem as necessidades sociaes, votamo-nos com o mesmo ardor antigo dos Cruzados ao amor e ao serviço continuo da Humanidade, a nossa terna e humilde Deusa, — providencia real de nossa vida, fonte do nosso amor, de nossa sciencia e de nossa industria!

Na despretençiosa simplicidade de nossa festa, vimos pedir, ao Padrinho de honra que a preside, a sagração de nossa mocidade nos mesmos devêres da Cavallaria!

Refloridos Templarios, a alma a transbordar de fé, aspiramos sêr os Cavalleiros novos de uma Humanidade redimida!

Filhos de amor sedentos, ao sacrificio promptos, agindo por affeição, e para agir, pensando, ançiamos viver ao bem prestantes, "sans peur et sans reproche".

Nosso rumo está marcado por pégadas de heróes! Seus nomes immortaes, a humana gratidão os guarda no Pantheon da gloria: Watt, Vausanson, Colombo, Newton, Berthollet, Lavoisier, Ampère!

A divisa que nos guia, signal do nosso empenho de filial devotamento, se resume toda em: *Amar e Servir*.

Amar a Humanidade para bem conhecê-la, e do seu conhecimento haurir os meios de melhor servi-la.

Amar é obedecer; por isso, o amor da humanidade nos dispõe á submissão voluntaria ao conjuncto de suas leis, destino immutavel que a rége.

Leis cosmologicas, leis biologicas e leis moraes, nós a ellas nos subordinamos, completando-as pelas nossas vontades.

A resignação se torna assim base necessaria da acção; o amor conduz ao aperfeiçoamento.

A Humanidade é o conjuncto crescente dos sêres que convergem; amá-la é viver por ella; servi-la é concorrer para o estabelecimento, em tempo cada vez mais proximo, da unidade humana, attingindo o verdadeiro pela Sciencia, o bom pela Industria, e o bello pela Poesia.

O verdadeiro Philosopho modérno, nosso modêlo e nosso guia, irmão de Descartes e de Aristóteles, filho espiritual de Condorcet, condensou o destino supremo do saber humano n'um preceito que é uma synthese religiosa: *saber para prevêr, afim de provêr*.

Só o conhecimento do mundo e do homem, nas leis moraes que os regem, permite-nos determinar-lhes as condições de existencia e prevêr-lhes as variações e os accidentes.

Pela sciencia prevenidos, tornamo-nos capazes de modificar os phenomenos, amparando a humana vicissitude contra os naturaes rigôres que a cercam.

Essa continua acção modificadora do Meio, para melhor adapta-lo ao conjuncto das nossas necessidades, é a função propria da Industria.

Esclarecida pela classe theorica, impulsionada pelo amor, a classe prática concentra sua existencia no aperfeiçoar e no utilizar melhor os recursos naturaes que o nosso planêta fornêce.

"O homem é o supremo chefe da economia natural que, em seu beneficio, modifica, sem cessar, com sábia ousadia, desconhecendo outros limites geraes senão os que decorrem

do conjuncto das leis positivas desvendadas por nossa activa intelligencia." (*Auguste Comte*).

O Fetichismo Inicial e a Theocracia Antiga são o bérço da industria humana.

A vida sedentária quando se constituiu em systema, ligou o conjuncto da sua evolução pratica a essa base necessaria de toda actividade normal.

Pela instituição das castas, que provêram á conservação dos productos e garantiram a transmissão dos processos, esboçou-se o desenvolvimento da ordem nascente.

Na Idade-média, apesar da sancção theologica da inercia, pela maldição divina do trabalho, a situação social correu da maneira mais decisiva para o pleno surto da actividade, que, de militar defensiva, passou, quasi toda, ás applicações pacificas.

O passo essencial foi a emancipação, que então se fez, do trabalho escravo. Libertaram-se as comunas!

Quando a liberdade foi ampla, surgiu o primeiro arca-bouço de organização industrial, pela separação da classe activa em operadores e dirigentes.

Estabeleceu-se a hierarchia dos chefes praticos, e a actividade pacifica aperfeiçoou suas aptidões technicas procurando substituir, por toda a parte, a força humana pelos agentes exteriores.

Livres, as comunas, constituídas pelos artifices e pelos sabios, ellas se occuparam unicamente de agir sobre o Mundo, modificando-o, tanto quanto possível, da maneira mais vantajosa á especie humana.

Tal foi a marcha invariavelmente seguida desde o começo: os sábios estudando a Natureza para conhecê-la; os artistas applicando esse conhecimento ás necessidades e aos desejos dos homens.

Os primeiros, pelas observações e pelas experiencias, procuraram as leis para instituir a previsão; os segundos, por ellas guiados, systematizaram a modificabilidade votando-se á producção dos objectos uteis ou agradaveis.

Todas as artes até então conhecidas foram aperfeiçoadas num prodigio, e multidão de artes novas surgio.

A agricultura multiplicou seus productos e renovou seus processos, concorrendo melhor ao sustento dos homens.

As relações commerciaes se dilataram, alcançando as plagas ignotas do Mundo Novo, recém-descoberto.

A acção da especie humana sobre a Natureza desenvolveu-se tanto que parece mesmo só ter então verdadeiramente surgido!

Era o provir em frente do passado,
A liberdade em frente á escravidão,
Era a lucta das aguias e do abutre,
A revolta do pulso contra os ferros
O pujilato da razão com os erros,
O duélo da tréva e do clarão!

CASTRO ALVES.

A natural affinidade entre o espirito scientifico e a actividade industrial vem se manifestando gradativamente a través de seu simultaneo evoluir.

Emquanto a sciencia tende a systematisar a Industria, esta lhe sérve de estímulo e lhe fornece inesgotaveis destinos.

Desse concurso normal resultando a disciplina expontanea que impede desvios por especulações ociosas.

Devido ás nossas necessidades materiaes, a actividade da pratica exerce preponderancia real sobre a intelligencia e mesmo sobre o sentimento. Em virtude de sua origem organica, essa preponderancia tem um character egoista, de personalidade. Mas, á medida que a civilização se apura, accentua-se a transformação desse estímulo pessoal em um movel symphathico. E é bello de vêr que dèssa fatal disposição que a principio nos paréce condemnar a um egoismo brutal, tira a Humanidade o seu principal triumpho!

Tal modificação nos nossos destinos vem de cada trabalhador alargar expontaneamente sua actividade, estendendo-a, de sua pessoal satisfação, a um objectivo, primeiro domestico, depois civico e emfim social.

Nessa transformação se funda a instituição do *Capital*, base da organização humana.

“Cada um póde produzir, mesmo nos casos menos favoráveis, mais do que consome, e os materiaes produzidos se conservam por tempo mais longo do que o necessario a dar-lhes substituição.”

Estas duas leis sociologicas, descobrio-as o genio sem par de Augusto Comte.

A primeira é condição de nossa existencia collectiva, pois nella se funda a aptidão de cada um a viver, não só para si, mas tambem para outrem.

A segunda, que suppõe a primeira, é tão essencial quanto ella, pois facil é reconhecer que, si os nossos productos quaesquer se destruíssem antes de poderem ser substituidos, toda civilização seria impossivel.

A combinação das duas nos permite o accumulo de nossas riquezas materiaes.

Assim formado, o Capital se torna o elemento necessario de todo o verdadeiro progresso. Permittindo a divisão dos officios, aperfeiçoam-se as capacidades technicas e a actividade de cada um é consagrada, cada vez mais, ao serviço dos outros.

Desde então, a concepção scientifica, a principio excitada apenas pelas nossas necessidades materiaes, reage profundamente sobre a expressão esthetica. E o conhecimento abstracto do homem e da sociedade melhora a arte sublime que desenvolve em nós o sentimento da perfeição.

Assim, a actividade industrial, prescripta pelas necessidades physicas, eleva-nos á construcção da sicencia e ao aperfeiçoamento da moral.

Cada sciencia, pelas leis que descobre, institue certo gráo de previsão e de modificabilidade nos phenomenos, e assim, gera uma *arte* correspondente, que vae ser a applicação, em casos concretos, dos axiomas abstractos.

A' Mathematica, no seu triplice aspecto, está ligada a arte do engenheiro; á Astronomia, a epopéa da navegação!

Por servir os homens, Prometheu rouba o fogo aos céos; Franklin aprisiona o raio; e, das leis que os regem, a Physica faz os prodigios da industria moderna.

De todas as sciencias, porém, a Chimica, é que fornece o instrumento principal da intervenção da Humanidade sobre o seu Planêta.

Dirigindo em seu beneficio as incessantes transformações das substancias; aproveitando a immensa energia que as reacções põem em jogo; accelerando ou retardando o evoluir dos phenomenos, a Humanidade regulariza, segundo suas necessidades proprias, a economia natural.

O problema pratico da existencia collectiva consiste, sobretudo, na mais ampla producção e na melhor conservação do *capital*.

De todas as sciencias cosmologicas, a Chimica é a que melhor concorre á sua solução, tornando-se o guia abstracto mais fecundo á acção aperfeiçoadora de nossa especie.

Esta ligação com o desenvolvimento industrial, por um lado, e por outro lado, suas propriedades altamente philosophicas, fazem resaltar sua importancia.

Pela modificabilidade dos phenomenos em que se applica, a chimica desenvolve, até o extremo, o sentimento de progresso.

Pela preponderancia da inducção e pelo concurso social que seu estudo faz sentir, dispõe-nos á humildade e á *sympathia*.

Pelos perigos, quasi sempre inherentes ás suas operações e pelos cuidados que qualquer exito ahí exige, ella tende a desenvolver a coragem, a prudencia e a firmeza.

E' portanto uma sciencia em tudo propria a concorrer ao aperfeiçoamento de nossa natureza, quando seu estudo é convenientemente instituido e realizado.

Sua influencia educadora se manifesta especialmente pelo seu inestimavel influxo á ascendencia do espirito posi-

tivo. Substituindo, em todas as suas theorias, o relativo ao absoluto, a Chimica demonstra que todas as transformações soffridas pelos corpos se reduzem a puras composições e decomposições, entre um certo numero de *elementos* constantes.

E assim, torna a intelligencia humana incapaz de conceber uma verdadeira *creação* ou *aniquilamento* effectivo.

Uma exposição esclarecida de Chimica é portanto incompativel com todo vestigio de crenças theologicas.

A importancia doutrinaria da Chimica, excéde de muito sua efficacia logica. Todavia, além do aperfeiçoamento especial que ella imprime ao methodo positivo pela instituição das nomenclaturas systematicas, offerece novo campo aos processos logicos desenvolvidos pelas sciencias anteriores e permite o esbôço dos artificios subjectivos proprios aos estudos superiores.

Sua posição na hierarchia abstracta mostra que tanto sob o aspecto logico como sob o ponto de vista scientifico, suas leis servem de ligação entre as existencias inorganicas e a organização da Humanidade.

Preparada pelas descobertas mathematicas, astronomicas e physicas, ella se constitue, em fins do seculo 18, como ultimo termo da Cosmologia.

Pela identidade da sua composição elementar os seres vivos se relacionam com os corpos inorganicos. A base da vida é um phenomeno de composição e decomposição, intestino e continuo. Entre mineraes e entes vivos a chimica reconhece apenas uma differença de gráo, na actividade propria.

Essas ligações entre os phenomenos se estendem aos methodos, tornando sob esse duplo parallélo, o estudo da Biologia, e portanto tambem o da Sociologia e da Moral, dependentes das doutrinas e da logica que a chimica institue e aperfeiçoa.

A sciencia, considerada sob o verdadeiro ponto de vista, é um phenomeno social e, por consequente, subordinada ás leis proprias da Humanidade.

Sem o conhecimento dessas leis, as concepções se tornam inintelligiveis em sua filiação e mesmo em sua natureza.

Vê-se assim que o estudo da Chimica, que se basêa nos phenomenos inferiores, não póde ser racionalmente estabelecido sem a reacção das sciencias superiores.

Só a biologia, a sociologia e a moral permitem plenamente aperfeiçoa-la e coordena-la. A biologia e a sociologia assignalam um fim preciso ás suas pesquisas destinadas sempre a estabelecer a base da concepção da vida vegetativa e os elementos theoricos que são indispensaveis á acção da Humanidade sobre a Terra. Além disso ellas lhe fornecem os methodos de comparação e de filiação cujos serviços são completados pela moral que prepara o methodo subjectivo, sem o qual qualquer systematisação é impossivel.

Assim, referido á Humanidade, o dominio dos phenomenos chimicos se enobréce pelos serviços que presta e se aperfeiçoa pelo influxo regenerador que recebe.

Em paginas eternas da Politica Positiva, o Mestre do saber e da bondade desvenda ao nosso entendimento maravilhado, esse longo evoluir de pensamentos, de sentimentos e de actos que se encadeiam no continuo aperfeiçoar da Humanidade.

Elos sagrados da corrente viva que ha millenios fecunda a Terra de amôr!

Humanidade — memoria dos mortos, inspirando e guiando os vivos — alma collectiva, summa de todos os altos pensamentos, de todos os nobres sentimentos, de todos os grandes esforços — Grande Sér, semente excelso de altruismo!

Na humildade filial que anima o alvorecer de nossas vidas nós te offerecemos o melhor de nossa alma para te servir e para te amar!

Em teu louvor, cantou, o mais Poéta dos teus filhos, versos eternos de adoração e reconhecimento; ungidos de

amor e de fé, nossos corações irmanados te dirigem essa mesma oração de eterno culto:

"In te misericordia, in te pietate",

"In te magnificenza, in te s'aduna"

"Quantunque in creatura é di bontate"

"Vergine madre figlia del tuo figlio"

(DANTE).

Illustrados e caros Professores, amigos nossos e nossos guias!

No transbordamento das emoções de gratidão e saudade que nos agitam a alma, nós nos penitenciamos de nossas culpas e vos dirigimos em sincera exaltação, admiração e louvores!

Destinados a seguir a mesma especialidade technica que dignifica vossas existencias, cada um de nós se sentirá feliz de poder acompanhar os vossos traços.

Ambicionamos ser, como vós, zeladores desvelados dos fructos já colhidos e, na medida de nossas forças, collaboradores, humildes mas apaixonados, nas sementeiras de futuras fructificações.

Mestres que o tempo não apagará dos nossos corações, aceitae a homenagem affectuosamente expontanea de nossa estima, de nosso reconhecimento e de nosso profundo respeito!

Meus Collegas, amigos meus e meus irmãos.

Salve!

Perdoae que eu cale na intimidade do coração o affectuoso expandir da amizade que o agita em commovido arfar.

Guardemos para o convivio interior dos dias que virão, a lembrança encantadora dos nossos tempos de Escola, em todos os seus pormenores e nos seus mais intimos recessos.

Temo de a extranhos olhos desvendar o mundo florido

de nossos sonhos e de nossos castellos, pois no tremôr da emoção, quem sabe, si ruiriam por terra?!

Irmãos! Sejamos uma só alma pensando e agindo em communhão de esperanças e projectos!

Unidos nos mesmos ideaes prolonguemos, pelo viver futuro, o fraternal congração de nosso entusiasmo e de nossos esforços, entre-ajudando-nos e entre-soccorrendo-nos!

Ave, irmãos!

Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon, nobre exemplo de fecundo labor e utilissimo saber!

Desde os primordios do nosso Curso ambicionamos, em nossas juvenis aspirações, solicitar a honra, subida para nós, de ser V. Ex. o Paranymphe dos compromissos juramentaes de nossa formatura.

O nome de V. Ex., quando V. Ex. era quasi de nossa idade, já se fizera de serviços conhecido.

E não cessaram de crescer, de então até hoje, os motivos que impuzeram V. Ex. á nossa respeitosa admiração.

No magisterio, nos emprehendimentos particulares, na gestão publica, V. Ex. tem sido um reformador incansavel, sempre attento ás necessidades de nossa Patria, auscultando-lhe os reclamos e remediando-lhe os males.

Na grandeza futura que a espera, os posteros ajuizarão melhor da civica contribuição de V. Ex., e estamos certos, inscreverão entres os maiores, os serviços de V. Ex. para o alevantamento nacional.

Em nossa manifestação, digne-se V. Ex. de receber o sincero expressar de nosso social devotamento.

A V. Ex. tomamos como padrinho de honra no compromisso solemne que prestamos de servir com lealdade cavalheiresca a Familia, a Patria e a Humanidade guiando continuamente a nossa conducta, em todos os azares da nossa actividade futura, pela religiosa maxima medieval:

Cumpre teu dever!

Uma grande salva de palmas resouo quando o orador pronunciou as ultimas palavras, e, enquanto a banda de musica tambem se fazia ouvir, recebia elle cumprimentos e abraços dos professores e dos collegas.

O Sr. Ministro Presidente da sessão solenne, deu a palavra ao Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, paronympho da turma dos Chemicos industriaes.

S. Ex., subindo á tribuna, pronunciou o seguinte discurso:

“Minhas senhoras.

Meus senhores.

Meus jovens amigos.

Nos passos accidentados da existencia haveis de recordar sempre a data de hoje, em que recebeis a consagração dos vossos mestres. São as primicias dos vossos triumphos e das vossas glorias na vida profissional.

Nesta, raramente encontrareis o premio immediato dos vossos esforços. A certeza, que daqui levaeis da vossa capacidade, vos dará animo para proseguir na tarefa encetada, a despeito dos insuccessos, até vos sorrir a fortuna, coroando a vossa pertinacia e a vossa fé.

Escolhetes uma profissão nova ainda no Brasil e, por isso, assumis maiores responsabilidades perante vós mesmos e perante a Escola de onde sahis e cujo renome, em outras especialidades, é uma gloria nacional.

Completa ella agora meio seculo de existencia e pode-se dizer que data de sua fundação o grande surto de progresso em todo o paiz.

Aqui se preparam homens para as profissões da vida, que são as unicas creadoras de riqueza e as unicas competitivas com as exigencias de nações novas, que não têm de que viver senão do que produzem.

Attentae na civilização americana, que fez do Engenheiro, desde o inicio, a sua providencia.

A distancia é o que caracteriza a civilização na America, disse-o mui justamente Ferrero. Ou as nações deste continente vencem a distancia ou não ha nelle civilização. Eis porque os Estados Unidos construíram mais vias ferreas do que todas as nações do mundo juntas e antes de quaesquer outras.

De como se desobrigou a Escola de tal missão no Brasil, dil-o o quadro do nosso desenvolvimento ferroviario de 50 annos a esta parte.

Fallam, porém, mais alto do que o numero de kilometros os grandes mestres que ella formou, entre os quaes figura Paulo de Frontin, cujo jubileu commemora-se em breves dias, porque o seu exemplo é uma grande lição de confiança nos destinos da engenharia brasileira, com os quaes estão consubstanciados os da propria nação.

Quando os americanos do norte começaram os seus primeiros trechos de estradas de ferro, estava ainda a chimica na infancia das suas applicações praticas. Hoje proclama-se que a civilização de cada povo se estima pelo numero de chemicos que possui por *n habitantes*. Está claro que isto é para os paizes já dotados de copiosa rêde de estradas de ferro e de rodagem, sem as quaes ficariam os povos como organismos que pretendessem viver de reacções chemicas, mas desprovidos de circulação, que as promova e aproveite.

Vêde, pois, a quanto vos aventuraes, escolhendo para vossa profissão a chimica industrial, em que se depositam tão fundadas esperanças para a grandeza nacional.

O ambiente desta Escola, em que formastes os vossos espiritos, e a dedicação dos vossos mestres, hão de grangear-vos constantes e felizes successos na carreira que ides iniciar.

Cumprimento, portanto, que não sejaes victima de veso muito commum entre nós.

Receio que a falta de concurrencia não vos leve a descuidar o vosso aperfeiçoamento tecnico, que é o segredo, antes de tudo, do triumpho na carreira que abraçastes.

Não posso deixar de lastimar a má comprehensão, que se nota em alguns dos cursos de chimica industrial recém-fundados, dos verdadeiros objectivos que dictaram a sua criação.

Pensae em que a sorte de industrias, de que dependem centenas, senão milhares, de operarios, vos é confiada, e nas consequencias que póde ter, em relação aos consumidores, o máo fabrico de producto chimico.

E' uma profissão cujo exercicio exige de vossa parte rigorosa probidade scientifica e esta ha-de attrahir-vos frequentes contrariedades, tal o entranhado apego ás fraudes que se observa ainda na nossa producção agricola e industrial e no commercio.

Tendes, portanto, elevada missão social, a que, estou certo, haveis de corresponder plenamente, imbuidos como estaes, dos mais nobres sentimentos adquiridos no convivio de tão dignos mestres, cuja autoridade moral foi sempre o apañagio desta Escola.

Tem a chimica moderna correlação com todas as manifestações da vida, o que a torna a sciencia humana por excellencia.

Nenhuma, pois, mais digna de ser cultivada com ardor do que ella, que não regateia ao homem os segredos da natureza porporcionando cada dia novos meios de investigação e de descobrimento.

Quantos problemas solicitam a vossa preferencia e esperam das vossas luzes solução satisfactoria.

Os cursos de chimica no Brasil precederam a Independencia, mas, até hoje, não nos deram os fructos que deviam brotar do contacto com uma natureza virgem e rica de materias primas.

As industrias, que já existiam naquella época, como a do assucar, não soffreram a influencia benefica da applicação dos seus ensinamentos.

Continuamos a ter os mais baixos rendimentos em confronto com todos os outros paizes productores, excepto a In-

dia ingleza, que só agora está despertando para a vida civilizada.

Aos novos cursos de chimica cabe desfazer os preconceitos que annullaram durante um seculo os efeitos de tão feliz iniciativa no periodo colonial.

Por mais bem dotado que seja pela natureza, nenhum paiz resiste á concurrencia da producção estrangeira, quando não se orienta pelos mesmos principios de organização scientifica e technica.

E' conceito sedição, mas de que ainda não nos compentramos sériamente.

Justificam os interessados a sua recalcitrancia em adoptar taes innovações com a falta de profissionaes em condições de prestar serviços efficazes, pois têm horror aos homens livrescos e de meia sciencia que vão aprender á custa deiees.

Sobra-lhes razão em temer a intervenção de technicos desse estofo, que, sobre acarretarem prejuizos, em vez de lucros, desorganizam os serviços existentes.

Sempre me lembro da primeira tentativa, que se fez na Bahia, de collocar chimicos nos engenhos centraes de assucar.

Contratou-se, ha cerca de 20 annos, um profissional no estrangeiro, a quem se entregou o "contrôle" da fabricação do assucar numa das principaes usinas do Estado.

Iniciados os trabalhos da moagem, era elle objecto de curiosidade geral e eis quando lhe chamam a attenção para a necessidade de verificar a marcha do vacuo, apparelho em que se opera o cosimento da massa. Com surpresa de todos, installa-se no posto conveniente e sacca do bolso um caderno de notas, que se põe a consultar. Antes de tirar os olhos do papel, corria o antigo mestre de assucar a prevenir que a carga estava perdida por ter passado o ponto proprio do cosimento.

Diante do consideravel prejuizo, que acabava de dar, foi posto á margem, mas, em vista dos termos do contracto, teve de pagar a empresa seus honorarios durante dous annos.

De então para cá, nenhuma usina mais quiz repetir a experiencia e não ha convencer do contrario os responsaveis pela direcção das emprezas, que receiam novos insuccessos.

Dupla é a illação que se colhe no caso. Primeiro, para se acreditar um chimico industrial, importa que o seja de verdade, isto é, que tenha a pratica industrial, antes de assumir a responsabilidade de direcção de qualquer serviço. Segundo, não podemos recorrer a profissionaes estrangeiros, senão em casos muito especiaes, para esses misteres, visto que raramente conseguimos attrahir homens de real capacidade, que não são disputados no seu proprio paiz de origem, salvo pagando nós sommas fabulosas, como fizeram os americanos do norte durante muito tempo.

Dahi, o empenho que devemos pôr em possuir technicos brasileiros que se mostrem dignos emulos dos japonezes, tão de prompto affeiçoados ás praticas industriaes mais complexas, mediante longa e methodica aprendizagem em paizes mais adiantados.

Asseguro-vos, que, nesse sentido, serão alteradas as instrucções relativas aos cursos de aperfeiçoamento no estrangeiro, de modo que logreis voltar de lá profissionaes consumados e capazes de rehabilitar, entre nós, as normas que devem hoje presidir á vida agricola e industrial, afim de que o traab lho se torne benção divina.

Deus apiedou-se do homem e deu-lhe meios de redimir o trabalho, que era o seu castigo na terra. Façamos da nossa parte, para merecer o Brasil essa graça da Providencia.

A que gráo de progresso attingirá o paiz, quando, pela observação dos processos da natureza, de que a funcção chlophiliana nos ha de servir para modelo, resolvermos o problema do aproveitamento directo da energia solar, que, em muitas zonas nossas, pelo seu excesso, ainda é fonte de morte e não de vida?

Todos os que se preocupam com o possivel esgotamento das reservas de combustiveis fosseis, esperam da chimica solução definitiva para obtenção da energia necessaria ás exigencias crescentes do mundo civilizado.

Talvez nenhuma região do globo offereça maiores recursos aproveitaveis para esse fim do que o Brasil, onde a proffissão de chimico ha de cercar-se de prestigio cada vez mais asignalado pela mèsse de beneficios que irão espalhando os que a exercerem com probidade, competencia e patriotismo.

Assim o fareis, porque já déstes provas cabaes de lidi-ma comprehensão do dever durante o vosso brilhante curso e, de tal arte, honrareis as tradições desta Escola, que vos deu generoso agasalho no seu seio e que de vós espera todo o bem.

Meus jovens amigos: agradecendo-vos a lembrança do meu nome para vosso paranympho, que tanto me penhorou, auguro-vos, de coração, todas as felicidades.”

O Sr. Ministro da Agricultura, ao terminar, recebeu calorosos applausos, sendo muito cumprimentado e abraçado pelos professores e pelos chimicos industriaes, enquanto a banda militar executava uma vibrante marcha.

Seguiu-se a collação de gráo dos engenheiros geographos. Feita á chamada pelo Sr. Dr. Secretario da Escola, a ella responderam os seguintes alumnos:

Carmen Vellasco Portinho.
Antonio Carlos Leite Pinto.
Victor Resse de Gouvêa.
Haroldo Lisbôa da Graça Couto.
Jeronymo Serafim Barcellos.
Francisco Cicero de Mello Filho.
Rufino de Almeida Pizarro.
Roberto do Couto Pereira.
Carlos Borges de Andrade Ramos.
Luiz Alberto Whately.
Gil de Souza.
Zeferino Amaro de Avila da Silveira.
Oswaldo Pereira Guimarães.

Joney Nunes de Almeida.
Sylvio do Couto Fernandes.
Arnaldo da Silva Monteiro Junior.
Oscar Carvalho de Toledo.
José Benedicto de Moraes Lacerda.
Luiz Ernesto Burlamaqui de Mello.
Adalberto Cumplido de Sant'Anna.
Humberto Nobre Mendes.
José Oriano Menescal Netto.
Milton Peixoto Maia.
Vicente de Paulo.
Gil Junqueira Meirelles.
Fernando da Silva Porto.
Raymundo Barbosa de Carvalho Netto.
Marino Rangel Brigido.
Raul Olympio Bastos.
Ruben Gomes dos Santos.
Luiz Waldemar Vacchias.
Gentil Ferreira de Souza.
Diogo Borges Fortes.
Henrique Villela dos Santos.
João José Pinto.
Affonso Cezario Alvim.
Waldir Trajano da Costa.
João Las Casas de Araujo.
José Severiano Tavares.
Hortencio Pereira Gonçalves.
Themistocles Berardinelli.
Tito Livio de Sant'Anna.
Pericles Moreira Senna.
Oscar Lisbôa da Graça Couto.
Luiz Onofre Pinheiro Guedes.
José de Oliveira Reis.
Roldão Alves da Silva.
Benjamin Floriano da Graça Aranha.
Samuel Cantarino Motta.
Luiz Fritz Campos.

Antonio Balesteiro.
Henrique Cunha.
José Souza de Miranda.
Alberto de Souza Nazareth.
Mauro Santos.
Almir Affonso Brandão Maciel.
Fernando Teixeira.
Julio da Costa Barros.
Segismundo Martins Fontes.
Luiz do Amaral Garcia.
Eimiliano dos Reis Gomes Macieira.
João Maria Brochado Filho.
Hugo Mello Mattos de Castro.
André dos Santos Dias Filho.
Nahul Benevolo.
Roberto Demarché Bergallo.
Celso Mendes da Fonseca.

O compromisso legal prestou-o a senhorinha Carmen Velasco Portinho, confirmando-o todos os demais engenheiros.

O Sr. Dr. Paulo de Frontin, na qualidade de Director da Escola, lhes conferiu, em nome do Governo da Republica, o gráo de engenheiro geographo, pronunciando a formula regimental.

Vigorosa salva de palmas receberam os graduandos, sendo a senhorinha Carmen Portinho, nessa occasião, alvo de significativa manifestação de apreço de seus collegas, que lhe offereceram linda corbeille de flores naturaes.

O Sr. Ministro do Interior concedeu, então, a palavra ao Sr. Humberto Nobre Mendes, orador da turma, que da tribuna, pronunciou o seguinte discurso:

“Minhas senhoras
Meus senhores.

Calculae o nosso acanhamento, a nossa confusão, falando perante tão egregio e douto auditorio, quando nítidos estão, em nossa retentiva, os conceitos brilhantes de

um grande escriptor, que, em phrases finamente buriladas, assim se expressava:

“De todas as artes, a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra’.

Senhores! nem a nossa apregoadá incapacidade em dialectica e oratoria, nem a nossa incompetencia em lidar com as flores da eloquencia e da rhetorica, nada nos impede, embaraça ou estorva de virmos, segundo a praxe estabelecida por turmas passadas, agradecer aos nossos mestres.

Alcançamos, hoje, o titulo de engenheiro geographo; titulo que, verdade seja, materialmente pouco vale em nosso paiz, e cuja existencia, em nosso curso, se pode comparar a um oasis viridente, perdido em arido deserto, onde o viajor vencido pelo cansaço da longa caminhada, crestado pelas ardentias solares, que o areal intensamente reverbêra, acosado pelo inclemente simoun, venha repousar, reanimar-se e após, proseguir, mais decidido e esperançoso, a róta da jornada iniciada.

Como ao viandante, no inicio da jornada, as difficuldades os empecilhos, nos assoberbaram, e não raro, apesar de prestes dominado, o desanimo de não attingirmos a méta collimada, de nós se apossou, fazendo-nos ouvir as palavras “colore scure” do poeta florentino, traducção brilhante da desillusão eterna.

Porém, hoje, vencida a etapa mais difficultosa da nossa vida academica, adquirida uma certa experiencia, desbravado o espirito, eis-nos chegados ao ponto, em que saudosos nos despedimos do Curso Geral, penetrando, intrepidos, nos dominios da Engenharia Civil, campo futuro das nossas actividades.

Reconhecemos ardúa a tarefa que nos resta vencer; após alcançarmos o titulo em busca do qual mourejamos, não se nos afiguram insignificantes, despreziveis, as difficuldades a remover.

Devemos, porém; habituar-nos com os reversos das medalhas, com a parte desagradavel dos factos, porquanto a

mocidade de nossos dias não pode, nem deve, lançar mão dessas lunetas, extranhamente feitas para illudir, de accôrdo com o ponto de vista, e a intensidade dos males.

A mocidade deve confessar claramente o que vê, e firmar o proposito inquebrantavel de vencer a tendencia constante do brasileiro a illudir-se, pintando as situações menos desagradaveis do que são na realidade.

E’ tempo, aliás, de reconhecermos naquella tendencia uma fuga ao raciocinio; uma infantilidade suppôr que, males não confessados, excluidos estão da realidade, como supprimidos estão no pensamento.

E’ axiomatico, é evidente, que os males não se minoram pelo conhecimento ou pela ignorancia; porém, conhecel-os, é condição necessaria para eliminá-los.

Conscios estamos de vencer todos os empecilhos, que se nos antolhem, porquanto, nesta Escola, educa-se o espirito, desenvolve-se o raciocinio e principalmente retempera-se, fortifica-se a alma, tornando-nos mais aptos para a lucta.

Por isso, senhores, não nos sentimos amesquinados, nem constrangidos, agradecendo publica e ostensivamente aos nossos egregios mestres.

Convictos estamos de que não haveis de julgar lisonja, o manifestar expontaneo da gratidão do alumno pelo mestre; ao contrario, se acreditardes em Marco Aurelio, a suprema eclosão do estoicismo, julgareis um sagrado dever.

Como traducção legitima dos nossos sentimentos, acclamámos paranympo o Dr. Amoroso Costa, reconhecendo que, homenageando-o, homenageavamos a propria Congregação.

Não julgueis, senhores, nem de leve vos passe no pensamento, que venhamos traçar aqui o perfil intellectual desse vulto eminente, que fulgura no corpo docente da nossa Escola, e cuja fama, desprezando os mesquinhos obstaculos, creados por uma lingua, que é o tumulo do pensamento,

atravessou as aguas revoltas do Atlantico, écoando no velho continente.

Sabeis, é quasi inutil repetil-o, para que haja um estudo critico, ponderado e justo, neecessario se torna, que os individuos estejam mais ou menos em plano de igualdade; e confessamo-nos, sem rebuços, relegados a plano infinitamente inferior.

Mas, se o discipulo é incapaz de analysar a obra intellectual do mestre, sentindo-se pequenino ante sua vastidão e complexidade, nada o impossibilita dizer algo de notavel sobre a personalidade do professor, apreciada atravez a intimidade dos annos lectivos.

Muito poderiamos dizer, recordando as impressões, que, fortemente gravadas em nossa memoria, desafiam incolumes a acção destruidora do tempo; porém, synthetizando tudo o que pensamos, diremos apenas que os actos de Amoroso Costa reflectem sobretudo muita amabilidade.

Ao terminar, senhores, mais uma vez affirmamos, com desassombro, que a mocidade estudiosa, cuja intelligencia se desenvolve á sombra protectora desta Escola, supremo baluarte da instrucção no Brasil, não se intimida ante as difficuldades presentes; tem confiança illimitada no futuro, porque, se o futuro para os fracos é o impossivel, para os fortes é o ideal.

Uma grande salva de palmas acolhe o finl do discurso do ordor da turma de engenheiros geographos, sendo elle muito cumprimentado.

O Sr. Dr. João Luiz Alves, concedeu a palavra ao professor, Dr. Manoel Amoroso Costa, paronympho da turma de engenheiros geographos.

O illustre professor começou agradecendo a seus jovens alumnos a significativa prova de apreço, com que o distinguiram, escolhendo-o para paronympho, e, em seguida, felicitando-os pela passagem do pri-

meiro marco da jornada academica, concitou-os a continuar com o mesmo ardor a faina gloriosa dos estudos para completarem o curso definitivo necessario á carreira profissional que elegeram.

Ao terminar a sua allocução recebeu o orador muitas palmas, sendo muito cumprimentado.

Em seguida foi a collação de gráo dos engenheiros industriaes e de um engenheiro mecanico e electricista.

O Sr. Dr. Secretario da Escola fez a chamada dos alumnos que terminaram o curso de engenharia industrial, respondendo a ella os Senhores:

Vicente de Oliveira Glaude,

Mario Ronchini,

Marcelino de Fretias Arruda

Horacio Reis Cantanhede Almeida.

O Sr. Vicente de Oliveira Glaude leu o compromisso regimental, que foi por todos confirmado. E o Sr. Dr. Paulo de Frontin, como Director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, cnferiu-lhes, em nome do Governo da Republica, o gráo de engenheiro industrial.

Ao mesmo tempo que as palmas no recinto saudavam os novos engenheiros industriaes, a banda militar tocava uma marcha vibrante.

Chamado pelo Sr. Dr. Secretario, compareceu em seguida o Sr. Abrahão Izeckson, que concluiu o curso de engenharia mecanica e de electricidade, ao qual, após o compromisso legal, foi conferido pelo Sr. Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola, em nome do Governo da Republica, o gráo de engenheiro mecanico e electricista.

A banda militar se fez de novo ouvir abafando as palmas que écoaram pelo vasto salão.

S. Ex., o Sr. Ministro do Interior deu a paalvra ao Sr. Vicente de Oliveira Glaude, orador da turma, o qual, subindo á tribuna, pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Representante de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, Exmo. Sr. Ministro, Exmo. Sr. Reitor da Universidade, Exmo. Sr. Director da Escola Polytechnica, Exmos. Srs. Professores, Exmos. Srs. Paranympchos e Homenageados, minhas Senhoras, meus Senhores e Collegas.

A' escolha do paranympcho existem varias difficuldades a vencer, umas de ordem principal outras de ordem secundaria; procuramos prestar esta homenagem, mil vezes merecida, ao illustre membro desta douta congregação, Dr. Luiz Cantanhede, não só por ser o ardoroso propugnador da equiparação dos cursos desta nobre Escola, mas pela maneira de encarar os varios ramos de Engenharia, devotando um grande carinho para com os cursos especializados, quer o Industrial, quer o de Mechanica e Electricidade. Vem mesmo o illustre mestre se batendo desde ha muito pela equiparação dos nossos cursos; achamos que grandes são as vantagens que a todos nós esse melhoramento acarretará, digo assim, porque, somos nós, sahidos das Escolas de Engenharia que havemos de incentivar em todo o territorio nacional o progresso em nosso ramo.

As industrias crescem, de pequenas que eram, vão se tornando vultuosas; os technicos, que ao principio não eram considerados necessarios, hoje tornam-se poderosos auxiliares, na lucta insana de dia á dia para melhor produzir e em condições de competir economicamente com uma sua similar.

Estou deante de vós, como interprete dos sentimentos dos meos illustres collegas, deante de vós, para vos transmittir, por meio destas minhas palavras, a alegria nossa, grande, em podermos, dor'avante, cooperar para o fim existente em todos os corações Brasileiros, que é o de ver este nosso mui querido torrão hombrear-se com as mais progressistas nações do mundo.

Deixaremos é bem verdade o vosso convívio, faltar-nos-hão por certo as vossas attenções e as vossas palavras, as vezes optimistas, as vezes com pessimismo, deixando no entanto transparecer o amor pelo nosso paiz.

Acceitando esta incumbencia, procurarei vos mostrar por intermedio de palavras singelas e leaes, o que eu e meus collegas pensamos e sentimos. Pensamos que temos, para cada um de vós, uma di-

vida. Esta divida é a da gratidão, que se não paga nunca e que vos pagando sempre, sempre mais nós vos devemos.

Precisamos d'agora em diante ter muita força de vontade, pois sem ella, no mundo não estariam construidas as maravilhas em todos os ramos da actividade humana. Sem ella, o desanimo avassalaria todos, e todos viveriam em marasmo; bem verdade é, que nos traz uma ddiva perniciosa — a ambição, mas sem a ambição considerada como um desejo, ou um ardor de possuir, onde estaria a coragem para todos os empreendimentos da vida? Como haveriamos de obter o bem estar crescente dos homens? Estariamos sem ella em decadencia.

Partiremos. Cada um de nós seguirá o seu destino, a sorte nos guiará. Os premiados vencerão, os outros serão vencidos. Embora tenhamos o contentamento de haver terminado o nosso curso, sentimos bem uma saudade, que é motivada por vos deixar. Para haver um sorriso, é necessario ter havido uma lagrima. E' a dependencia natural da tristeza para a alegria.

Poucos são os momentos em nossa vida em que nos achamos verdadeiramente felizes, este é um delles, poder estar deante desta douta congregação, em nome e por benevolencia dos meus mui prezados collegas, para vos fazer sentir o que realmenté elles e eu sentimos. Muito embora este momento de solemnidade não comporte dizer em palavras impregnadas de poesia o que nos vae n'alma, não me posso furtar de vos dizer da maneira mais singela que temos um coração que estua, palpita e vibra pela Escola que ora deixamos em busca de felicidades futuras. A sorte está lançada. Pouco importa o que nos possa succeder, sabemos sim que a nossa vontade é uma unica — a de podermos trabalhar, cooperando para o engrandecimento da nossa querida Patria.

Exmos. Srs. Professores, nós vos agradecemos as vossas sabias lições; embora tivessesemos as nossas preferencias, todas, aqui, eu vos affirmo, terminaram; e se algum dia, isto é bem certo, necessitarmos, contaremos com as vossas magistraes palavras como conselhos.

Collegas:

Nós que escolhemos a carreira de Engenharia, temos, a começar de hoje, sérias obrigações contrahidas. Não podemos cruzar os

nossos braços. Devemos procurar acompanhar de perto todas as modernas concepções humanas, adaptando-as ao nosse meio, e ainda desenvolvê-lo para que se as possam adaptar.

Vemos presentemente, em nossa epocha, a electricidade quasi todos os ramos industriaes avassalar, sob todos os seus aspectos — luz, força e ondas — nas suas variadissimas applicações e substituir, por seu elevado rendimento, todos os outros meios de produzir o que a humanidade necessita.

Vemos o nosso Paiz, vasto e immenso, com as suas innumeradas quedas d'agua, sendo pois privilegiado para as installações das usinas hydro-electricas.

Maravilhosas são as suas cachoeiras e as suas corredeiras, maravilhosos os seus caudalosos e inegalaveis rios, maravilhosas são as suas inexgotaveis florestas, maravilhosos os seus inexhauriveis thesouros mineraes, que esperam que cada um de nós vá e desbrave, descubra, revolve e faça incentivar o progresso, onde elles estejam situados e estão, Exmos. Senhores, por toda esta grandiosa concepção divina (o Brasil), a nós concedida por presente, como o mais precioso fructo da terra, e do omnipotente Creador de tudo.

Amae a natureza inteira com alma, pois que nossas almas foram feitas para vibrar, assim como a materia para soffrer os effectos de suas vibrações.

Quero aqui deixar expressa uma verdade: embora fossemos julgados differentemente, eu posso vos dizer que todos nós, sem uma discordancia, sem uma sombra que toldasse todos nós, Exmos. Professores, tinhamos um só fim collimado, que era o de nos esforçarmos o maximo. A união era completa: o que um dizia, era o que a nossa turma fazia, sem discrepancia de uma só voz.

Sinto-me muito feliz por isto, acham-se tambem cheios de prazer os meus prezados collegas. Havemos de vencer, tenho fé immensa, pois que temos força de vontade grande.

Aos Exmos. Srs. Drs. Luiz Cantanhede, Dulcidio Pereira e Adolpho Murтинho, dignissimos membros desta douta Congregação, offerecemos esta homenagem, simples e despretenciosa, para que possamos agradecer o interesse que mostravam por toda a nossa turma.

Ao terminar o discurso foi o orador muito cumprimentado por

seus collegas, e saudado pelos assistentes com uma grande salva de palmas, fazendo-se tambem ouvir a banda militar.

O Exmo. Sr. Dr. João Luiz Alves concedeu em seguida a palavra ao paronympho da turma, professor Dr. Luiz Cantanhede de Carvalho Almeida, que pronunciou o seguinte discurso:

A vossa lembrança, escolhendo para paronympho um professor cujas aulas ouvistes no começo do curso, ha alguns annos, obscurecidas mais tarde, se é que vos haviam deixado alguma impressão, pelos interessantes ensinamentos dos estudos especiaes, nas bellas lições dos mestres que conseguem valorisar o curso industrial tão mal organizado em nosso actual programma de ensino, foi devido, por certo, ao carinho que me vistes dispensar aos cursos industriaes, em um projecto de reforma de nossa Escola que tive a oportunidade de offerecer á apreciação dos responsaveis pelo destino do ensino technico no Brasil.

Nas idéas que offereci para uma reforma dos cursos desta Escola, procurei equiparar em importancia e meios de acção os cursos de engenheiros civis ou de trabalhos publicos, e os de engenheiros industriaes e electricistas, fazendo desaparecer a differença de preparo geral encyclopedico que a actual organização estabelece entre uns e outros, differença illogica e prejudicial á formação dos engenheiros industriaes. E esse carinho pelo ensino industrial no seu mais elevado gráo, o da formação dos engenheiros, dos directores de usinas e fabricas, dos grandes obreiros da formação economica de uma futura potencia industrial que todos aspiramos em ver formar na terra do Cruzeiro, é consequencia da enraidação no meu espirito, desde muitos annos, da preocupação pelo desenvolvimento economico organizado de nossa Patria.

Houve uma época, meus jovens collegas, já lá vão muitos annos, em que eu era moço como vós; atravessara o curso da Escola em uma quadra agitada, quando ainda

existia forte espirito academico; quando os estudantes não vestiam casaca e só eram estudantes; com pouco dinheiro no bolso, mas com muito panache e independencia; gozavam da maior liberdade e riqueza, a de nada possuir; não recebiam perder os empregos porque não os occupavam; não roubavam horas ás aulas e estudos para frequentar os cinemas e discutir estrellas da tela, mas para fazer *meetings* neste mesmo historico largo de S. Francisco, prégando idéas de liberdade, animando as correntes politicas mais adeantadas e com alguma turbulencia, mas com muita alma e sinceridade, trabalhando firme e resolutamente pela independencia politica do Brasil, baseada em elevado civismo, e almejando a sua independencia economica, baseada no desenvolvimento da riqueza nacional pelo trabalho orientado do homem instruido.

Nessa época, a obtenção do titulo de engenheiro, recebido sem as festas e as flores de hoje, dava ao alegre e turbulento estudante da vespera, o ingresso nos trabalhos publicos, onde ia praticar a sua theoria, auxiliando a produção do paiz, principalmente no aparelhamento dos meios de comunicação.

A principal função do engenheiro, que é, na phrase lapidar de Victor Cambon, a de produzir, no sentido mais extenso da expressão, ainda quasi não havia apparecido entre nós.

A industria nos seus multiplos ramos de acção, era embryonaria; e a pratica surgida de uma longa elaboração sem technica, era a unica escola industrial; as posições nas fabricas e nas usinas, de uma industria incipiente, ou estavam entregues a estrangeiros ou eram para os titulados o castigo destinado aos merecedores de punição ou aos que não podiam, por escassez de habilitações, fazer figura na grande escola de trabalhos publicos que são os serviços officiaes, desde 1854, quando foram plantados os primeiros trilhos no sólo do Brasil, escola que em 1900 já apresentava a Engenharia Brasileira em grande destaque e nella havia formado um brilhante corpo technico.

O prestigio do Estado era tudo; só o Estado creava, só o Estado produzia, quasi só o Estado consumia; e, absorvendo todos os serviços, attendendo na sua direcção, menos ás necessidades reaes do Paiz, do que ás necessidades virtuaes formadas pelo espelho dos interesses secundarios da politicalha, assim era o funcionamento da aparelhagem administrativa do Brasil.

O Estado não explorava industrias, senão as de transporte que então, como hoje, explorava mal.

A iniciativa individual, fóra do patrocínio do poder publico não existia; a desorganiação do trabalho agricola, pela humanitaria, mas anti-economica lei da abolição immediata da escravatura, produziu as perturbações economicas e politicas no paiz que sacudiram no Rio de Janeiro, como reflexo, um throno quasi secular, em uma manhã de Novembro, deante da população bestialisada, na phrase pittoresca e verdadeira de Aristides Lobo, sem um movimento de resistencia que denunciasse uma opinião a ser deslocada, por uma corrente de outra opinião victoriosa. Na machina administrativa um barrete phrygio substituiu uma corôa fechada e o Estado republicano continuava a ser paternalmente o curador geral de todos, succedendo nessa função ao Estado monarchico que a exercera por muitos annos.

Pois, meus caros collegas de hoje, nessa época que já vae longe e eu era moço, como vós, com saudades o recordo, com a franqueza que os cabellos brancos ainda não conseguiram tornar prudente e lisonjeira, eu prégava a engenheiros moços, como eu, na commemoração do quarto centenario da descoberta do Brasil, em 1900, a necessidade de nos unirmos, os moços de então, aproveitando o ardor e o entusiasmo da mocidade, para uma reacção contra o regimen de esperar tudo do officialismo, esperando só do Estado os melhoramentos materiaes, intellectuaes e moracs, esperando que elle nos designasse o medico, o constructor ou o professor, e tendo como aspiração um meio de vida no offiicalismo. E com satisfação relendo, na idade madura, as palavras escriptas em 1900, sinto reforçar a minha con-

vicção na necessidade do desenvolvimento do esforço individual, verificando como após 25 annos de trabalho e acompanhando de perto o desenvolvimento economico do meu paiz, na sua industria, posso sustentar ainda hoje, com coherencia, os anhelos de minha opinião de moço que procurava incentivar o desenvolvimento industrial e economico do Brasil fóra das peias de industria official.

E por ter mantido, estudante, engenheiro, industrial e professor, essa mesma orientação, em um quarto de seculo, é que vos disse, ao começar esta nossa despedida, que o meu carinho pelo desenvolvimento dos cursos industriaes era a consequencia de preocupações antigas do meu espirito. Ainda, talvez, por essa razão, foi o vosso paranympho de hoje, a unica voz que protestou publicamente em 1915, contra a reforma desta Escola que creou o curso industrial, sem o estudo do calculo e mecanica, ferramentas indispensaveis ao preparo technico do engenheiro, e que só podia ser subscripta pelo reformador do ensino que julgou possível o estudo de cosmographia e physica, sem o estudo da geometria.

A permanencia de uma grande parte de vida profissional nos meios industriaes, nesses meios onde o engenheiro tem de preencher a sua principal funcção, a de productur, pois a de constructor de trabalhos publicos é de auxiliar da producção, creando os meios de circulação que permitem a riqueza produzida ser distribuida ao consumo, me tem obrigado a conhecer, desde cedo e de perto, as necessidades e difficuldades da solução dos problemas economicos e industriaes entre nós e ahí a anciedade que me levava a pedir em 1900, quando apenas entrava na industria, melhor aparelhagem; e a repetir em 1918, nesta mesma sala, em occasião tão solemne como a de hoje, dizendo o adeus escolar á turma de engenheiros civis de 1917, as memoraveis palavras do Senador Astier, no Senado Francez, que não será de mais recordar, ainda uma vez, porque ensinam a mais bella lição de robusto patriotismo.

Conclue o illustre Senador francez, presidente da commissão parlamentar de inquerito organizada em França em 1916, para conhecer as causas evidentes, no inicio da grande guerra, do fraco aparelhamento industrial de sua patria, depois de salientar a pobreza de ensino technico francez, em todos os grãos, em comparação com o allemão, pelas seguintes palavras:

“Na luta sem quartel pela existencia das nações, o ensino technico é, sem contestação, o meio mais universalmente empregado para vencer a concurrencia. Uma nação está mais bem aparelhada commercial e idustrialmente, quanto maior fôr o numero de seus engenheiros, industriaes, banqueiros, commerciantes, contra-mestres, operarios e trabalhadores de toda a especie, com a melhor instrucção professional nos seus officios.”

Essas palavras memoraveis precisam ser repetidas até que se transformem em convicção firme em todos os espiritos dirigentes e com responsabilidade nos destinos do nosso estremecido Brasil.

A industria incipiente de 1890 e 1900 desenvolveu-se entre nós, apesar da ausencia do ensino technico industrial conveniente, graças ao incentivo que a tarifa proteccionista veio trazer ás poucas iniciativas industriaes que, corajosamente, iam se arrastando e, sobretudo, aquellas industrias, cujos productos eram de consumo mais generalisado. E assim se firmaram e prosperaram, desenvolvendo a iniciativa particular, as industrias de tecidos de toda a classe, fumo, cerveja, phosphoros, sal, sapatos, biscoutos, chocolate, velas, chapéos, especialidades pharmaceuticas, papel, moveis, manteiga, queijo e outras muitas que satisfazem completamente ao consumo nacional e já procuram o caminho da exportação, não havendo mais importação desses artigos, senão para justificar a satisfação dos “snobs” ou dos tolos que fazem questão de comprar o artigo com o nome de estrangeiro, mesmo quando elle tenha sahido de fabrica paulista ou carioca.

A demonstração pratica mais curiosa entre nós a favor da doutrina proteccionista e seus effeitos tem sido a observada na installação de varias fabricas, com capitaes e organização estrangeiros, desde que os industriaes de além-mar foram se convencendo de que para vender no mercado brasileiro que é um mercado de 30.000.000 de freguezes, era preciso fabricar no Brasil. Com a constancia da politica economica, essas industrias irão se nacionalisando, concorrendo comtudo desde já para o verdadeiro progresso do paiz e aperfeiçoamento do seu operariado.

Se resultado tão notavel foi conseguido, que permittiu ao brasileiro atravessar os annos da grande guerra, vivendo á sua custa e ainda exportando os seus artigos manufacturados, o que teriamos podido fazer, se uma orientação segura tivesse creado e mantido de 1900 a 1920 uma organização completa de ensino technico, nos seus differentes grãos educativos, para o engenheiro, para o contra-mestre e para o operario?

De um lado um theorismo economico livresco, bebido nos patrioticos autores francezes e inglezes que pregavam o livre-cambismo intelligente de povos que eram os unicos industriaes do mundo e não queriam rivaes productores; e, de outro lado, o fantasma de uma tradição agricola que se amedrontava com os receios da industria que ia crear o urbanismo e despovoar a fazenda mal administrada, sem conforto e attractivo para o trabalhador livre e ainda com a reminiscencia recente do feitor e de senzala; entre esses dous inimigos, se tem formado a nossa industria manufactureira, que pede aos dirigentes do paiz, escolas technicas, ensino technico e orientação technica, a mãos cheias, com muitos recursos e com muitos meios.

Para formar um programma efficiente, será preciso estabelecer cursos para os diversos grãos; mas, para que o ensino seja efficiente, é preciso que haja orientação firme e continuada.

Um máo programma de acção executado, é muitas ve-

zes preferivel aos muitos programmas optimos que se succedem.

A reforma de 1874, cujo meio seculo commemoramos hoje e que transformou a velha Escola Central na Escola Polytechnica, creando os seus cursos industriaes, representa um grande progresso para a época e nella se sentem o cerebro e a mão do grande estadista que se chamou o Visconde do Rio Branco e cujo nome foi tão grande que transbordou do Imperio, para encher ainda o primeiro quartel do seculo da Republica, foi lei até 1896, regendo por 22 annos o ensino technico no Brasil; as necessidades do ensino exigiam modificações e ampliações na velha lei e até hoje não acharam os poderes publicos a formula que se possa estabilisar por algum tempo na organização do ensino technico, como é indispensavel á sua efficiencia.

Reformado o ensino technico em 1896, soffria nova reforma em 1901, para em 1911, ser transformada radicalmente a sua orientação geral, pela Lei Organica, Rivadavia, de 1911. Esta lei grande innovadora, trouxe medidas optimas, a par de algumas ainda inexequiveis no nosso meio; e, recebida com a opposição natural do meio que a devia executar, mas que ella revolvía nos seus habitos, costumes e usanças, não podia deixar de ter a sorte de uma curta vida, sendo por sua vez substituida por uma outra lei, a de 1915, actualmente vigente.

Já essas quatro reformas em 18 annos, eram em numero muito elevado; nenhum systema de organização póde resistir a experiencias que se repetem de quatro em quatro annos. Mas, isto não é tudo quanto tem sido necessario para prejudicar o ensino no seu conjunto; as interpretações e decisões que alteram e reformam a cada momento as leis que o regem, são innumeradas; nos ultimos annos, tem havido centenas de decisões, quasi sempre em divergencia com a lei escripta. Todos os poderes constitucionaes têm collaborado com igual operosidade em peorar a lei; e, cada um dos orgãos dos poderes publicos tem trazido a sua pedra para o desmonte da obra de ensino. Annualmente, o poder le-

gislativo collabora em medidas varias, algumas muito graves, como a que recebeu a alcunha, que ha de ficar, de lei da gripe e cujos effeitos foram mais graves para o paiz que a propria gripe; e, outras mais innocentes, quasi sempre orçamentarias e quasi interessantes feitas para A ou para B; o poder judiciario já teve de se occupar de exames que um orçamento da receita concedera e um ministro negara; e, já houve exames por *habeas-corpus*; as congregações interpretam a lei do ensino e o Conselho Superior tambem a interpreta; algumas disposições communs a todas as escolas não são executadas senão em algumas e tudo continúa como estava, apezar das reclamações justificadas de alguns conselheiros do ensino que pensam que as leis estão escriptas para serem cumpridas; já tivemos anno lectivo com tres épocas de exames, graças á collaboração dos tres poderes publicos; a indumentaria de avisos que elucidam ou embarralam as leis do ensino, é riquissima; houve aviso, dispensando certos alumnos de taes ou quaes exames de preparatorios que a lei exigia e os effeitos desse aviso permanecem através duas outras reformas de ensino; e, ha aviso mandando acceitar como documento legal, na falta de outro, a publicação do resultado de exame no jornal local!!

Felizmente este ultimo não teve larga divulgação, senão teria sido creada no Brasil uma nova industria, a das noticias de falsos exames em falsos jornaes, que tornaria dispensavel a industria já bem desenvolvida dos attestados falsos de exame, que tanto trabalho tem dado á policia.

E' desse chaos de leis não cumpridas, de avisos servindo a interesses pessoaes, que se accumulam na administração da instrucção publica, que deve surgir uma nova legislação do ensino que tenha a virtude de ser simples, clara e exequivel, que tenha um prazo longo de experimentação sem alterações possiveis e que faça organização scientifica e technica compativel com a época actual e o nosso meio. Retocar o que está feito em ensino technico industrial, nada produzirá de util; é preciso corajosamente, remodelar as fórmulas de preparação dos novos engenheiros industriaes,

visando um preparo technico compativel com o surto economico que vae agitando as forças vivas do paiz, em busca de sua expansão natural.

Benemerito o Governo do Brasil que o queira fazer!

A passagem da industria manufactureira para a das materias primas industriaes, das quaes a mais importante no mundo economico é o ferro, é o segundo passo a dar no desenvolvimento industrial do nosso paiz e esse será, meus jovens collegas industriaes, o vosso problema de estudo pratico e dos que vos succederem nos bancos escolares de nossos cursos. E para que esse passo venha a ser dado com segurança, é preciso alguma cousa mais que os decretos creadores de grandes usinas, armadas inteiras, funcionando desde o inicio, em grande escala, forçando as leis naturaes de crescimento; é preciso a preparação do pessoal technico nacional, necessario á manutenção dessas usinas, se as queremos ver trabalhar com exito industrial e com caracter nacional. De outro modo, ficarão de pé apenas as usinas, que o Estado, industrial *sui-generis* que não se preoccupa com o custo de producção, terá de manter como novas repartições publicas, por não se ter podido pagar dos emprestimos vultosos que vae fazer para essas installações.

Industrias officiaes ou officialisadas, em povos de outros costumes e de orientação mais systematisada, têm sido mal succedidas; ainda recentemente, os Estados Unidos da America do Norte, onde a mentalidade individual existe, paiz em que a organização dos serviços de Estado é considerada por nós outros um exemplo a seguir, o desastre economico das estradas de ferro, administradas pelo Estado, como medida de guerra, deixou tão inapagavel recordação que nenhum governo americano terá jámais força para repetir a experiencia.

Nos povos latinos a experiencia é tambem conhecida nos seus resultados. Não a tentemos mais, sacrificando o desenvolvimento natural da siderurgia entre nós, á pressa de ver surgir em um relampago, como Minerva sahio armada da cabeça de Jupiter, grandes altos fornos para 50.000

ou 150.000 toneladas annuaes, que deverão ficar apagados por muitos annos, depois das inaugurações festivas e obrigatorias placas commemorativas.

Na evolução de qualquer ramo de industria, ha como em todos os phenomenos sociaes, o elemento tempo a considerar; não se improvisam industrias gigantescas de um momento para outro; o tempo, que não foi levado em conta no sonho creador, reclama *em tempo* os seus direitos, pois é elle o elemento que permite o crescimento natural, indispensavel a todo ser em formação normal.

Nenhum paiz do mundo improvisou jamais a grande industria economica; não poderá o Brasil fazer a excepção para violar a lei natural do crescimento. E' porque faz a natureza o crescimento lento do ser vivo? E' para permittir a reunião, a tempo, dos elementos indispensaveis á formação do ser, mediante o trabalho natural tambem lento, da transformação dos elementos externos absorvidos, na substancia do ser.

E' que é o industrial, senão esse engenheiro que procura elementos dispersos, para reunil-os e transformal-os pela elaboração industrial, no producto que almeja obter?

De muitos seres, formados e desenvolvidos naturalmente, é possivel formar um conjunto, cuja producção, reunida, seja tão grande como se deseja; mas onde ir buscar de um momento para o outro os elementos para a formação de um grande todo, capaz de produzir sózinho a producção de muitos elementos reunidos?

Na industria siderurgica, principalmente, a lição do mundo industrial é diversa das soluções recommendadas para o futuro da nossa siderurgia; nenhum dos grandes estabelecimentos de hoje, surgiu trabalhando a 50.000 toneladas ou ainda menos a 150.000 toneladas annuaes; todos elles tiveram a marcha natural de um desenvolvimento, podemos dizer espherico, pelo crescimento successivo do raio de acção, função do crescimento dos meios de producção que dependem por sua vez de installações, pessoal, acquisi-

ção e transporte de materias primas, e do crescimento das necessidades de distribuição que dependem da formação e manutenção, em pleno aprazimento, de grande clientela. E' começar em qualquer ponto do Brasil, a pretender fazer viver uma usina siderurgica aparelhada desde o inicio á producção de 50.000 toneladas annuaes, é na minha obscura opinião, meus jovens collegas, matar as iniciativas individuais que, após grande luta, se vão firmando nesse bello campo de siderurgia.

Com a industria quasi officialisada da projectada siderurgia nacional, teremos em alguns annos, tres grandes usinas montadas em tres pontos afastados do Brasil e aparelhadas para a producção de 150.000 toneladas annuaes de um producto, cuja importação actual no Brasil é de cerca de 200.000 toneladas; e, no anno de 1913, o da maior importação, quando as construcções ferro-viarias batiam o seu *record*, attingia a 650.000 toneladas. E' quem poderá assegurar o funcionamento efficiente desses centros que pretendem surgir em pé da producção que só foi attingida com muitas dezenas de annos de trabalho pelos grandes centros metallurgicos?

Ainda hoje, meus jovens collegas, e a vós me dirijo porque me pedistes vos fallasse, na despedida escolar, do problema de siderurgia, que vos apparece aos olhos de moços e patriotas como o grande problema de futuro do industrial brasileiro, é com orgulho que em Essen, nas grandes officinas de Krupp, se mostra ao tecnico que vem admirar a grandeza de uma colossal industria secular, a modesta officina, conservada religiosamente como um tabernaculo, onde começou a se formar a empresa Krupp de renome universal. E' em torno dessa modesta casinha, primeira tenda de trabalho de um allemão operoso, se foram alargando circulos concentricos de producção e influencia e esses circulos foram crescendo aos poucos, regularmente, em uma elegante symetria de desenvolvimento, até attingir o grande raio de acção de 1913, que era quasi igual ao raio da terra.

E Thissen, e Creusot, e Bethlen Steel e Carnegie e todos os grandes centres de siderurgia, o que são hoje senão desenvolvimentos de pequenas empresas evoluidas, desde que o preparo tecnico se accentuou e as capacidades de organização conseguiram reunir os elementos indispensaveis de progresso?

Um exemplo recente e frizante das concepções agigantadas, para a época, e mal succedidas; é o caso da construção da frota de madeira dos Estados Unidos. Urgido pelas necessidades crescentes de transporte durante a guerra, com as suas usinas metallurgicas todas applicadas ao fornecimento de materiaes de guerra e assimilados, empreendeu o governo americano a construção rapida de centenas de navios de madeira que ficaram realmente concluidos em poucos mezes, mas por preços elevadissimos. O dinheiro e uma grande organização industrial venceram o tempo; mas este, pacientemente esperou, não fosse elle o velho tempo, contemporaneo do primeiro homem, e, mezes depois de concluida a guerra, os estaleiros da construção de madeira estavam fechados por falta de mercado e as centenas de navios construidos eram entregues ao martelo do leiloeiro e obtinham lances de 12.000 dollars para cada um; era o preço da madeira para lenha.

Todo esse enorme prejuizo foi levado á conta de sacrificio da grande guerra e nem ao menos concorreu para a baixa dos fretes maritimos.

Nos grandes centros metallurgicos, onde as concentrações industriaes, verticaes e horizontaes, para empregar a linguagem economica moderna, se fazem sentir, reunindo usinas numerosas e agindo despoticamente sobre os mercados, sobre a politica, sobre os destinos dos povos e até decidindo a paz e a guerra, nesses centros não é mais possivel cogitar de construir novas pequenas usinas; os meios de acção, os transportes organizados, pessoal, operario e dirigente, numeroso e habilitado, já permittem as installações das grandes usinas, quasi sempre em substituição de velhas usinas que vão ficando obsoletas, e pouco economicas, com-

paradas com as novas usinas dos concurrentes sempre e cada vez mais bem aparelhadas.

Mas, não podemos ter a pretensão, no Brasil, por muitos annos, de produzir ferro para entrar na concurrencia dos grandes mercados mundiaes, que já têm os seus meios de defesa organizados, e os seus grandes fornecedores, magnificamente aparelhados; preparemo-nos para defender o nosso mercado, praticando a industria e o commercio do ferro nesse mercado e ganhando experiencia e os capitaes necessarios, para levar os nossos productos metallurgicos aos outros paizes da America do Sul, que não tendo minério, nem carvão, serão sempre forçados a importar o ferro para as suas industrias. E as escolas de trabalho e nucleos de desenvolvimento serão essas tentativas já iniciadas que acudiram ás nossas necessidades e que convenientemente defendidas, poderão transformar-se, em futuro proximo, em grandes estabelecimentos metallurgicos, firmando com tempo e perseverança a posição que a prodiga natureza nos destinou de sermos o futuro emporio da produção do ferro.

O exemplo heroico de um filho desta casa, meus jovens callegas, o engenheiro J. J. Queiroz, dedicando os melhores annos de sua existencia, servida por uma intelligencia de escól e firmada em um bello espirito de lutador, á tarefa herculea de manter uma produção incipiente de ferro-guza na usina em que enterrou a sua vida e que foi sempre para elle a esperança dos seus sonhos, é um ensinamento para todos os moços, especialmente para os futuros metallurgistas. Moço como vós elle iniciou a luta tenacissima, de que foram testemunhas os seus contemporaneos, para formar e manter a primeira usina metallurgica de produção regular; nessa luta, sacrificou interesses e saude, varias vezes esteve a pique de fracassar, mas sem desanimar, quasi moribundo, alma forte que galvanizava um corpo sem vida, Queiroz conseguiu viver, não o bastante para ver frutificar muitas vezes frondosa a planta que tantos cuidados e sacrificios lhe merecera, mas para morrer, tendo certeza que a sua esperança estava realizada e que dei-

xava uma demonstração de sua energia e de sua fé no futuro da industria siderurgica de sua patria.

E quando daqui a annos, estiverem apagados os altos fornos agigantados em projecto, haverá por certo na Usina Esperança, crescida e modernizada, um engenheiro que tenha recebido a herança do facho do trabalho e que se orgulhe de mostrar aos novos engenheiros industriaes, a casinha rustica onde viveu Queiroz, corporificando a sua esperança e deixando um rico ensinamento do quanto pôde a iniciativa individual de um forte, mesmo lutando sósinhe contra tudo e contra todos.

E acabastes de ver, em Ribeirão Preto, outro forte lutador, Flavio Uchôa, filho tambem desta casa, iniciando a electro-siderurgia no Brasil, com ardor e coragem que só podem ter os que são capazes de vencer. E' ainda um grupo em Juiz de Fôra, outro em Sabará, outro em Bello Horizonte, e mais outro que o exemplo dos que já estão na luta vem animando, que formarão os nucleos das futuras grandes industrias que virão a seu tempo e livres do fracasso que a nossa historia economica já registra e que vos convém conhecer.

A transformação politica de 1889 deu lugar ao apparecimento de inflação de papel-moeda e á sombra dessa inflação crearam-se vertiginosamente, da noite para o dia, em 1891 e 1892, industrias de todos os productos e projectadas em escala exaggerada para o mercado.

A consequencia desse falso surto economico, que se chamou o ensilhamento, tanto se parecia o jogo dos negocios com o jogo das apostas em cavallos, foi a derrocada financeira consequente; annos mais tarde, porém, as fabricas do ensilhamento que estavam fechadas e haviam arruinado muita gente sobretudo o valor da nossa moeda, começaram a ser reinstalladas e dentro de mais alguns annos funcio-
navam quasi todas e enriqueciam o paiz.

Chegava a oportunidade e com ella o successo.

A industria de tecidos, uma das que mais soffrera a crise do ensilhamento, com o apparecimento subito de enor-

mes fabricas, sem pessoal e sem mercado, se reerguia; e em 1905 e 1910 as grandes fabricas do ensilhamento já começaram a ser augmentadas, pelo desenvolvimento dos mercados e de 1920 para cá novas fabricas têm sido montadas em todos os Estados do Brasil.

De 110 fabricas em 1905, com 26.420 teares e o capital de 165.569 contos de réis, passamos em 1920 a contar 243 fabricas com 58.248 teares e 353.223 contos de réis de capital.

As fabricas de industrias sujeitas a imposto de consumo unicas de que temos estatistica regular e que eram em numero inferior a 6.000 em 1905, já em 1920 eram 13.423 com 356.615 empregados e 2.232.814 contos de réis de capital. Esses numeros representam a evolução depois do ensilhamento de 1891.

Queiram os fados que protegem o Brasil livrar a sua industria siderurgica do ensilhamento do ferro que pôde atrazar de muitos annos o verdadeiro surto de nossa siderurgia.

Não existe um problema da siderurgia brasileira, cuja solução violenta e fulminante se imponha; existem sim, aqui, como em toda a parte, os problemas industriaes e economicas que só pôdem ter, aqui como em toda a parte, as soluções naturaes, acompanhadas de perto, com attenção e carinho, pelos responsaveis pelo desenvolvimento do paiz que devem amparar os fracos merecedores de auxilio e encorajar os capazes.

Uma industria que surge em um paiz, é uma criança que nasce em um lar; os cuidados excessivos atrophiam uma e outra; as crianças que nasciam monstruosas, eram sacrificadas sem piedade na velha Grecia, a alma mater da esthetica e da belleza; sejamos spartanos no Brasil...

E ainda é cedo para ser imaginada uma solução definitiva a esse falso problema; a electro-siderurgia, em poucos annos, tem feito taes progressos que tudo se pôde esperar della, no paiz que a natureza formou com um planalto central de onde descem gigantescos cursos d'agua que, de

quebrada em quebrada, vêm deixando depositos inextinguíveis de hulha branca, mais preciosa que a preta porque é inesgotavel e se renova em cyclo natural, nos mesmos depositos. Todos os auxilios á iniciativa de eletrometallurgia serão justificados; seu desenvolvimento será a economia das jazidas de hulha negra, que em muitos empregos não póde ser substituida por qualquer outra fonte de energia.

É como será bello o dia, que vós moços, por certo alcançareis, em que toda essa riqueza de potencialidade hydraulica dos nossos sertões de avaliação approximada impossivel, por immensa e ainda occulta em grande parte nas serras alcantiladas, venha, subjugada e docil, aquecer fornos, rolar trens de laminadores, impulsionar motores, movimentar industrias, dar vida ás cidades, facilitar a troca de productos e fazer a prosperidade do grande povo que já será então o nosso, educado, instruido, confiante nos seus destinos elevados e preparando um futuro ainda melhor para os vindouros.

Mas, meus jovens collegas, para que esse dia chegue mais cedo e, permitti um pouco de egoismo, para que eu ainda o possa ver, é preciso que os jovens da vossa época, sobretudo os engenheiros, sejam capazes de apressar o seu advento. Esse dia chegará tão mais cedo, quanto mais cedo elle fôr necessario; emquanto o pequeno desenvolvimento industrial do Brasil não exigir, as grandes quedas dos grandes rios continuarão a ser apenas bellas paysagens. A idéa de força está ligada a trabalho; se não ha trabalho para que é necessaria a força?

A vós, engenheiros moços de minha terra, incumbe a missão de, creando o trabalho, ir procurar a força onde ella se occulta.

A tarefa nobilissima do engenheiro é a de produzir ou auxiliar a producção; creando o trabalho productor nas fabricas e usinas ou creando os meios de transportes para os productos das fabricas e usinas está o engenheiro no seu papel social. E conheceis funcção mais elevada na sociedade moderna?

Todos os interesses humanos, individuaes ou collectivos, gyram em torno da producção; no fundo de todas as rixas entre povos e em todos os saccos da diplomacia, antiga ou moderna, estão as questões de producção.

Já o bello espirito de Rathenau, industrial pensador, tão cedo e antecipadamente roubado á humanidade por uma bala inconsciente de um idiota politico, disse em plena guerra: 'ninguem poderá dizer qual a extensão da revolução mundial que se seguirá á guerra mundial, mas todos podem estar certos que o problema da producção terá a primazia sobre todos os outros e que o fim politico e social dos povos dependerá de sua productividade'.

É os factos posteriores confirmam a previsão do pensador allemão e estabelecem cada vez mais a importancia do engenheiro na trasformação do problema da producção que cada vez se torna mais tecnico, com a industria moderna toda ella baseada em aparelhagem mecanica, quer na fabricação, quer no transporte.

Sois moços e ides ser industriaes; a tarefa é seductora mas é ardua.

Estaes armados cavalleiros dessa cruzada pacifica e nobre do progresso de nossa patria, mas inda não cruzastes o ferro de vossas armas com o adversario que se chamará a rotina, o desanimo, a incapacidade; não experimentastes a couraça contra os arremessos do adversario que se chamará a inveja, o pessimismo dos impotentes, a opposição dos eternos descontentes. Entrae, porém, na luta com as armas que já possuis, mas não vos fieis só nellas; o engenheiro tem de se aperfeiçoar a todos os momentos, alargando a base de seus conhecimentos, por uma preparação technica rigorosa, que o mantenha ao par da evolução da sua industria.

Na concurrencia industrial, a victoria do mais capaz é fatal; a palma não é concedida em votações de corrilhos e sim conquistada pelo julgamento dos interessados, no consumo dos productos. A industria do reclame lança o producto, mas só o juizo do consumidor mantem o consumo;

o industrial deve sempre procurar fazer melhor e estar sempre convencido de que na sua industria ainda ha muito a fazer para melhorar o producto e suas condições de producção.

Na industria, jovens collegas, procuraes iniciar a vossa pratica em uma boa escola industrial e essa será a casa onde haja um chefe e só um.

A unidade de direcção é o unico meio de ser realizada a verdadeira divisão do trabalho base de todo o desenvolvimento industrial.

Com uma industria que começa, que não tem pessoal technico, e para a qual o preconceito do emprego publico fornece ainda tão poucos engenheiros annualmente, vós todos tereis de ser chefes de industria em poucos annos, e, meus caros collegas, que enormes responsabilidades ireis assumir deante de vosso paiz, de vossos capitalistas e de vossos operarios?

Mas, não vos illudae, as posições de verdadeiros chefes na industria, não se obtêm pelo regimen de empenho e de favoritismo; só se obtêm pelo trabalho e pela demonstração de competencia.

E a competencia de um engenheiro que póde ser chefe na industria, tem de ser revelada nos postos inferiores, pela execução da tarefa anterior e pela sua personalidade.

O engenheiro, mesmo que seja grande technico, não poderá ser um chefe se não tiver personalidade

E, ter personalidade, é saber a arte de commandar que se adquire na pratica intelligente, na direcção dos serviços secundarios; é ter meritos que se imponham naturalmente aos dirigidos; é ser capaz de produzir nos seus dirigidos o arrastamento confiante no dirigente que é o grande impulsor de todos os commettimentos collectivos.

Ter personalidade é ter qualidades moraes que se imponham, ao par de qualidades technicas; é ser capaz da acção reflectida, commandada pela intelligencia, e mantida pela energia serena, commandada pelo character.

Ter personalidade para chefe de industria, é ser ao mesmo tempo o mais activo dos obreiros, o mais productivo, o mais organizado, o mais methodico e o mais justo.

O grande mestre da organização moderna de trabalho, Taylor, cujo nome é só elle toda uma doutrina, diz que “uma instrucção solida e a habilidade profissional valem menos para um chefe de industria, que a energia, a determinação, o vigor e a tenacidade dos homens que nunca se consideram vencidos e que não se amedrontam com os obstaculos accumulados”.

O chefe de industria, com personalidade e dotado das qualidades que a caracterizam, poderá organizar e administrar com a autoridade, a energia e a responsabilidade que dão a unidade de direcção, implantando na sua industria a disciplina hierarchica, base de toda a ordem, a divisão do trabalho, a responsabilidade individual e a iniciativa, bases do aperfeiçoamento, a remuneração conveniente do pessoal, a justiça no premiar e no punir, a melhora das condições de vida dos auxiliares e a instrucção que dão á industria a fixidez indispensavel do pessoal.

E lembrae-vos sempre, jovens collegas, de que o engenheiro muito poucas cousas póde executar sem a intervenção de outros profissionaes, quer elle esteja no começo da escada da vida profissional, quer já tenha alcançado o seu ultimo degráo; o seu exito depende sempre de um esforço colectivo.

O segredo do chefe capaz é fazer trabalhar todos os collaboradores em harmonia; tanto mais capaz é um chefe quanto menor tem de ser a sua parte de execução pessoal na tarefa da collectividade.

Se tudo está organizado, o chefe só dirige, não executa; se o chefe tem de executar, por suas mãos, uma parte da tarefa, não ha organização.

E saber dirigir é saber conhecer os homens; e esse conhecimento não se aprende na escola; a pratica, a experiencia da vida com os attrictos indispensaveis são os unicos cursos para tal conhecimento.

Neste ligeiro esboço, que o dever de paranympho me obrigou a apresentar-vos, não para amedrontar-vos ao entrardes na vida industrial, mas para encorajar-vos e mostrar-vos a grandeza das responsabilidades que acabaes de assumir com a investidura que vos concede a Escola Polytechnica e a que dareis galhardo desempenho, ouvistes o resumo do que de vós exige o vosso paiz.

Entraes na luta pela vida, convencidos da responsabilidade do engenheiro industrial e do seu brilhante papel, reconhecido e proclamado por todos os homens de Estado.

Na Allemanha, o titulo de doutorado, secularmente prezado e concedido unicamente pelas universidades, foi pretendido por muito tempo pelas escolas technicas, que se sentiam desprotegidas em relação ás Universidades pela falta dessa honraria aos seus grandes estudantes; uma verdadeira luta durou annos entre os direitos da velha Allemanha, estudiosa, das Universidades, e a nova Allemanha, realista e progressista das escolas technicas, até que os engenheiros obtiveram o doutorado, dizendo o Imperador Guilherme II aos alumnos da grande escola de Charlottenburg: "E' para mim grande satisfação ter podido conceder o doutorado aos alumnos das escolas technicas superiores. Sabeis que tive de vencer resistencias terriveis, hoje despedaçadas. Desejei collocar as escolas technicas no primeiro plano, porque ellas têm uma grande tarefa a executar não sómente no ponto de vista da sciencia applicada, mas tambem no ponto de vista social e nacional".

Ahi tendes, meus jovens collegas, a grandeza de vossa missão nacional e social, reconhecida e proclamada pelo homem que durante quarenta annos impulsionou fortemente a evolução industrial de sua grande patria e creou nella a industria que tem resistido a todas as vicissitudes da adversidade e tem sido a unica força cohesora do imperio desmantelado pela derrota militar.

A essa grande tarefa nacional e social ide vos entregar de corpo e alma. Trabalhae pela prosperidade de vos-

sas industrias e trabalhareis pela força de vossa patria. Trabalhae com amor e energia e vencereis.

Lembrae-vos sempre desta casa para vos lembrardes de que precisaes sempre e cada vez mais estudar.

Entraes na vida pratica, sendo a primeira turma de engenheiros electricistas mecanicos e industriaes que deixa esta Escola, no começo do segundo seculo da independencia do Brasil e que vae agir nesse seculo que deve ser o do surto do Brasil grande; preparaes os industriaes do novo centenario, para que elles possam contemplar um Brasil, forte e vigoroso, grande e bom, justo e respeitado.

A natureza deu tudo ao Brasil; aos seus engenheiros cabe dar vida a essas riquezas prodigalisadas nababescamente; as gerações dos vossos mestres têm a consciencia tranquilla de terem feito alguma cousa pelo futuro da Patria: completae e desenvolvei essa obra e sereis os benemritos do Brasil do futuro. Avante.

O orador foi muito abraçado e vivamente saudado por uma grande salva de palmas. A banda militar se fez ouvir.

Passou-se, por fim, á collação de gráo dos engenheiros civis.

O Sr. Dr Cancio Povoá, Secretario da Escola, fez a chamada dos engenheirandos, a ella respondendo os seguintes senhores:

Sylvio de Magalhães Lustosa.

Enso Carlos Pinto.

Eurico Paranhos Fontenelle.

Manoel Francisco Grillo Netto.

Alvaro Avila Leal.

Clodoaldo Vieira Passos.

Mario Augusto Serafim da Silva.

Luiz Antonio Domingues da Silva Sibrinho.

Nilo Fajardo.

Carlos Charneaux.
Octavio Chermont Rayol.
Eudoro Prado Lopes.
Nelcio Dourado Lopes.
Braz da Franca Velloso.
José Alfredo Montes de Marsillac
Assentino Pereira.
Miguel Angelo de Souza Aguiar.
Pedro Belisario Velloso Rebello.
Quintino Bocayuva Netto
Helio Daudt Fabricio.
Rubem de Mello.
Mario de Bittencourt Sampaio.
Eduardo de Souza Filho.
Henrique Duvivier Goulart.
Paulo de Queiroz Mattoso.
João Baptista Isnard de Gouvêa.
Galba de Boscoli.
Francisco Mendes de Oliveira Castro.
João Luiz Ramos Quitito.
Lafayette Stocler.
Ulysses Mariano Augusto de Alcantara.
Henrique Dietrich.
Jorge Withacker da Cunha Lima.
Alvaro Brandão Cavalcanti.
Milciades Mele Pereira da Silva.
Alberto de Souza Moraes.
Abrahão Izeckson.
Manoel dos Santos Dias.
Henrique de Paula Lopes.
Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa.
José Queiroz.
Nelson Betim Paes Leme.
Lino Barcellos Collet.
Alfredo de Castilhos.
Paulo Leopoldo Pereira da Camara.
Remo Corrêa da Silva.

Carlos Soares Pereira.
Sylvio do Pazo Ferreira.
Francisco Xavier Rodrigues de Souza.
Lauro de Mello Andrade.
João Carlos Vital.
José Salvador da Trindade Mello.
Tasso da Costa Rodrigues.
Henrique de Almeida Gomes.
Julio Cezar de Mello e Souza.

Prestado o compromisso legal pelos jovens engenheiros, o Sr. Dr. Paulo de Frontin, em nome do Governo da Republica, conferiu-lhes, como Director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, o gráo de engenheiro civil.

Uma prolongada salva de palmas reboou em todo o recinto, e a banda militar executou uma peça de seu repertorio.

S. Ex. o Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, concedeu a palavra ao orador da turma de engenheiros civis, o Sr. Enso Carlos Pinto, que, subindo á tribuna, leu um bello discurso congratulatorio, relembrando em phrases eloquentes o convivio com os companheiros da jornada academica em nome dos quaes fallava, no momento em que se separavam saudosos para encetarem com entusiasmo e cheios de esperanças a carreira profissional. Referindo-se ao professor Dr. Mauricio Joppert, paranympo da turma, enalteceu os seus meritos professoraes e o seu grande talento. Teve palavras carinhosas para saudar os professores Drs. Roberto Marinho, Henrique Costa e Cancio Pova, aos quaes a turma prestava homenagem, e lembrou com saudade os homenageados posthumos Drs. Jorge de Lossio e Francisco Bhering.

Ao terminar o seu discurso foi o orador vivamente saudado por uma demorada salva de palmas recebendo tambem muitos abraços de professores e de collegas, emquanto a banda militar executava uma festiva marcha.

O Sr. Dr. João Luiz Alves concedeu depois a palavra ao paranympo da turma dos engenheiros civis, professor Dr. Mauricio Joppert da Silva.

Eis o discurso pronunciado, da tribuna, pelo joven e illustre professor:

Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores,
Exmo. Sr. Reitor da Universidade do Rio de Janeiro,
Exmo. Sr. Director da Escola Polytechnica,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Prezados collegas.

Entre as surpresas que de vez em quando quebram o curso obscuro da minha modesta vida, figura a distincção que acabaes de me conferir, trazendo-me a esta solennidade para vos servir de padrinho na profissão que iniciaes. E tanto me avulta a surpresa que não encontro os motivos que justificaram a vossa escolha: a minha actividade se concentra no cumprimento honesto dos meus deveres, na organização do meu lar, certo de que assim sirvo ao meu paiz no que elle póde esperar dos meus recursos. Recebendo uma cadeira nesta Escola das mãos de um mestre que foi um sabio, na sciencia e um santo, no character, tenho me esforçado para pôr em pratica os seus grandes ideaes e ainda hoje conservo a sua mesma orientação, seguindo como discipulo, os principios que lhe ouvi nas aulas, e, mais tarde, na intimidade de amigo e admirador.

Por mim, nada sou, nada mereço, nada vos posso dar e só á vossa bondade, meus caros collegas, inspirada talvez em sympathia mutua e a um desprendimento vosso, que me honra, posso eu attribuir a distincção que me conferistes. Em uma Congregação onde avultam os que illustram o magisterio e dignificam a engenharia, fostes buscar a menos auctorizada voz para vos aconselhar no caminho a seguir. Mais proveitosa vos seriam as ponderações dos que, já em ponto avançado da estrada e em nome de uma longa experiencia, vos pudessem mostrar as asperezas do caminho, os recursos para vencel-as, a prudencia para evital-as e nas

exhibições de cujas vidas tiveseis todo um livro de preciosas reliquias profissionaes e de ensinamentos profundos.

No inicio da minha carreira, embora
... já vá fitando céu desértos,

pouco vos posso dizer, menos ainda mostrar-vos; fomos companheiros de estudo nas lições que tiramos das obras dos primeiros mestres da engenharia brasileira e que, comprehendendo o grande alcance do nosso futuro, lançaram as bases do que havemos de ser, bases que ainda nos guiam

... como um phárol nas noites do passado

Comtudo, o vosso gesto me conforta, pela generosidade em que se inspira e terá em mim um effeito de resonancia, a ampliar-me a coragem para a lucta, a amparar-me nos momentos de fraqueza.

Bem sabeis que a absorvente actividade diaria, a preocupação constante das responsabilidades que pesam sobre nós, tiram, a quem o possúe, o habito da palavra, a facilidade de se exprimir, a faculdade de chamar em seu auxilio os recursos da rhetorica. Imaginae agora os seus effeitos sobre quem nunca foi orador e perdoae-me as falhas inevitaveis.

Meus caros collegas, pesa sobre vós a responsabilidade de um grande legado, brilhantemente conquistado; tendes que responder por elle; ao passal-o ás gerações que vos succederem elle deve estar ampliado na medida do que recebestes. A engenharia brasileira no passado esteve na altura dos predicados de intelligencia, iniciativa e actividade que caracterisam os filhos da nossa terra; fazer a sua hstoria no momento, será superfluo pois muito já a conheceis das vossas aulas, dos vossos estudos. No presente, o grande surto de vida que impelle o nosso paiz para o destino superior que lhe cabe, reflecte-se na engenharia, e obras das mais notaveis estão em andamento, ora para facilitar o

acesso ás riquezas que lhe couberam na partilha da Natureza, ora para dominar a fatalidade que esta propria Natureza atirou sobre nós, talvez arrependida da sua primitiva prodigalidade. E' assim que as estradas de ferro e de rodagem vão retalhando o nosso territorio e o

... selvagem nú...

do poeta já não desperta só ao silvo agudo do trem de ferro, mas tambem pelo roncar rythmado do motor de explosão e pelo buzinar dos automoveis.

O Nordeste cobre-se de barragens e o seu clima infernal, transfigurado pelo effeito benefico dos lençoes liquiços dos açudes, accordará nelle toda a exuberancia imponente das regiões tropicaes, permittindo que aquella grande raça de heroes que o habita, se fixe e prospere em paz, na tranquillidade feliz das colheitas fartas.

Os nossos portos se melhoram e os estudos já feitos sobre a sua maioria e que tivestes a oportunidade de examinar commigo na Inspectoria de Portos, pelas difficuldades inherentes á sua natureza, pela superioridade com que foram feitos, consagram os seus auctores e honram a repartição a que pertencem.

O nosso territorio se saneia; a engenharia sanitaria de mãos dadas á medicina, caminham unidas, conjugando os seus esforços n'um emprehendimento que hoje é o primeiro passo para a civilisação. Os seus trabalhos porém, até pouco tempo quasi localisados no littoral, só agora se voltam para o interior do paiz.

Mas meus caros collegas, si muito ja se fez, si muito está se fazendo, ainda quasi tudo está por fazer. E, si não, olhae para o nosso mappa e vêde si não tenho razão.

Em estradas de ferro podemos dizer que apenas está vencido o problema da ligação do littoral com o interior. Os systemas ferro-viarios que se formaram em torno dos nucleos de prosperidade, logo depois de transposto o pare-

dão maritimo da Serra do Mar, vivem independentes ou com ligações precarias, incapazes de um trafego regular intenso. No Norte o obstaculo é a agua em vez da montanha e as poucas estradas de ferro que por lá se construíram, dão-nos a impressão de pedras pequeninas n'um engaste immenso. E' inadiavel a sua ligação completa porque as estradas hoje são elementos indispensaveis da nacionalização dos territorios. A Pirapora-Belém que do centro do paiz, atravessando o seu coração, vae buscar a grande bacia amazonica, como que um prolongamento para o Norte da S. Paulo Rio Grande, é uma concepção patriótica e grandiosa do illustre Director desta Casa e á qual eu me filio com entusiasmo porque nella vejo a realização mais prompta para o despertar do nosso interior.

Por outro lado, precisamos cuidar das fronteiras que, por assim dizer, descobertas, não possuem estradas que permittam a concentração ou o movimento de tropas.. Pensae, com horror, meus caros collegas, o que seria a necessidade urgente de enviar forças ao Acre, por exemplo e fazei constar da vossa vida o compromisso de pugnar pelas estradas que nos devem levar ás fronteiras. Quando as estradas se espalharem pelo paiz, nas proporções das nossas necessidades, Matto-Grosso e o Acre deixarão de ser os castigos obrigatorios dos militares indisciplinados...

Estradas e portos se completam n'um todo harmonioso e os nossos portos, melhorados no seu acesso natural, já se evidenciam insufficientes nas facilidades commerciaes de que foram dotados ha bem poucos annos. E' que o desenvolvimento do paiz tem ultrapassado as previsões e, desde o Rio Grande do Sul, celebrisado por uma das obras maritimas mais notaveis que a engenharia tem construido, até Manáos, todos os portos reclamam a insufficiencia das suas extensões acostaveis, os aparelhamentos apropriados para as mercadorias em que se estão especializando.

Procurei sempre chamar a vossa atenção para o auxilio que pôde prestar, ao systema de viação de um paiz, a

navegação interior. Os nossos rios são navegados no seu estado natural e, a não ser alguns velhos estudos, ainda do tempo do Imperio, nada ou quasi nada, revela a preocupação dos contemporaneos pelo estudo technico das nossas vias fluviaes. Quanto aos estudos geographicos... é bom não falar nelles. Resumem-se n'uma citação monotona de affluentes e cidades marginaes, sem conclusões, sem referencias ás particularidades do curso, ao regimen, aos accidentes... Cada auctor de geographia entra para a casa da immortalidade quando descobre uma aldeiasinha, com meia duzia de casebres em ruinas e que até então não figurava em livro nenhum... Gloria precaria de um combate estéril! E é triste vêr como as creanças das Escolas trazem nas memorias, já fatigadas, aquellas listas fastidiosas e inuteis de nomes vasios... Só S. Paulo, por assim dizer, conhece os seus rios, e, os estudos emprehendidos sob a direcção do Dr. João Pedro Cardoso, constituem um trabalho que muito honra a administração do prospero Estado.

As nossas bacias fluviaes, riquissimas em vias fartas e profundas, a se entrelaçarem nas suas nascentes, permitirão futuramente um systema de navegação interior dos mais importantes do mundo. Os varadouros que em curto espaço de tempo, levam as embarcações do valle do Amazonas para os formadores superiores do Rio Paraguay, attestam a facilidade da ligação d'aquellas duas bacias e, em tempos do Imperio, já se passou uma embarcação a vapor do Rio Cuyabá para o valle do Araguaya... Vós sereis os administradores de amanhã e eu espero que a semente lançada para o desenvolvimento da navegação interior germine e venha desabrochar nos emprehendimentos de algum que me tenha ouvido.

Como consequencia do desenvolvimento do nosso systema de viação, com os nossos portos aparelhados e o paiz saneado, teremos a proliferação das industrias em locaes onde abundam as materias primas, o cultivo das terras sob a garantia das colheitas abundantes, o crescimento das populações sob a protecção de uma democracia liberal e, sobre-

tudo, a fixação na alma de todos os brasileiros do sentimento da nossa nacionalidade.

E' pois para estes pontos, meus caros collegas, que eu vos concito a voltar as vossas vistas porque a sua solução necessita um esforço continuado e um enthusiasmo nunca esmorecido. Este esforço e este enthusiasmo, só os pôde ter quem como vós conhece as causas do mal e que na educação superior que vos dá o curso da Escola Polytechnica, encontra os recursos para vencel-o.

Porque, meus bons amigos, eu não partilho da opinião pessimista que attribúe, ao curso actual da nossa Escola, uma fartura de males e defeitos que muito o deprimiriam si não fossem inspirados n'um serio erro de apreciação. Estes que assim pensam, engenheiros tambem aqui formados, se esquecem de que á Escola Polytechnica devem o que são e que só os máos filhos fazem realçar os defeitos dos paes para valorisarem a sua auto-educação... Bem sabemos nós que nem todos os cursos são dados com igual cuidado mas este mal não é peculiar á Escola Polytechnica do Rio de Janeiro; é universal. Por outro lado, não é possivel uniformisar as opiniões a nosso respeito; o mesmo facto é apreciado por diversas pessoas através de temperamentos differentes e o que agrada a uma, incorre fatalmente no desagrado das outras. E' sempre o caso do *Moleiro, o burro e o filho*... Um curso de engenharia civil, estudado n'uma Escola Polytechnica, é alguma coisa mais que a especialisação n'um ramo da engenharia, feito n'uma Escola Profissional, n'uma installação de serviço ou n'uma officina. Meditae nas disciplinas que estuda um engenheiro civil e vêde facilmente que ninguem sae da Escola especialista em nenhuma dellas. E' então possivel que um estudante, ao terminar o curso seja capaz de emprehender qualquer trabalho de Hydraulica, Estradas, Portos, Machinas ou Construcções Civis? Cada um destes ramos da Engenharia se compõe de diversas especialidades, capazes de, por si só, absorverem toda uma existencia. Mas o engenheiro civil deve estudal-as todas, para conhecel-as

em seus fundamentos, no progresso que já fizeram, nas suas interrogações. Deve ter o preparo sufficiente para se dedicar a qualquer uma dellas, comprehendendo a sua ligação com as outras; só assim tem valor a especialização que deve ser alguma coisa mais que um par de antólhos, para o individuo caminhar na vida, impedido de olhar para os lados...

Mas, dizem muitos, é justamente este preparo geral que não se adquire na Escola Polytechnica. Esta accusação deve ser falsa forçosamente e ella se desfaz em presença da analyse do nosso Regulamento, dos nossos programmas, em geral bem feitos e completos. Estes programmas não são cumpridos? O Regulamento é burlado nas bases que elle estabelece para o ensino? A culpa então não é da organização actual mas dos professores e funcionarios que não leccionam os seus programmas, que não cumprem com as suas obrigações. E' claro que o estado presente da Escola comporta modificações tendentes a melhoral-o e que não podem deixar de ser feitas porque ellas resultam das evoluções continuas da sciencia e nunca deixaram de ser attendidas desde a sua fundação. *Pontes e viaductos* têm que se emancipar da cadeira de *Estradas*; o estudo do *Cimento armado* não póde continuar como um appendice da cadeira de *Resistencia e Estabilidade*, já muito sobrecarregada; os processos de *Calculo graphico* têm tomado tal desenvolvimento que a Escola que não lhes consagrar uma attenção especial, ficará na retaguarda; o estudo dos *Materiaes e Processos de Construcção* cresce de importancia de dia para dia, pelo aperfeiçoamento do que já existia, pelos progressos incessantes da sciencia... Estas modificações hão de ser introduzidas no nosso curso dentro de pouco tempo e já estão incluídas nas suggestões, feitas pela Congregação da Escola ao Governo sobre a projectada reforma do ensino. Mas o feitio da Escola deve ficar o mesmo; que elle é bom, tem me mostrado a experiencia, ao vêr como os nossos engenheiros se apossam rapidamente dos segredos das especialidades, como a

sua cultura theorica lhes dá uma verdadeira superioridade de vistas, no confronto com profissionaes especializados...

Agora que se fala em reformar o ensino, é natural que com elle vivendo identificados, tenhamos as nosas vistas sobre os defeitos que a experiencia nos tem revelado. Por mim, acredito que, qualquer reforma, não trazendo punições mais severas ou meios mais praticos de executar as actuaes, contra os professores que não dão cursos, que fallham as aulas, em summa, que não cumprem com as suas obrigações, não representará um progresso serio sobre o estado actual. Realmente, meus prezados collegas, contra as faltas dos estudantes ha toda uma serie de castigos que lhes são applicados com prodigalidades, sobretudo na Escola Polytechnica; si não se portam bem são reprehendidos, suspensos ou expulsos; si não vão ás aulas, attrahem sobre si a malquerença dos professores; si não estudam, são reprovados. E contra os professores que não estudam? Que entram depois da hora e sahem antes della terminada? Que não dão aulas, que não cumprem os programmas? O que ha na lei é letra morta; os delinquentes são numerosos e nenhum ainda foi punido.

Mas, para honra nossa, as tradições que envolvem o passado glorioso desta Escola, fazem de cada professor o fiscal de si proprio. O ambiente de serenidade e concentração que estas velhas paredes criam, nunca mais abandona os seus filhos que se atiram na vida sempre orgulhosos da sua origem e quando, abatidos ou triumphantes, a ella voltam, encontram-n'a sempre a mesma, confortadora e carinhosa, na calma imperturbavel da sua bondade acolhedora. Escola Polytechnica! Hoje, na festa do teu jubileu, como te deve ser grato contemplar o trabalho fecundo das gerações successivas que lançaste por todo este Brasil e que o transformaram rapidamente para figurar entre os primeiros paizes do mundo! Como te debes sentir orgulhosa em vêr os teus filhos, depois de uma carreira brilhante na profissão, entrarem para o Congresso e revelarem fulgurantemente a cultura superior que os torna ca-

pazes de abordar com vantagem todos os assumptos! Poddes continuar tranquilla que o fogo sagrado que levamos ao deixarmos os teus bancos, nunca se nos apagará da alma e será sempre o guia que nos impellirá para frente e nos fecundará o entusiasmo, na grande obra do progresso da nossa querida Patria!

Permitti agora, meus caros collegas, que alguma coisa eu vos diga sobre a vossa orientação na vida; bem sei que para tanto me escasseia a auctoridade mas está na minha obrigação transmittir-vos o que me vae ensinando a experiencia e a convivencia com os homens. Antes de tudo os vossos actos devem convergir para um determinado fim; só triumpham e só são fortes aquelles que têm um ideal na vida; o mais, é dispersar a actividade. A Patria e o lar devem ser as vossas preocupações dominantes; todo homem de trabalho organizado, carece do amparo da familia onde repousa das fadigas diarias e onde se estimula para proseguir na lucta.

O que fizerdes na vida profissional deve se inspirar na mesma sinceridade dos actos da vossa vida particular. Estudae as questões que vos forem entregues até sobre ellas formardes juizo seguro e, ao resolvel-as, pensae na defeza si futuramente fordes atacado. Todos nós estamos sempre na imminencia do erro, é humano, mas ninguem tem o direito de ser negligente. Si errardes, mostraes a vossa boa fé, evidenciaes os elementos que vos conduziram em falso, patenteaes que exgottastes os recursos ao vosso alcance. Convencido do erro, assumida a sua responsabilidade, n'elle não deveis permanecer e é um gesto de grande superioridade confessal-o. Fazei da consciencia o vosso fiscal permanente e caso os vossos actos não tenham a probabilidade de serem apreciados no momento nem por isso se devem revestir de menos cuidados. Amanhã elles pôdem ser chamados a contas e adquirir uma importancia que nunca suppozestes.

Sêde modestos e recatados; o verdadeiro scientista é humilde e desprendido; si avaramente guardaes os vossos

bens moraes, o mesmo deveis fazer aos dotes intellectuaes. Imaginae um individuo, dotado de força herculea e que fosse pelas ruas a se exhibir, a provocar os mais fracos... A força só é nobre quando defende a fraqueza. Mas si vos aconselho modestia e o recato, lembro-vos que deveis repellir a timidez. Em vossa defeza, enquanto estiverdes convencido de que estaes com a verdade, combatareis com todo vigor.

Os ataques da perfidia humana vos ferirão: é fatal. E vereis, meus bons amigos, que as mais ferozes e traiçoeriras ferroadas serão d'aquelles a quem tiverdes dado a mão, a quem auxiliastes carinhosamente... Nunca vos esquecaes da fabula da *Serpente e o Homem*... e assim não tereis surpresas... Elles não vos deverão abater, nem irritar e sim merecer o vosso perdão porque a generosidade é a virtude das almas grandes e superiores.

Nunca abandoneis os livros porque, na Escola, o que mais aprendestes foi a estudar. Tudo que lhes perguntardes elles vos responderão: a questão é saber interrogal-os. Nos vossos projectos deveis ter sempre presente as facilidades de execução: desde que concebeis o ante-projecto, os detalhes do projecto definitivo deverão existir no vosso espirito. No ante-projecto está a intelligencia; nos detalhes, a cultura technica...

Si algum de vós preferir as sciencias puras ás applicações, a nobreza da dedicação é a mesma e o progresso se faz pela combinação das duas tendencias.

Não vos preocupeis com os applausos ephemeros que os vossos actos possam provocar, quer d'aquelles que vos não comprehendem, quer dos que se acham na vossa dependencia. Ao verdadeiro homem de sciencia, as mais gratas consagrações são dadas, pela alegria intima das conquistas realisadas, no silencio fecundo da sua bibliotheca...

Meus caros collegas eu não vos posso occultar a satisfação com que acceitei o paronymphado da vossa turma, pois acredito que poucas vezes terá passado pela Escola,

reunidos, um numero tão grande de estudantes do vosso valor. A densidade intellectual e de preparo é a mais alta que tenho visto desde que por aqui me encontro e muitos de vós poderiam amanhã tomar conta da regencia de cadeiras, em qualquer escola de engenharia, certos de que a desempenharíeis com a maior efficiencia. Póde se considerar orgulhoso o paiz que entre os seus moços possúe tantas e tão pujantes cerebrações. Os louros que viestes colhendo, desde os primeiros annos do curso, se prolongarão pela vida profissional e, eu tenho a certeza que, no scenario da nossa vida politica e administrativa, muitos dos que hoje aqui collam gráo, serão chamados a papeis dominantes...

Honra, pois, á vossa merecida gloria meus bons amigos e compatriotas!

Tambem não posso deixar de lado uma referencia ás homenagens que abrilhantam o vosso quadro; todas igualmente dignas e merecidas. O professor Roberto Marinho é talvez a figura de mais destaque no corpo docente da nossa Escola; o seu preparo, a sua capacidade technica, só se comparam á sua grande modestia. O professor Cancio Pova, a quem me ligam laços da mais estreita amizade, todos nós o conhecemos desde as aulas do curso annexo. Quanto ao professor Henrique Costa, meus caros collega, eu vos agradeço esta homenagem e me colloco entre vós, para compartilha-la. Trata-se do meu primeiro mestre de Mathematica elementar no Collegio Pedro II; em seguida meu professor de Geometria Analytica e Calculo Infinitesimal no primeiro anno desta Escola, meu amigo particular desde longos annos e a quem consagro o respeito de antigo alumno e a maior admiração pelas suas excellentes qualidades de professor, pelo seu vasto preparo, disfarçado por uma grande simplicidade. E' o coração que me obriga a esta referencia e nem sempre podemos conter os impulsos sentimentaes.

A homenagem posthuma que prestaes á consagração do profesosr Jorge de Lossio, tão prematuramente roubado á sciencia e á engenharia, é das mais justas e a ella se

associam todos os que o conheceram, todos sobre os quaes se estendeu o carinho paternal da sua vasta bondade. A simplicidade e o desprendimento com que leccionava, davam aos seus alumnos a impressão de que estava estudando com elles e sob uma modestia levada ao extremo, escondia a pujança do seu talento. Mas o que nunca poude esconder de ninguem foi a extensão do seu coração magnanimo. Não posso conter a saudade com que ainda me recordo da visita que fez, em minha companhia, ás Obras do Novo Arsenal da Ilha das Cobras, um mez ante de morrer e a alegria que não poude occultar ao nos encontrar, a nós, seus discipulos todos, a conduzir com successo os detalhes de tão grande empreendimento. Deus haja em paz a sua alma!

Rendestes tambem o vosso preito á memoria do professor Francisco Bhering, nosso bom companheiro, ceifado pela morte ha poucos dias em Paris. Duas vezes professor desta casa, conquistou na sciencia patricia o justo lugar que lhe coube.

E para terminar, prezados amigos, eu vos apresento os meus votos de completa felicidade. Ide e triumphae porque um pouco do vosso triumpho será meu tambem e d'aqui, deste meu recanto obscuro, eu vos acompanharei na vida, solidario na vossa gloria, compartilhando das vossas tristezas. Provavelmente vos esqueceréis de mim; é o nosso destino de professores; os que mais se distinguem, não vão além da celebridade nas anedoctas academicas. Mas, qual novos Argonautas — conforme a bella imagem do vosso orador — aproae para o destino grandioso da nossa terra; içaes nos mastros da vossa náu, a flamma da esperanza, do trabalho e da vontade intensa de vencer; affrontae sem temor as vagas revoltas do mar encapellado que ides percorrer; si naufragardes, lembrae-vos que tambem se naufraga com heroismo e si, transpostas as brumas que vos escondem o futuro, chegardes triumphantes ao porto almejado, recebei sobre a cabeça as neves do tempo com a resignação feliz de quem tem direito ao des-

canço, após as luctas para a realisação do vosso ideal de moços. E acima de tudo eu vos desejo, meus amigos, por mais terrível que seja a refrega, que nunca percaes esse entusiasmo franco, eivado mesmo de uma parcella de ingenuidade e que a mocidade põe nos nossos primeiros ideaes e que nos illumina os sonhos do futuro. Quantas vezes a sua existencia tem a duração ephemera da scintillação de um pharol! Mas eu vos peço que o conserveis sempre; elle vos trará a alma constantemente illuminada no proseguimento da vossa lucta; será o vosso escudo contra os ataques da perfidia humana; será a vossa força, o vosso estimulo; será o sol que irá doirar a vossa velhice, no repouso de uma grande vida, vivida para a conquista dos grandes sonhos! Vêde como elle cercou de prestigio e de gloria, a immortal figura do presidente Wilson!

Calorosa salva de palmas abafou as ultimas palavras do orador, que foi muito cumprimentado e abraçado, emquanto a banda militar executava uma peça de seu repertorio.

Levantou-se, por ultimo, o Exmo. Sr. Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola, e pronunciou o seguinte discurso:

Em nome da Escola Polytechnica, como seu director, agradeço a S. Ex. o Sr. Presidente da Republica o ter-se feito representar na festa que hoje celebramos, e ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores o ter-se dignado acceitar o convite para presidil-a na qualidade da mais alta autoridade do ensino do paiz.

Agradeço igualmente a presença do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, a do Exmo. Sr. Prefeito do Districto Federal, a do Exmo. Sr. Presidente do Conselho Superior do Ensino e Reitor da Universidade, a dos Exmos. Srs. Directores e representantes das Congregações dos Institutos de Ensino, a de todas as autoridades civis e militares, a dos representantes das corporações scientificas, litterarias e industriaes e a de todas as

Exmas. Senhoras e cavalheiros, que vieram abrilhantar esta sessão solenne.

Acabamos de commemorar o jubileu da Escola Polytechnica, prestando a Congregação, pela inauguração, em seu salão de honra, do busto, devido ao cinzel consagrado de Rodolpho Bernardelli, justa homenagem ao seu fundador e primeiro director, o benemerito e saudoso brasileiro Visconde do Rio Branco, cujos meritos e acção proficua ao ensino superior do paiz foram brilhantemente realçados pela palavra eloquente do illustre Ministro da Justiça e Negocios Interiores, Dr. João Luiz Alves, que preside esta solennidade.

Para recordar esta data notavel nos fastos da nossa Historia academica foi cunhada uma artistica medalha, gravada pelo professor Girardet, a ser distribuida ao Chefe da Nação, ás altas autoridades do paiz, aos institutos congeneres, aos corpos docente e administrativo, ao directorio academico e a todos os engenheiros formados nesses cincoenta annos pela Escola Polytechnica.

A seguir foram entregues aos lauraedos, do anno lectivo que findou, os premios que a Escola concede aos alumnos que mais se distinguiram nos seus cursos.

Emfim foi conferido o diploma aos chimicos industriaes e o gráo scientifico aos engenheiros que agora se formam, constituindo a turma do jubileu da Escola Polytechnica.

Ha cincoenta annos que pela primeira vez entrei neste templo da sciencia, cuja vida e cuja evolução acompanhei ininterrompida e successivamente como alumno, professor substituto, professor cathedratico, vice-director, representante da Congregação no Conselho Superior de Ensino e director; testemunha ocular do seu funcionamento neste meio seculo decorrido, posso affirmar, com convicção e em plena consciencia, que o Brasil pôde se orgulhar de possuir um instituto de ensino superior que o honra nos meios academicos mundiaes.

A psychologia pessimista generalisada na nossa gente brasileira tem o veso de achar máo tudo o que é nosso, procurando depreciar tudo o que projectamos, creamos ou melhoramos, e só reconhece como

bom o que importamos do estrangeiro: sciencia, litteratura, artes, manufacturas... e tambem constructores, architectos, engenheiros e professores.

Uma reacção salutar á este defeito social já se tem produzido e com resultados efficientes; indispensavel, porém, se torna ser continuada e incentivada.

Aos que ora deixam os bancos academicos e que vão encetar a sua vida profissional compete, como aos cruzados da fé christã, levar-a a todo o nosso territorio, convencendo a todos os nossos intellectuaes da necessidade desta campanha em favor do renome nacional.

Tendo adquirido nos estudos feitos nesta Escola as bases indestructiveis das sciencias mathematicas e as regras e os methodos de observação e de experiencia, estão perfeitamente armados para triumphar nessa campanha que o compromisso do seu gráo lhes impõe.

Dir-se-ha em contrario que a instrucção que lhes foi ministrada na Escola Polytechnica é insufficiente quanto ao ensino pratico e que é incompleta.

A isto facil é responder com uma formal contestação. De facto, quem não adquire, na Escola, os conhecimentos theoricos, raramente os obterá após della ter sahido; ao passo que a insufficiencia do ensino pratico é fatalmente reparada com o exercicio da profissão.

Quanto a ser incompleta a instrucção dada, basta lembrar que a sciencia progride incessantemente e o engenheiro que se limitar aos conhecimentos que aprendeu na Escola, em breve tempo estará alheio ao continuo desenvolvimento das sciencias e das industrias.

Para apenas me referir á cadeira que professo, quando cursei a Escola não faziam parte do ensino didactico ou não existiam ainda: a turbina a vapor, os motores de combustão e de explosão, os automoveis, os aeroplanos, as installações hydro-electricas e innumeradas machinas operatrizes da industria actual; a propria cadeira: mecanica applicada ás machinas, abrangia o que hoje se desdobra nas tres cadeiras de mecanica applicada, machinas motrizes, mecanica industrial.

A Escola vos forneceu os ensinamentos necessarios para poder acompanhar o evoluir constante das sciencias e das industrias; mas tendes forçosamente e sem descanço de seguir os progressos decorrentes desta evolução.

A nossa Escola, ramo troncal da Academia Militar fundada neste edificio a 4 de Dezembro de 1810 por D. João VI, é oriunda da criação, por Monge e Fourcroy, da Escola Polytechnica de Paris em 1795; adoptai assim na vossa carreira profissional a divisa dessa Escola, que deve ser tambem a da nossa:

“Pela Patria, pelas sciencias e pelas artes”, e, tendo fé em Deus, trabalhai para o progresso das sciencias e suas applicações e para o engrandecimento do nosso querido Brasil.

Sêde felizes e victoriosos, são os votos da Escola Polytechnica.

As ultimas palavras do Sr. Dr. Paulo de Frontin foram abafadas por uma estrondosa e prolongada salva de palmas, recebendo o orador muitos cumprimentos durante todo o tempo em que a banda militar executava galhardamente uma vibrante marcha.

S. Ex. o Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro do Interior, depois de encerrar a sessão, dirigiu-se acompanhado dos Exmos. Srs. Ministro da Agricultura, Prefeito do Districto Federal, Reitor da Universidade, Director, Vice-Director, Secretario, professores e alumnos da Escola Polytechnica, para o terrasso contiguo, onde, em grupo, foram photographados.

Em seguida, sendo-lhe prestadas as honras devidas ao seu alto cargo, retirou-se acompanhado até o portico do edificio pelos Srs. Reitor da Universidade, Director, Vice-director, Secretario, professores e alumnos da Escola.

TELEGRAMMAS RECEBIDOS

Ouro Preto — Director Escola Polytechnica. — Escola de Minas congratula-se com a Escola Polytechnica associando-se a seu jubileu pela celebração de seu meio centenario. — *Augusto Barbosa*, Director Escola de Minas.

Rio — Dr. Paulo de Frontin. Escola Polytechnica — Não podia ser mais feliz a coincidência de estar V. Ex. á testa dessa Escola na data do jubileu da sua fundação, porque é um de seus filhos que mais a honram dentro e fóra do paiz. Queira, pois, receber duplas felicitações e votos crescente prosperidade desse estabelecimento modelar e do festejado nome de V. Ex., depositario de tantas glórias da engenharia nacional. — Deputado *Alvaro Rocha*.

Rio — Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola Polytechnica. — Em meu nome pessoal e em nome da Escola Nacional de Bellas Artes apresento a V. Ex. sinceras congratulações data de hoje. — *Baptista da Costa*.

Juiz de Fóra — Escola Polytechnica. Rio. Escola Engenharia Juiz de Fóra felicita instituto irmão jubileu fundação Escola. — *Christiano Begevert*.

Rio — Dr. Paulo de Frontin. Escola Polytechnica. Tenho subida honra de apresentar a V. Ex. os meus sinceros cumprimentos pelo 50º anniversario da fundação da Escola Polytechnica de que

V. Ex. é muito digno director. — *A. Couto Fernandes*, Director Geral interino dos Telegraphos.

Rio — Senador Paulo de Frontin. Escola Polytechnica. Motivo imprevisto impede meu comparecimento sessão commemorativa anniversario Escola. Associando-me justos motivos regosijos filhos tradicional estabelecimento de ensino, honra do Brasil, apresento seu digno Director homenagens meu respeito e admiração e congratulo-me seu corpo docente e alumnos pela auspiciosa data, apresentando igualmente felicitações da Escola de Minas de Ouro Preto da qual sou lente. — *Clodomiro de Oliveira*.

Rio — Dr. Paulo de Frontin. Escola Polytechnica. Alumno que fui e professor da Escola Polytechnica, congratulo-me actuaes professores e alumnos na pessoa do preclaro mestre pela festiva data, lastimando não poder estar presente. — *Eurico Jacy Monteiro*.

Nitheroy — Senador Dr. Paulo de Frontin. Escola Polytechnica. Director, professores e alumnos da escola technica fluminense, associando-se festas cincoentenario veneranda Escola Polytechnica, resolveram considerar feriado dia de hoje, apresentando tambem a V. Ex. cumprimentos seu jubileu academico. — *Everardo Backheuser*, Director.

Rio — Por só agora me ter chegado ás mãos vossa communicação festas jubileu Escola Polytechnica, faltei á solemnidade de hontem, mas, peço acceiteis as minhas homenagens pela data commemorada que é sem duvida uma das de maior significação na historia do desenvolvimento, da nossa terra. Saudações. — *Arrojado Lisboa* Inspector.

Rio — Senador Paulo Frontin — Director Escola Polytechnica — Tenho maior prazer apresentar illustre engenheiro sinceras congratulações jubileu gloriosa Escola de que é digno Director. — *Pereira Junior* — Director Gabinete Ministro do Interior.

Friburgo — Drs. Paulo de Frontin, Agostinho dos Reis, Director e Vice-Director Escola Polytechnica — Associo-me todo coração si-

gnificativas homenagens nossa cara mãe commum Escola Polytechnica. — *Getulio das Neves*.

Caes do Porto — Dr. Paulo de Frontin, Escola Polytechnica. — Engenheiro pela Escola onde ha meio seculo fulgura vosso espirito admiravel e admirado, com muita sinceridade vos envio felicitações pela data de hoje, commemorativa jubileu glorioso instituto. — *Arlindo Luz*.

Rio — Dr. Paulo de Frontin — Escola Polytechnica. — Felicitando V. Ex. auspicioso jubileu congratulo sociedade brasileira assignalado acontecimento. — *J. Amarante*.

Caes do Porto — *Rio* — Dr. Paulo de Frontin — Escola Polytechnica. — Em nome da Associação dos Engenheiros Industriaes e no meu pessoalmente, apresento querido mestre as mais calorosas saudações data assignalada gloria engenharia brasileira. — *Abreu Lima Junior*.

Nitheroy — Dr. Paulo de Frontin — Escola Polytechnica. — Ao benemerito Chefe grande amigo felicita sinceramente grandioso jubileu. — *Salano*, Instructor militar.

Petropolis — Dr. Paulo de Frontin — Escola Polytechnica. — Ao illustre mestre cumprimenta associando-se justa commemoração jubileu Escola. — *A. Brandão Neves da Rocha*.

Vassouras — Dr. Paulo de Frontin — Escola Polytechnica. — Sinceras congratulações glorioso jubileu Escola. — *Cantarino Molta*.

Rio — Professor Paulo de Frontin. — Cordialmente me associo justas e merecidas manifestações. — *Herbert Moses*.

Praça Republica — *Rio* — Dr. Paulo de Frontin, Director Escola Polytechnica. — Impedido comparecer solennidade commemora-

tiva jubileu Escola Polytechnica, peço aceitar minhas sinceras congratulações. — *Edgard Werneck.*

Rio — Exmo. Sr. Dr. Paulo de Frontin, Director Escola Polytechnica. Associo-me cordialmente commemoraração jubileu Escola Polytechnica. — *Roberto de Sanson.*

**Bachareis e Engenheiros formados pela Escola
Polytechnica durante
o seu primeiro semi-seculo
1874-1924**

BACHAREIS EM SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS QUE FIZERAM O CURSO PELO REGULAMENTO DE 25 DE ABRIL DE 1874

ANNO LECTIVO DE 1876

Ezequiel Correia dos Santos Junior.

ANNO LECTIVO DE 1877

Antonio Marques Baptista de Leão Junior.
João Baptista Ortiz Monteiro.
Americo Leonidas Barbosa de Oliveira.
Luiz Murtinho de Moraes.
Demetrio Nunes Ribeiro.

ANNO LECTIVO DE 1878

Pedro José Versiani.
Luiz Augusto Pinto.
Antonio Braz da Cunha.

ANNO LECTIVO 1879

André Gustavo Paulo de Frontin.
Alfredo Coelho Barreto.
Manuel Eugenio Rodrigues.
Justino da Silveira Franca.
Licinio Chaves Barcellos.
Carlos Augusto do Nascimento e Silva.

ANNO LECTIVO DE 1880

Carlos Hermann Ludolf Rohe.
Carlos Cesar de Oliveira Sampaio.
João Evangelista Carneiro da Cunha.
Joaquim da Costa Chaves de Faria.
Gregorio Nazianzeno de Mello Cunha.

ANNO LECTIVO DE 1881

Augusto Candido Ferreira Leal.

ANNO LECTIVO DE 1882

Camillo Jorge Leite da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1883

Brotero Frederico de Macedo Soares.

ANNO LECTIVO DE 1884

Eugenio de Barros Raja Gabaglia.
Luiz da Rocha Miranda e Silva.

ANNO LECTIVO DE 1885

Alfredo Lopes da Costa Modeira.
Francisco Bhering.
João Eduardo Barbosa.

ANNO LECTIVO DE 1887

Augusto Pestana.
Henrique Augusto Kingston.

ANNO LECTIVO DE 1888

Luiz Manoel Gonçalves.

ANNO LECTIVO DE 1896

João Cancio Povoá.

BACHAREIS EM SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES
QUE FIZERAM O CURSO PELO REGULAMENTO DE
25 DE ABRIL DE 1874

ANNO LECTIVO DE 1877

Guilherme Peçanha de Oliveira.
Miguel Lopes do Amaral e Silva.
Oscar Nerval de Gouveia.
Arthur Getulio das Neves.
Carlos Guedes da Costa.
João Candido de Oliveira Murtinho.
Wenceslau Alves Leite de Oliveira Bello.
Eduardo Augusto Torres Cotrim.
Antonio Candido de Azevedo Sodré.

ANNO LECTIVO DE 1878

Elysio Firmo Martins.
Francisco Cypriano de Oliveira Murtinho.
Horacio Hodrigues Antunes.
João dos Reis de Souza Dantas Sobrinho.
João Nepomuceno Baptista.
João Cordeiro da Graça.

ANNO LECTIVO DE 1879

Manoel Francisco Correia Junior.
Antonio Correia da Costa Junior.
Antonio de Souza Mello Netto.
Paulo Ginto de Almeida.

ANNO LECTIVO DE 1880

Luiz de Carvalho e Mello.
Collatino Marques de Souza Filho.
Nicolau Paranhos Pederneiras.
Joaquim Adherbal da Costa.
Frederico Carlos da Costa Brito.
João Caetano Lopes da Costa.

ANNO LECTIVO DE 1881

Francisco Schusterchitz.
José Francisco de Faria Junior.
Daniel Henninger.

ANNO LECTIVO DE 1882

João José de Carvalho Freitas.
Candido José de Araujo Vianna e Figueiredo.
Bernardo Ribeiro de Freitas.
José de Souza Gayoso.

ANNO LECTIVO DE 1884

Raphael Archanjo Galvão Sobrinho.

ANNO LECTIVO DE 1886

Hermillo Burguy Macedo de Mendonça.

ANNO LECTIVO DE 1887

Nelson de Vasconcellos e Almeida.

ANNO LECTIVO DE 1895

João Fulgencio de Lima Mindello.
Tancredo Burlamaqui de Moura.

ANNO LECTIVO DE 1901

Estanislau Luiz Bousquet.
Augusto Bernacchi.
Olavo França.
Julio Oscar de Novaes Carvalho.
Joaquim Cerqueira de Carvalho.
Oscar Furquim Werneck de Almeida.

ENGENHEIROS INDUSTRIAES (CURSO DE ARTES
E MANUFACTURAS)

ANNO LECTIVO DE 1877

Augusto Carlos da Silva Telles.

ANNO LECTIVO DE 1880

Frederico Smith de Vasconcellos.

ANNO LECTIVO DE 1881

Alvaro Rodvalho Marcondes dos Reis.

ANNO LECTIVO DE 1883

Feliciano de Freitas Pinto.

ANNO LECTIVO DE 1885

Julio Delamare Koeler.
William Roberto Lutz.

ANNO LECTIVO DE 1886

Americo Duarte de Viveiros.

ANNO LECTIVO DE 1887

Francisco Ferreira Ramos.

ANNO LECTIVO DE 1888

Adolpho Barbalho Uchôa Cavalcanti.
Emilio Leão.

ANNO LECTIVO DE 1889

Aurelio Carlos de Toledo Braga.
Adolpho Domingues da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1890

Henrique Morize.

ANNO LECTIVO DE 1897

Heitor da Silva Costa.
Alvaro Mendes de Oliveira Castro.

ANNO LECTIVO DE 1904

Estanislau Luiz Bousquet.

ANNO LECTIVO DE 1905

Oscar Mafaldo de Oliveira.

ANNO LECTIVO DE 1908

Cyro de Andrade Martins Costa.

ENGENHEIROS DE MINAS

ANNO LECTIVO DE 1876

Manoel Timotheo da Costa.

ANNO LECTIVO DE 1878

Francisco Cypriano de Oliveira Murtinho.

ANNO LECTIVO DE 1879

André Gustavo Paulo de Frontin.

ANNO LECTIVO DE 1880

Arthur Joaquim Pamphiro.

ANNO LECTIVO DE 1882

João Manhães Barreto.

ANNO LECTIVO DE 1885

Hildebrando Teixeira Mendes.

ANNO LECTIVO DE 1888

Luiz Golpho Correia da Costa.

ANNO LECTIVO DE 1899

Estanislau Luiz Bousquet.

ENGENHEIROS AGRONOMOS

ANNO LECTIVO DE 1902

Joaquim Cerqueira de Carvalho.

ANNO LECTIVO DE 1903

Samual dos Santos Pontual Junior.

ANNO LECTIVO DE 1904

Estanislau Luiz Bousquet.

ENGENHEIROS CIVIS

ANNO LECTIVO DE 1875

Antonio Augusto da Conceição.
Antonio Joaquim da Costa Couto Junior.
Antonio Joaquim de Souza Carneiro.
Caetano Alberto de Castro Nascimento.
Dionysio da Costa e Silva.
Eduardo Pereira de Campos.
Emygdio Cavalcanti de Mello.
Ernesto Antonio Lassance Cunha.
Ernesto Marcos Tygna da Cunha.
Fernando Pereira da Silva Continentino.
Francisco Ferreira Pontes.
Francisco Van Erven.
Henrique Alvares Delgado.
João Eugenio Barbosa Coelho.
João Antonio da Costa Gama Junior.
José Joaquim de Sá Freire.
José Ozorio Nogueira da Silva.
Joaquim Antonio da Cunha Junior.
Joaquim José Ignacio de Mello.
Libanio da Silva Lima.
Ludgero Ernesto Lassance da Cunha.
Manoel Dejocés da Silveira.
Miguel Antonio Lopes Pecegueiro.

Paulino Lopes da Cruz.
Trajano Ignacio de Villanova Machado.

ANNO LECTIVO DE 1876

Adolpho Gomes de Albuquerque.
Alberto Saladino Figueira de Aguiar.
Alfredo Augusto Campos da Paz.
Alfredo Henrique Pacheco.
Alfredo Hervey da Silva.
Americo Werneck.
Antão Gonçalves de Faria.
Antonio Pereira Simões.
Bento Francisco Sayão Lobato de Bulhões Carvalho.
Carlos Alberto.
Constante Affonso Coelho.
Domingos Sergio de Saboia e Silva.
Eloy David Benedicto Ottoni (Bacharel).
Fortunato Fausto Gallo.
Francisco Barreto Picanço da Costa.
Francisco Luiz Loureiro de Andrade.
Francisco de Souza Reis.
Gustavo Adolpho da Silveira.
Henrique José Alvares da Fonseca.
João Pereira Ferraz.
José Alvares de Araujo e Souza.
José Augusto Brant de Bulhões Carvalho
José Francisco Cantarino.
José Pereira Rebouças.
José Praxedes Rabello Bastos Filho.
Joaquim Francisco Leal Junior.
Joaquim José Barrão.
Jorge Desmarais.
Luiz Teixeira de Bittencourt Sobrinho.
Lucas Teixeira de Souza Magalhães.

Manoel Ferreira Saturnino Braga.
Miguel Ricardo Galvão.
Rodolpho Henrique Baptista.
Samuel Severiano Figueira de Aguiar.
Theodoro Fernandes de Sampaio.
Tito Augusto Franco de Almeida.
Tobias Tell Martins Moscoso.

ANNO LECTIVO DE 1877

Alfredo de Paula Freitas.
Antonio Marques Baptista de Leão.
Augusto Carlos da Silva Telles.
Cypriano José de Carvalho.
Eduardo Augusto Torres Cotrim.
Eugenio Barbosa de Oliveira.
Ezequiel Correia dos Santos Junior.
Felix Emmanuel Bourget.
João Baptista Ortiz Monteiro.
João Carlos Gutierrez.
José Clemente Gomes.
José Luiz Coelho.
Luiz Goffredo d'Escragnolle Taunay.
Luiz Martinho de Moraes.
Sabino Eloy Alvim Pessôa.

ANNO LECTIVO DE 1878

Affonso Glycerio da Cunha Maciel.
Alfredo Augusto Borges.
Americo Baptista de Mello Brandão.
André Gustavo Paulo de Frontin.
Antonio Alves Pereira de Carvalho.
Antonio Olyntho d'Almeida Gomes.

Arthur Cesar de Andrade.
Arthur Joaquim Pamphiro.
Aristoteles Ambrosino Gomes Calaça.
Augusto Cesar de Lima.
Augusto Ernesto de Figueiredo.
Augusto do Rego Toscano de Brito.
Carlos Alberto de Menezes.
Carlos Guedes da Costa.
Carlos Hermann Ludolf Rohe.
Demetrio de Barros Leite.
Eduardo Cavalcanti de Campos Mello.
Etervino Freitas de Sá.
Francisco Brasiliense da Cunha Lopes.
Francisco Carlos Ancora da Luz.
Francisco Colombo Monteiro de Carvalho.
Francisco Jader de Andrade.
Francisco de Paula Guimarães.
Gabriel Militão de Villanova Machado Junior.
Gabriel Ozorio d'Almeida.
Genesio de Souza Campos Barros.
Henrique de Oliveira Amaral.
José de Andrade Pinto.
Marciano de Aguiar Moreira.
Mathias da Costa Barros.
Manoel Carneiro de Souza Bandeira.
Modesto Olympio Teixeira Brandão.
Olympio Rodrigues Antunes.
Oscar Nerval de Gouveia.
Pedro José Versiani.
Pedro Olavo de Santiago.
Polydoro Olavo de Santiago.
Rodolpho Fortes Diniz Junqueira.
Wenceslau Alves Leite de Oliveira Bello.
Vicente José de Carvalho.

ANNO LECTIVO DE 1879

Adolpho Augusto Pinto.
Alfredo Maximo de Souza.
Alvaro Monteiro de Barros.
Antonio Augusto da Costa Lacerda Junior.
Antonio Braz da Cunha.
Antonio Carlos de Arruda Beltrão.
Antonino Fialho.
Antonio Manoel Bueno de Andrade.
Antonio Pinheiro Canguçu.
Antonio Ribeiro de Castro.
Arthur de Lima Campos.
Augusto Olavo Rodrigues Ferreira.
Austricliano Honorio de Carvalho.
Childerico Paranhos Pederneiras.
Francisco Carlos da Silva Cabrita.
Francisco Dias de Arruda Falcão.
Francisco Lemos.
Henrique Pinto Ribeiro.
Honorio Bicalho Hungria.
João Baptista de Oliveira Bello.
João Caetano da Silva Lara.
João Emigdio Ribeiro.
José Agostinho dos Reis.
José Augusto de Barros Menezes.
José Bernardo da Silva Figueiredo.
José Dias Maynard.
José Estacio de Lima Brandão.
José Feliciano Rodrigues de Moraes.
José Francisco de Faria Junior.
José dos Reis da Silva Pereira.
José Moutinho da Fonseca França.
Julio Cesar Berenguer de Bittencourt Junior.
Justino da Silveira Franco.
Luiz Augusto Pinto.
Luiz Van-Érven Junior.

Manoel Eugenio Rodrigues.
Manoel Severiano Monteiro Autran.
Oscar Muniz Bittencourt.
Paulo Emilio Loureiro de Andrade.
Pedro de Figueiredo Rocha.
Rufino Augusto de Almeida Junior.
Tito Barreto Galvão.
José Macedo de Castro Rabello.

ANNO LECTIVO DE 1880

Abdon Felinto Milanez.
Alberto de Andrade Pinto.
Alfredo de Barros Vasconcellos.
Augusto Candido Ferreira Leal.
Augusto Maximo Baptista Junior.
Antonio Feliciano de Castilhos.
Antonio José Ferreira.
Antonio de Salles Nunes Belford.
Carlos Cesar de Oliveira Sampaio.
Carlos José da Costa Pimentel Junior.
Conrado Alvaro de Campos Penafiel.
Constantino da Cruz Cardoso.
Dircilio Rocha.
Edmundo Busch Varella.
Epaminondas Esteves Ottoni.
Francisco do Rego Barros.
Francklin Eugenio de Magalhães Séve.
Frederico Smith de Vasconcellos.
Godofredo Leão Velloso.
Gustavo Estienne.
Henrique Americo Santa Rosa.
João Augusto de Sá Barreto.
João Emiliano Peixoto do Amarante.
João Evangelista Carneiro da Cunha.

João José da Cruz Camarão.
João Maria de Almeida Portugal Junior.
João Zeferino Ferreira Velloso.
José Carlos Montaury de Aguiar Leitão.
José Thomaz de Aquino e Castro.
Joaquim Adherbal da Costa.
Joaquim da Costa Chaves de Faria.
Joaquim Cyriaco Duarte do Amaral.
Joaquim Julio de Proença.
Joaquim Reginaldo de Azevedo Werneck.
Luiz Correia de Brito.
Luiz Pires Farinha.
Manoel Francisco Correia Junior.
Manoel Moreira Pedroso.
Pedro Alvares Cordeiro de Araujo Feio.
Pedro Barreto Galvão.
Pedro Luiz Soares de Souza.
Raymundo Furtado da Rocha Frota.
Simão Gustavo Tomm.
Samuel Castrioto de Souza Coutinho.
Samuel Gomes Pereira.
Theodosio Silveira da Motta.
Tito Augusto de Toledo Mattos.

ANNO LECTIVO DE 1881

Alfredo da Silva.
Americo Rodrigues dos Santos.
Antonio Augusto Saraiva.
Antonio Ignacio da Silva Junior.
Anisio de Carvalho Palhares.
Arthur Noronha de Oliveira.
Augusto Fausto de Souza Junior.
Augusto Ferreira Ramos.
Bernardo Ribeiro de Freitas.

Domingos Gabriel Fernandes Pereira.
Eugenio Ferreira de Mello Nogueira.
Francisco Lopes da Silva Lima.
Francisco Ribeiro Soares de Meirelles.
Gaspar Nunes Ribeiro.
Henrique Simão Tomm.
Heraclito Colombo de Cantalice.
Ignacio Baptista de Moura.
Joaquim Guedes de Moraes Sarmento.
João Felix Peixoto de Azevedo Sobrinho.
José Joaquim Rodrigues Saldanha Junior.
José Pinto Mourão Bastos.
Lauro Baptista Bittencourt.
Leandro Alfredo Ribeiro da Costa.
Luiz Francisco Junqueira Ayres de Almeida.
Manoel Augusto Teixeira.
Manoel Francklin Nunes Bueno do Prado.
Norberto Alves Nogueira da Silva.
Oscar Trompowsky Leitão de Almeida.
Rodolpho Alberto Vieira Ferraz.
Themistocles Pompêo de Albuquerque Figueiredo.
Vicente Alves de Paula Pessoa Filho.

ANNO LECTIVO DE 1882

Affonso Henriques de Souza Gomes.
Alfredo de Freitas Reis.
Alfredo Silverio de Souza.
Alvaro Rolemberg Bhering.
Ataliba Baptista de Oliveira Valle.
Antonio Bernardino Lopes Ribeiro Junior.
Candido Ferreira de Abreu.
Candido José de Araujo Vianna Figueiredo.
Christiano Carneiro Ribeiro da Luz.
Damaso Pereira.

Euclides Barroso.
Eugenio Ferreira de Andrade.
Francisco Alvares Cordeiro de Araujo Feio.
Francisco Manoel das Chagas Doria.
Francisco Paes Leme de Monlevade.
Henrique dos Santos Dumont.
João Eduardo Barbosa.
João Soter Tompson Viegas.
João Manhães Barreto.
João Pinto Portella.
José Antonio da Fonseca Rodrigues.
Manoel Martins Fiuza Junior.
Olympio Baptista da Silva Leão.
Paulo Cirne Maia.
Pedro da Gama Leitão da Cunha.
Pompêo Ferreira da Ponte.
Theophilo Coelho Dias.
Thomaz Pinto de Serqueira.

ANNO LECTIVO DE 1883

Arthur de Alencar Araripe.
Benedicto Vieira de Campos.
Bernardo Piquet Carneiro.
Caetano Pinto da Fonseca Costa.
Calixto de Paula Souza.
Candido Alves Mourão do Valle.
Gabriel José de Andrade Costa.
José Borges Monteiro.
Manoel Brunet.
Manoel Portilho Bentes.
Miguel José Ferreira Guimarães.
Miguel Luiz Rodrigues Vianna.
Pedro do Espirito Santo Menezes.
Raymundo de Castro Maia.

Tancredo Saturnino Teixeira de Mello.
Theophilo Teixeira de Almeida.
Victorino de Paula Ramos.

ANNO LECTIVO DE 1884

Alberto Alexandre de Oliveira Braga Gross.
Alfredo Novis.
Antonio Pedro de Mendonça.
Antonio Pinheiro de Vasconcellos.
Antonio dos Santos Neves.
Antonio Tertuliano Gonçalves.
Antonio Theodorico da Costa Filho.
Armando Augusto de Oliveira Barreto.
Arthur Ferreira de Paiva.
Augusto Graciliano Mersi.
Carlos Alberto Ribeiro de Mendonça.
Carlos Gomes de Souza Shalders.
Carlos Maria da Motta Ribeiro de Rezende.
Carlos Ribeiro de Moura Escobar.
Carlos da Silva Nazareth.
Ernesto de Barros Machado da Silva.
Hermilo Bourguy Macedo de Mendonça.
Ignacio Gomes dos Santos Junior.
Joaquim Antonio Alves.
Joaquim Dias da Cunha Junior.
Joaquim Leite Ribeiro de Almeida Junior.
Joaquim Marianno de Amorim Carrão.
Joaquim da Silva Leite Fonseca.
Jonas de Faria Bastos.
João Baptista Ferreira Penna.
João Fernandes da Silva Junior.
João Luiz de Faria Santos.
José de Maria Borges.
José Maria de Saldanha Bittencourt.

Manoel Conceição de Montojós.
Narciso Ferreira da Silva Santos.
Torquato Martins de Araujo Malta.

ANNO LECTIVO DE 1885

Adolpho Hérbster Junior.
Alvaro Moutinho.
Alexandre dos Reis Araujo Góes.
Antonio Nogueira Penido.
Antonio Soares de Gouveia.
Arlindo Coelho Fragoso.
Bernardo Joaquim de Figueiredo.
Carlos Alberto Pereira Leitão.
Domingos de Amorim Leão.
Francisco Baptista do Nascimento.
Francisco Calvet de Siqueira Dias.
Francisco Clementino de Vasconcellos Chaves Filho.
Francisco Saturnino Rodrigues de Brito.
Henrique Augusto Kingston.
Hermano de Vasconcellos Bittencourt Junior.
Jeronymo Caetano Rebello.
Julio Cesar da Silva.
Julio Lustosa da Cunha Paranaguá.
João Baptista Guimarães Roxo.
João Felipe Pereira.
João Frederico Washington.
João Manoel Pereira do Valle.
João Vieira da Cunha Guimarães.
José Antonio da Costa.
José Augusto Ludolf.
José Coelho Parreira.
José Dias Delgado de Carvalho Junior.
José Dias Cupertino Durão.
José Emigdio Pereira.

José Nunes Belford Mattos.
José Rodolpho Marcondes do Amaral.
José Werneck Dicken.
José Valentim Dunham.
Luiz de Andrade Sobrinho.
Luiz Gonzaga Amorim do Valle.
Luiz da Rocha Hollanda Cavalcanti.
Manoel Maria del Castilho.
Mizael Domingues da Silva.
Nelson de Vasconcellos e Almeida.
Orlando Brasil.
Pedro Joaquim da Silva Fontes.

ANNO LECTIVO DE 1886

Affonso Augusto Teixeira de Freitas.
Alberto Carlos da Rocha.
Alberto de Mendonça Moreira.
Alfredo Ferreira dos Santos.
Americo Duarte de Viveiros.
Americo Martinho de Macedo.
Arthur Orozimbo Xavier d'Azevedo.
Arthur de Sá Carvalho.
Bernardino Salomé Queiroga.
Caetano Silvestre de Almeida.
D. Pedro Augusto.
Eulalio da Costa Victoria.
Fanor Cumplido Junior.
Francisco Ferreira Ramos.
Francisco da Silveira Lobo.
Francisco Homem de Mello.
Frederico Correia da Camara.
Guilhermino Tavares de Medeiros Filho.
João Caetano Alvares.
João Gonçalves Pereira Lima.

José Heronides de Hollanda Costa.
Luiz de Souza Mattos.
Mario da Silva Nazareth.
Manoel Alvares Cordeiro de Araujo Feio.
Manoel Francisco Niobey.
Manoel da Rosa Martins.
Manoel Ribeiro de Almeida Braga.
Manoel Urbano de Albuquerque Gondin.
Nestor Augusto Gomes.
Pedro Augusto Nolasco Pereira da Cunha.
Pedro Rodrigues Ladeira Junior.
Recemvindo Rodrigues Pereira
Trajano Saboia Viriato de Medeiros.
Tobias Correia do Amaral.
Umberto Saraiva Antunes.
Urbano Candido de Vasconcellos.
William Robert Lutz.

ANNO LECTIVO DE 1887

Alfredo Americo de Souza Rangel.
Alvaro de Menezes.
Antonio Vieira Cortez.
Augusto Pestana.
Bernardo de Mattos Trindade.
Carlos Bloomer Reevé.
Emilio Feliu Anglada.
Ernesto de Lamare.
Eustaquio Bittencourt Sampaio.
Francisco Dias Cardoso Filho.
Godofredo de Freitas Travassos.
Joaquim Augusto Suzano Brandão.
Joaquim de Souza Santos Moreira.
João Baptista Pimenta.
João Martins da Silva.

José Bento da Cunha e Figueiredo Netto.
José de Barros Wenderley Mendonça.
Luiz José da Costa.
Luiz Marques de Albuquerque Maranhão.
Manoel de Assis Ribeiro.
Manoel Urbano de Albuquerque Gondin.
Rodolpho Cardoso Páo Brasil.
Tancredo Bernardes Miguel.
Victor Maria da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1888

Adolpho Barbalho Uchôa Cavalcanti.
Alvaro Crespo de Oliveira.
Alvaro Ribeiro de Almeida e Luz.
Antonio da Costa Lage.
Antonio do Prado Lopes Pereira.
Alfredo de Miranda Pacheco.
Arthur Napoleão Gomes Pereira da Silva.
Augusto Alberto Guimarães de Azevedo.
Bartholomeu Francisco de Souza e Silva.
Eduardo de Alvarenga Peixoto.
Eduardo de Souza Rodrigues da Costa.
Firmino Ferreira da Costa Lima.
Henrique Fernandes Pinheiro.
João Antonio de Araujo Vasconcellos Junior.
João de Barros Carvalhaes.
João Ferreira de Moura.
Joaquim Antonio Catramby.
Joaquim Augusto Ribeiro de Almeida.
Joaquim Egas Muniz Barreto de Aragão.
José Antonio Saraiva.
José Gonçalves Chaves.
José Vieira Machado da Cunha.

Luiz Felipe Carneiro de Campos.
Manoel José Ferreira Martins.
Prospero Ariani.
Raymundo Caetano Corrêa.
Sarjobe Barcellos.
Theophilo Rodrigues da Cunha.

ANNO LECTIVO DE 1889

Aurelio Carlos de Toledo Braga.
Adolpho Domingues da Silva.
Alfredo Duarte Ribeiro.
Arthur Hermogenes Dutra.
Brasílio Campos.
Carlos Bicalho Hungria.
Carlos Henrique Lobo Morsing.
Ernesto da Silva Paranhos Junior.
Francisco Ancora Lins de Vasconcellos.
Florentino de Souza Avidos Junior.
Gregorio Jeronymo da Silva.
Hermes Viviano d'Avila Cavalcante.
Ildefonso Simões Lopes.
Januario José dos Santos Nora.
José da Costa Ribeiro.
João Luiz Mendes Diniz.
João Pedro Carvalho de Moraes.
Saint-Clair José de Miranda Carvalho.
Luiz Faria Lemos.
Luiz José Monteiro.
Luiz Sandalho Leivas.
Quintino Firmino Borges.

ANNO LECTIVO DE 1890

Arthur Assis de Oliveira Borges.
Adolpho Pereira.
Alfredo Lopes.
Alvaro Mendes de Oliveira Castro.
Alberto de Oliveira Maia.
Altamiro Pereira Fernandes Bravo.
Antonio Carlos de Andrade.
Antonio Gonçalves Neves.
Bento José de Miranda.
Carlos Alberto Machado.
Carlos Cockrane de Araujo Gondin.
Charles William Stevenson.
Eugenio Ramos Carneiro da Rocha.
Felippe Nery da Camara.
Florisbello Leivas.
Francisco Marcondes Pereira.
Gentil Homem de Oliveira Rôxo.
Gustavo Frederico de Oliveira Rôxo.
Innocencio Hollanda de Lima.
José d'Aguiar Toledo Lisboa.
José Antonio de Almeida Pernambuco.
João Martins da Camara Coutinho.
João Thomé de Saboya e Silva.
Miguel Frederico Presgrave.
Tito da Silva Paranhos.

ANNO LECTIVO DE 1891

Affonso Luiz Fernandes da Cunha.
Alfredo José do Paço.
Americo Frederico da Rocha.
Antonio de Abreu Guimarães.
Annibal Bevilacqua.

Aurelio Lopes Domingues.
Benedicto Façanha Sidou.
Carlos da Costa Trevões.
Carlos Ferreira de Almeida.
Celestino Alves Bastos.
Clodomiro Pereira da Silva.
Eduardo Alves da Silva Porto.
Elias Machado de Almeida.
Eugenio Achilles Olivier.
Flavio de Mendonça Uchôa.
João Bley Filho.
João Duarte Junior.
José Antonio de Figueiredo.
José Augusto de Araujo Junior.
José Ascanio Burlamaqui.
José Maria Jehovah da Silva Moreira.
Joaquim Gonçalves de Lalôr.
Jorge Eugenio de Lossio e Seilblitz.
Julio Cesar Carneiro Vidal.
Luiz José da Silva Junior.
Lucas Soares Neiva.
Manoel Pacheco Leão.
Mario de Oliveira Rôxo.
Manoel Guimarães Carneiro.
Nelson Coelho Leal.
Pedro Max Fernando de Frontin.

ANNO LECTIVO DE 1892

Antonio Rodrigues.
Augusto Moreira de Barros Oliveira Lima.
Belizario Vieira Ramos.
Cesar Augusto Ramos.
Eugenio Alves da Costa Guimarães.
Emilio da Gama Lobo d'Eça.

Francisco Ferreira Braga.
João Pereira Navarro de Andrade.
Joaquim de Souza Leão.
João Marcellino Pinto.
Joaquim José Felizardo Junior.
Luiz Bittencourt de Vasconcellos.
Pedro Bezerra da Rocha Moraes.
Propercio Fernandes Baleheiro.
Saturnino Severino de Mattos
Tito Correia Lopes.
Viricimo José de Mello.
Zacharias de Faro Rolemborg.

ANNO LECTIVO DE 1893

André Verissimo Rebouças.
Carlos Alberto Tinoco da Silva.
Domingos Theodoro Guimarães de Azevedo.
Diogenes Buys de Lima e Silva.
Emilio Victor de Lima.
Emilio Julio Hess.
Edgard Francisconi Gordilho.
Eduardo Germano Adolpho Von Sydow.
Francisco Domingues de Castro.
João Manoel San Juan.
João Timotheo Pereira da Rosa.
Jorge Augusto Ferreira Duque Estrada.
José Joaquim de Queiroz Junior.
Mario Ferreira de Abreu.
Manoel Clack.
Orlando Corrêa Lopes.
Oscar Pareto Torres.

Paulo de Castro Laranjeiras.
Pedro da Nobrega Segaud.

ANNO LECTIVO DE 1894

Alberto Couto Fernandes.
Alberto Flores.
Annibal Gomes.
Antonio Joaquim Alves de Faria.
Antonio de Almeida Mello.
Antonio Bernardo Passos.
Armando Abranches Feijó.
Arnaldo Octavio Lutz.
Arthur Eugenio Dantas Barrocas.
Carlos de Oliveira Castro Brandão.
Epiphania de Oliveira Santos.
Fabio Ferraz de Vasconcellos.
Flavio Braulio Cardoso.
Francisco Bolonha.
Godofredo Arthur da Silva.
Heitor da Silva Maia.
João Pedro Cardoso.
João da Costa Rodrigues.
João José de Carvalho Freitas.
José Correia Lopes.
José Saboia.
Jorge Valdetaro de Lossio e Seiblit.
José Antonio Martins Romeu.
Joaquim da Costa Leite.
Julio Rasberge Soares.
Leopoldo da Fonseca Portella.
Laurindo Gomes de Souza.
Leopoldo Jorge Moreira da Rocha.
Luiz Maria de Mattos Junior.
Luiz dos Santos Dumont.

Lucio Martins Rodrigues
Manoel Gaudencio Anario Braga.
Manoel Correia Pessôa de Mello.
Manoel Carvalho Madeira de Lei.
Manoel Antonio de Moraes Rego.
Manoel Machado Moreira Penna.
Otto de Alencar e Silva.
Olavo França.
Octavio Tavares Jardim.
Oscar da Cunha Correia.
Pedro Olesis Paes Leme.
Paulo Saboia Bandeira de Mello.
Raymundo Pereira da Silva.
Raymundo Tavares Vianna.
Rodolpho Baptista de Santiago.
Theophilo Nolasco de Almeida.
Theodorico Rodrigues da Costa.
Victor Delamare.

ANNO LECTIVO DE 1895

Agliberto Xavier.
Affonso Vicente de Carvalho.
Adolpho Alfredo Goeldner.
Antonio de Almeida Mello.
Antonio de Noronha Gomes da Silva.
Antonio de Andrade Botelho.
Antonio Carlos de Miranda Correia.
Cesar Candido do Couto Cartaxo.
Emilio Pires Machado Portella.
Eduardo Cicero de Faria.
Estevão Emerick de Souza Rezende.
Estanislau Luiz Bousquet.
Heitor de Sá.
Henrique Benoit Azinières.
Henrique de Almeida Leite Giumarães.

Henrique Eduardo Couto Fernandes.
Hermes de Abreu Lima.
João Franklin de Alencar Nogueira.
Joaquim de Lamare.
José Cavalcanti Queiroz Monteiro.
Lucas Evangelista de Barros.
Oscar Sancho de Andrade.
Oscar de Azevedo Marques.
Pedro Fernandes Vianna da Silva.
Roberto Paulino Soares de Souza.

ANNO LECTIVO DE 1896

Adalberto Pita Pinheiro.
Abilio Augusto do Amaral.
Alfredo Reis.
Alix Correia Lemos.
Alvaro Nunes de Carvalho.
Antonio de Barros Vieira Cavalcanti.
Antonio Gabriel Gonçalves da Silva.
Arthur Martins de Barros.
Arthur Hermenegildo da Silva.
Arthur Miranda Ribeiro.
Antonio Candido Borges.
Armando de Miranda Lima.
Angelo de Miranda Freitas.
Augusto Bernacchi.
Arlindo Gomes Ribeiro da Luz.
Ary Fontenelle.
Auto Torquato Fernandes Couto.
Benito Illiam Elejalde.
Braulio Augusto Penna.
Christiano Ottoni Vieira.
Coriolano Gomes de Mattos.
Cornelio Homem Cantarino Motta.

Donario Lopes de Almeida.
Enéas Ribeiro de Castro.
Eugenio Torres de Oliveira.
Eugenio de Azevedo Feio.
Egydio José Ferreira Martins.
Frederico Alves da Silva Junior.
Francisco Gutierrez Beltrão.
Francisco Vieira Bolitreau.
Francisco Amynthas Baeta Neves.
Francisco de Abreu Lima Junior.
Fernando de Souza Esquerdo.
Frederico Ferreira Pontes.
Gastão da Cunha Lobão.
Gentil Tristão Norberto.
Gil Pinheiro Guedes.
Henrique Campos Goulart.
Heitor da Silva Costa.
Heitor Tobias de Aguiar.
Ignacio de Assis Martins.
Ignacio Pinheiro Paes Leme.
João Baptista Peixoto de Albuquerque.
João Candido Paiva.
Jorge Marcondes Machado.
Joaquim Fonseca Rodrigues.
João Paz Raymundo Filho.
João David Pernetá.
João do Nascimento Navarro.
João de Carvalho Araujo.
João da Costa Ferreira.
Jeronymo Teixeira de Alencar Lima.
José Rodrigues Leite Junior.
José Manoel de Souza e Silva Junior.
Julio Canarim.
Luiz Raymundo de Brito Passos.
Luiz Olympio Guillon Ribeiro.
Leandro Antonio da Silva.
Leopoldo Antunes de Figueiredo.

Luiz Maximino de Miranda Correia.
Mario Ribeiro da Silva.
Miguel da Cunha Cavalheiro.
Manoel Marques Couto.
Miguel Ribeiro da Costa.
Manoel Luiz Martins.
+ Orozimbo Lincoln do Nascimento.
Octavio de Paula Pessoa Rodrigues.
Olavo Barreto de Almeida e Albuquerque.
Pio Villela Pedras.
Theophilo Oswaldo Pereira e Souza.
Vespasiano Rodrigues Corrêa.

ANNO LECTIVO DE 1897

Alfredo Sawerbronn de Azevedo Magalhães.
Alvaro Agostinho Durand.
Amaro Baptista.
Alvaro Noronha Gomes da Silva.
Alexandre Martins Rodrigues.
Bernardino Ferreira da Costa Souza Sobrinho.
Carlos Frederico Quadros.
Cesar de Sá Rabello.
Carlos de Souza Ferreira.
Carlos Figueiredo.
Carlos Torres Gonçalves.
Constantino Lila da Silveira.
Francisco Ribeiro Moreira.
Firmo Alves Pereira.
João Fernandes Moreira.
José Mattoso Sampaio Corrêa.
João Quevedo.
Joaquim Pessôa Guerra.
José Domingues da Silva.
João de Deus Lopes Nunes.

José Pereira da Graça Couto.
Luiz Torres Gonçalves.
Lysanias de Cerqueira Leite.
Luiz Cantanhede de Carvalho Almeida.
Mario da Costa Pereira.
Mauricio Rodrigues Pereira.
Rodolpho Pimenta Velloso.
Telemaco Salles.

ANNO LECTIVO DE 1898

Antonio Ferreira Celso.
Augusto Agostinho Pinheiro.
Americo Gomes Villela.
Alberto Moreira da Rocha.
Alipio Vianna.
Affonso Ramos Corrêa.
Antonino Rodrigues da Silva.
Accacio de Lima Castello Branco.
Augusto Victor Martins.
Bento Amarante.
Carlos Augusto Barbosa Marques.
Carlos Perdigão da Silva Monte.
Edmundo de Almeida Monte.
Eugenio de Andrade Dodsworth.
Frederico Cesar Burlamaqui.
Henrique Burnier.
Henrique Ribeiro Bernardes.
Joaquim Ignacio Silveira da Motta Junior.
Joaquim Simplicio Lins de Albuquerque.
José Niepcie da Silva.
Luiz Dias Carneiro.
Lucas Bicalho.
Luiz Tavares Alves Pereira.
Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.
Manfredo Antonio da Costa.

Mario Sawerbronn de Magalhães.
Roberto Pereira Soares.
Rosauero Zambrano Junior.
Sebastião Machado da Costa.

ANNO LECTIVO DE 1899

Armando Durval Sergio Ferreira.
Augusto Guigon.
Antonio Augusto de Souza Mendes.
Augusto de Sá Mendes.
Antonio Lopes do Amaral.
Alvaro Alves Barroso.
Crysantho Sá de Miranda Pinto.
Candido José dos Santos.
Eduardo Guinle.
Epaminondas dos Santos Torres.
Fernando Cavalcanti de Albuquerque.
Gastão de Azevedo Villela.
Henrique Cesar de Oliveira Costa.
Hermann Fleiuss.
João Baptista Lobato.
José Joaquim de Moraes Rego.
José Silverio Barbosa.
João Baptista Accioly Junior.
José Francisco de Castro.
João José da Silva.
Joaquim José de Souza Breves Filho.
José Ferraz de Vasconcellos.
José Ayres de Souza.
João de Palma Muniz.
Joaquim Ignacio de Almeida Lisbôa.
José Palhano de Jesus.
José Joaquim Rodrigues dos Santos.
Mario da França Miranda.

Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Manoel Augusto da Motta Maia.
Mario de Andrade Martins Costa.
Miguel Austregesilo Rodrigues Lima.
Osman Pedrosa.
Paulo Pinheiro de Queiroz.
Raul de Moraes Veiga.
Raymundo de Berredo.
Sylverio José Bernardes.
Tobias de Lacerda Martins Moscoso.
Zozimo Barroso do Amaral.

ANNO LECTIVO DE 1900

Affonso Escrangnolle Tonnay.
Antonio Ribeiro da Silva Vasconcellos.
Alfredo Conrado Niemayer.
Americo Furtado Simas.
Arthur Motta.
Alvaro de Souza Martins.
Antonio da Costa Santos.
Augusto de Brito Belford Roxo.
Antonio Gonçalves Gravatá.
Antonio Marques de Brito Amorim.
Carlos Leandro Moreira Machado.
Candido Acauã Ribeiro.
Celestino da Gama Lobo.
Eugenio Ozorio de Cerqueira.
Elesbão de Castro Velloso.
Ernesto Frederico da Cunha Sobrinho.
Eduardo Crockat de Sá.
Eduardo Schimitd.
Fernando Dias Paes Leme.
Fausto Justino de Proença.
Gabriel de Azambuja Fortuna.

Graciliano Martins Filho.
Heitor Sayão de Bustamante.
Horacio Antonio da Costa.
Hostilio Pereira de Novaes.
Hermann Carlos Palmeira.
Jacintho Estellita Jorge.
Jayme Lopes do Couto.
João Francisco de Lacerda Coutinho.
João Ferreira de Sá e Benevides.
João Jeronymo Pacheco Pereira.
Joaquim de Souza Franco Valente.
José Cezario de Mello Filho.
José Euclides Rosas.
José Luiz de Araujo.
José Pires Rabello.
Justino Ferreira da Paixão.
Lucrecio Ferreira dos Santos.
Luiz Augusto de Carvalho Junior.
Manoel Cavalcante de Albuquerque Junior.
Manoel Silvestre Pereira dos Santos.
Mario de Azevedo Ribeiro.
Octacilio Gonçalves Pereira.
Oswaldo Lindenberg.
Raul Eloy dos Santos.
Raymundo Saladino de Gusmão.
Theodoro Duvivier Junior.

ANNO LECTIVO DE 1901

+ Alberto Ferreira. em 28.10.1961, às 8,22 h., na Av. L. de M. Passos 115, meu d
+ Antonio Victorino Avila. ra do Pai, e dormiu para semp
+ Mario Fialho de Valladares.
+ Domingos Alves Matheus.
+ José Castello Branco da Cruz Junior.

- + João Jorge da Fonseca.
- Gabriel Monteiro Ribeiro Junqueira.
- + Antonio Diniz de Faro Dantas.
- + Adolpho Carneiro.
- + Luiz Carlos Franco Ferreira.
- José de Almeida Campos Junior.
- Miguel Furtado Bacellar.
- Alvaro Lessa.
- Henrique Bernardes de Oliveira Netto.
- + Placido Martins de Mello. 1961
- + Alvaro de Andrade.
- Adolpho Baptista de Magalhães.
- + João Luiz Ferreira.
- + Annibal da Costa Pereira.
- Antonio Eustachio de Souza.
- + Eugenio de Souza Brandão.
- José Eraclito de Faria Lima.
- Jeronymo Emiliano Silva.
- José de Souza Monteiro.
- Carlos Martins Gonçalves Penna. *Foi a Missa de todos de mim e do meu Pai*
- + Joaquim Carlos de Pinho Magalhães.
- Evaristo de Vasconcellos Almeida.
- Edmundo Cavalcanti de Castro Goyana.
- + Arthur Carlos Moreira.
- Gabriel Ramos da Silva.
- Lino Leal de Sá Pereira.
- Asdrubal Teixeira de Souza.
- + Heitor Lyra da Silva.
- João de Almeida Pizarro.
- Roberto Marinho de Azevedo.
- + Everardo Adolpho Bachkeuser.
- Domingos José da Silva Cunha.

- Pedro José Monteiro Filho.
- Manoel Pires de Carvalho Albuquerque.
- Milton Torres Cruz.
- Carlos Carneiro Leão de Vasconcellos.
- José Moreira Bastos.
- Angelo Punaro Barata.
- João do Rêgo Coelho.
- Armando Vieira.
- Antonio Crespo de Castro.
- José Luiz Baptista.

- Affonso Leite Guimarães.
- João Baptista de Moraes Rêgo.
- Humberto Saboia de Albuquerque.
- Caio Guimarães.
- + Samuel dos Santos Pontual Junior.
- João Noronha dos Santos.
- Militão José de Castro e Souza.
- Armando de Lamare.
- Manfredo de Lamare.
- Domingos de Souza Leite.
- Paulo da Costa Azevedo.
- Frederico Barbalho Uchôa Cavalcanti.
- Manoel Octavio Carneiro.
- Manoel Ribeiro de Almeida.
- Arnaldo Pimenta da Cunha.
- João de Mattos Travassos Filho.
- Francisco de Souza.
- Armando Augusto de Godoy.
- Getulio Lins da Nobrega.
- Mario Moreira Bastos.

João Climaco do Couto Barroso.
Zacharias de Góes Carvalho.
Pedro Dutra de Carvalho Filho.
Benjamin Telles da Rocha Faria.
Victor Villiot Martins.

ANNO LECTIVO DE 1904

Fernando Martins Pereira e Souza.
Domingos Jacy Monteiro.
Oscar Caminha.
João Candido Fernandes de Barros.
Gustavo Lyra da Silva.
Affonso Cabral Tavares de Albuquerque.
Luciano Martins Vêras.
José Pantoja Leite.
Octavio Augusto de Souza.
Miguel Carmo de Oliveira Mello.
Emiliano Amarante Peixoto de Azevedo.

ANNO LECTIVO DE 1905

Manoel Amoroso Costa.
Luiz Antonio Alves de Carvalho.
Christiano Benedicto Ottoni.
Luiz de Queiroz Carneiro Mattoso.
Guilherme Guinle.
Eugenio Gudin Filho.
Amadeu de Lacerda Rodrigues.
Henrique de Novaes.
Anthero Freitas do Amaral.
Eduardo Fortunato Hasselmann.
Adolpho Murtinho.
Eurico Borges dos Reis.

Francisco Hozannah Cordeiro.
Euvaldo Nina.
Manoel Bastos Tigre.

ANNO LECTIVO DE 1906

Domingos de Menezes.
Carlos de Mello Menezes.
Eurico Monteiro de Mattos.
Aavaro José Rodrigues.
Antonio Praxedes Lima.
Francisco Tito de Souza Reis.
Luiz Leite e Oiticica.
Alberto de Queiroz.
Mario Castilhos do Espirito Santo.

ANNO LECTIVO DE 1907

Benjamin do Monte.
Manoel de Avila Goulart.
Aristides Ferreira de Figueiredo.
Joaquim Arsenio Benedicto Ottoni.
Carlos da Gama Lobo.
Antonio de Souza Pereira Botafogo.

ANNO LECTIVO DE 1908

Graciliano Martins Filho.
Pedro José Pereira Travassos.
José de Mello Carvalho Muniz Freire.
Antonio Alves Meira Junior.

José Caetano de Andrade Pinto.
Roberto David de Sanson.
Octavio Pedro dos Santos.
Antonio de Andrade Botelho.
Themistocles de Freitas.
Gaston Sarahyba de Athayde.
Asterio Lobo.
Carlos Americo Barbosa de Oliveira.

ANNO LECTIVO DE 1909

Sergio Luiz de Seixas Correia.
Eduardo de Vasconcellos Pederneiras.
Theobaldo Alves Ferreira Recife.
Gastão de Carvalho.
José Pinto Meira de Vasconcellos.
Angelo de Oliveira Bevilacqua.
Augusto Hor-Meyll Alves.
Mathias Goncalves de Oliveira Roxo.
Mauricio Mouran.
Paulo de Andrade Martins Costa.
Mario Campos Rodrigues de Souza.

ANNO LECTIVO DE 1910

Octavio Moreira Penna.
Ismael Coelho de Souza.
Anthero de Castro Soares.
Heitor Pamplona Pereira Pinto.
José Luiz Fernandes.
Alvaro de Lacerda Cardoso.
Luiz Figueiredo de Medeiros.
Herminio Malheiros Fernandes Silva.

Euzebio Naylor.
Fausto Lopes da Costa.

ANNO LECTIVO DE 1911

Feliciano Mendes de Moraes Filho.
Jayme de Castro Barbosa.
Eduardo Pompeia de Vasconcellos.
Flavio Lyra da Silva.
Gastão Rangel.
George Malcher Summer.
Walter Carlos Magalhães Frenkel.
José Alberto Pinto de Castro.

ANNO LECTIVO DE 1912

Hernani da Motta Mendes.
Ernani Bittencourt Cotrin.
Sabino Mangeon.
Raul de Caracas.
Edgard de Souza Chermont.
Arthur Greenhalg.
Dulcidio de Almeida Pereira.
Octavio Alves Ribeiro da Cunha.
Vicente Licinio Cardoso.
Arthur Cesar de Andrade Junior.
Abelardo Lima Cavalcanti.
João Gualberto Marques Porto.
Abel Peixoto Meira.
João Victor Pacheco.
Antonio Alvares Baratta.

Luiz Cordeiro.
Reginaldo Marques Pardelho.

ANNO LECTIVO DE 1913

Flavio Torres Ribeiro de Castro.
Carlos Alberto Brandão Martins de Oliveira.
Allyrio Hugueney de Mattos.
Arrigo Werneck Rossi.
Edmundo da Franca Amaral.
Edgard Werneck Furquim de Almeida.
Alvaro Bernardo.
Ernesto Lopes da Fonseca Costa.
Augusto Paranhos Fontenelle.
Francisco de Sá Lessa.
Gualter de Macedo Soares.

ANNO LECTIVO DE 1914

Ferdinando Labouriau Filho.
Antonio de Castro Pereira Rego.
Serafim José dos Santos.
Francisco Moreira da Fonseca.
Antonio de Menezes.
Arthur Enock dos Reis.
Raul Zenha de Mesquita.
Francisco de Paula Bicalho Filho.
Jorge do Nascimento Silva.
Mario Paulo de Brito.
Luiz de A. Portela.
Rivadavia Fonseca de Macedo.
José Leite Corrêa Leal.
Altivo Castellar Leite.

Mauricio Campos Rodrigues de Souza.
Antonio Nunes Galvão.
Heraldo Damasceno.
José Rodrigues Ferreira.
Jayme Leal Costa.
Euripedes Jacy Monteiro.
Agenor Carrilho da Fonseca e Silva.
Alvaro de Macedo Rohe.

ANNO LECTIVO DE 1915

José Alberto Pinto de Castro.
João do Valle.
Jayme Estacio de Lima Brandão.
Luiz Villela da Costa Pinto.
Mauricio Joppert da Silva.
Lino Colonna dos Santos.
Demetrio da Cunha Antunes.
Auto Barata Fortes.
Hugo Floriano Motta.
Elysio Rodrigues Lima.
Ormando Borges de Aguiar.
Miguel Ramalho Novo.
Francisco de Paula Coelho.
Mario de Andrade Santos.
Christovão Bento Pereira Salgado.
Renato Vieira Braga.
Ciro Romano Farina.
Joaquim Borges de Oliveira Bello.
Eurico Delamare de S. Paulo.
Argemiro Paiva.
Antonio Pereira Caldas.
Abel de Almeida Magalhães.
Antonio Vilhena Ferreira Braga.
João de Cerqueira Lima Neto.

Joaquim Pinto de Souza Junior.
Irineu Leite de Souza Freitas Lima.
Demosthenes Rockert.

ANNO LECTIVO DE 1916

Victor Freitas.
Mario Perry.
Gastão Greenhangh Ferreira Lima.
Arnaldo do Valle Lima.
Joaquim Mendes Braga.
Ivan Pinheiro de Oliveira Lima.
Fernando Viriato de Miranda Carvalho.
Octacilio Novaes da Silva.
Antonio Felix de Bulhões.
José de Caminha Muniz.
Nicanor Lemgruber.
Edmundo Brandão Pirajá.
Augusto Varella Corsino.
Luiz Napoleão do Amaral.
Romero Fernando Zander.
Renato Braziliense Santa Rosa.
Helvecio Coelho Rodrigues.
Jayme da Silva Lima.
Gentil Falcão.
Elias Coelho Rodrigues.
Octavio Soares da Rocha.
João Capistrano Gomes do Amaral.
João Glass Veiga.
Jorge Torres da Costa Franco.
Camerino Chlorino Fialho.
João Baptista da Costa Pinto.
Antonio Augusto de Almeida e Souza.
Theodoro Augusto Ramos.
Francisco Venancio Filho.

Paulo Ottoni de Castro Maya.
Romeu Belluonini.
Euclides de Medeiros Guimarães Roxo.
Francisco de Moraes Vieira.
Emygdio de Moraes Vieira.
Ignacio Marques Dias.
Francisco José dos Santos Werneck.
Octacilio Botelho.
Attila Muniz Freire.
Serzedello Eugenio Benites Mendes.
Raul Cavalcanti de Albuquerque.
Arthur Fragoso de Lima Campos.
Francisco Eugenio de Magarinos Torres.

ANNO LECTIVO DE 1917

Roberto de Lima Coelho.
Waldemar da Cunha Brito.
Nuno Osorio de Almeida.
Adolpho Dourado Lopes.
Cesar Augusto de Mello Cunha.
Francisco Villanova.
Octavio Valdetaro Coimbra.
Carlos Sebastião Rodrigues Caldas.
Edson Junqueira Passos.
Soter Caio de Araujo.
Newton Dunham.
John Cramer Junior.
Raul Mourão de Araujo Maia.
Hildebrando de Araujo Góes.
Galdino Cesar da Rocha.
Mario Moreira.
Deolindo Ferreira Lima.
Arthur de Ararape Junior.

Lino Carlos de Andrade.
Solon de Castro.
Dermeval Vieira de Rezende.
Luiz Alberto da Rocha.
Jorge Moreira Teixeira.
Antonio de Sant'Anna Junior.
Tevelino Guapindaia|
Durval Martins Muylaert.
Julio Miguel de Freitas Filho.
John Raphael Shalders.
Mario Freire.
Cesar Silveira Grillo.
Francisco de Magalhães Castro.
Oscar de A. Portella.
José Junqueira Botelho.
Manoel Hito Pereira Soares.
João Ortiz.
Jorge Guimarães Ferrer.
Orneu Junqueira Botelho.
Odir Dias da Casta.
Renato Leal.
Climeris Velloso de Oliveira.
Sylvio Cardoso de Aquino e Castro.
José Duarte Porto Limeira.
Mario Gusmão.
Renato Leite e Silva.
Olavo Freire Junior.
Raul Carlos Pareto.
Augusto Seabra Muniz.
Ytrio Corrêa da Costa.
Braulio Eugenio Müller.
Oswaldo Guimarães de Sant'Anna.
Amandino Ferreira de Carvalho.
José Gurgel Dantas.
Mario Crissiuma Paranhos.
Hilderaldo Bandeirante da Rocha.

Jorge Dutra da Fonseca.
Paulino de Azevedo Soares.
Jayme Leite e Silva.

ANNO LECTIVO DE 1918

Feliciano de Souza Aguiar.
Emilio Henrique Baungart.
Eteocles de Souza Maciel.
Agnello Spiridião de Albuquerque.
Gilberto dos Santos Neves.
Aurelio Bulhões Pedreira.
Luiz Philippe Pinto Torelly.
Altino Magno de Carvalho.
Avila de Vasconcellos Linhares.
Djalma Hasselmann.
Raphael Antonacci.
Nelson Pereira Ehlers.
Joaquim Vieira Neto.
Manoel Moreira da Costa.
Felippe dos Santos Reis.
Abeylard Netto Amarante.
Hermano Cupertino Nogueira Durão.
Heitor Teixeira Brandão.
Othon Alvares de Araujo Lima.
Keroubino de Steiger Junior.
Manoel Fernandes Torres.
Alfredo Figueiredo.
Octavio Ferreira Veiga.
Edmundo Regis Bittencourt.
Alcino Nogueira da Fonseca.
Jarbas Trigo.
Osmany Coelho Silveira.
Benjamin Ferreira da Cunha Junior.

José Ernesto Coelho.
Breno de Moraes Mesquita.
Raymundo Eurico Cavalcanti.
Oscar Ferreira de Sá.
Cyro Marques de Souza.
Deusdedit Vianna Nagel.
Alvaro Ferdinando de Souza da Silveira.
José Garcia Pacheco de Aragão.
Walter Euler
José Alves Borges Junior.
José Domingues Belford Vieira.
José Alves Campello.
Luiz Maia de Bittencourt Menezes.
Carlos de Oliveira Freire.
Olavo Faria de Oliveira.
Marcello Maldonado Brandão.
José Candido Lima Ferreira.
Carlos Carneiro Leão.
Francisco Theodoro Pereira das Neves.
Carlos Goncalves de Carvalho.
Octavio Cupertino Nogueira Durão.
Luiz Francisco Feijó Bittencourt.
Oswaldo Freitas.
Carlos Lacombe.
Alvaro de Oliveira Machado.
Affonso Feijó da Costa Ribeiro
Oscar Luna Freire do Pilar.
Affonso Celso Marchand.
Mario Soares Pereira.
Alvaro Amarante Peixoto de Azevedo.
José Maria Bicalho.
Alberto de Bithencuort Berford.
Miguel Gomes de Pinho.
Sebastião Gualberto de Oliveira.
Paulo Pereira Coelho de Souza.
Octavio Bomfim.
Alvaro Rebello.

Alvaro Monteiro de Barros Catão.
Ruy Mauricio de Lima e Silva.
Alfredo Carneiro Santiago.
Raul de Faria.
Benjamin Constant Villanova.

ANNO LECTIVO DE 1919

Adriano Carlos Henrique Dias Brocos.
Affonso Cotegipe Milanez.
Alberto Brandão de Segadas Vianna.
Alceu da Silva Amaral.
Alcides Ballariny.
Alcino José Chavantes Junior.
Alkendi Uchôa.
Alvaro Machado Cardoso de Mello.
Americo Maciel Dantas.
Antonio Castello Branco Clark.
Antonio da Silva Maia Filho.
Antonio Eugenio Latgé.
Antonio Leite Garcia.
Arnaldo Fontoura de Barros.
Aurelio Manoel Gonçalves.
Benjamin Francklin Kingston.
Braz Jordão.
Carlos Lopes Barcellos.
Carlos José Mendes.
Carlos Julio Galliez Filho.
Cezar Proença.
Cyro do Valle Ferro.
Delencardiense de Alencar Araripe.
Delphim Pinho Filho.
Doralio Timotheo da Costa
Durval de Menezes.
Edgard Jovita Garcia de Souza.

Edwiges Maria Beker.
Eduardo Saboia Filho.
Emilio Regnier.
Epaminondas de Araujo Amazonas.
Ernani Rezende de Andrade.
Firmino Salles Botelho.
Francisco Benjamin Gallotti.
Francisco Gomes de Carvalho Junior.
Francisco de Souza e Mello.
Francisco Xavier Kulnig.
Gastão dos Santos Moreira.
Gastão Prati de Aguiar.
Gustavo Adolpho Marinho Lutz.
Gil Motta.
Haroldo Coelho Cintra|
Henrique Carlos Coelho da Rocha.
Jayme de Almeida Rabello.
Jeronymo Monteiro Filho.
João Carlos Bello Lisbôa.
João Cleophas de Oliveira.
João Fleury.
João Maribondo da Trindade.
João Pereira de Lemos Netto.
Jorge Lothario Messner.
Jorge de Menezes Werneck.
Jorge Ribeiro Leuzinger.
José Antonio de Oliveira Dias.
José da Costa Guerra.
José Lopes de Areias Netto.
José Ribeiro Martins.
Julião Martins Castello.
Julio Fabio de Saboia e Silva.
Lamartine Pessoa de Mello.
Levy Castex.
Luiz Augusto da Silva Vieira.
Luiz Miller.

Mario Gravenstein Borges.
Maurício de Frontin Hess.
Moacyr Malheiros Fernandes Silva.
Octavio Alexander de Moraes.
Octavio Corrêa Lima.
Octavio de Azevedo Ferreira.
Olavo de Medeiros Souto.
Olavo Novaes da Silva.
Oscar de Souza Carvalho Salgado.
Othon Henry Leonardos.
Paulo de Menezes Mendes da Rocha.
Pedro Franzen Bhering.
Philuvio de Cerqueira Rodrigues.
Raimundo Leal de Macedo.
Raul Alvares de Azevedo Castro.
Renato Machado Werneck.
Romeu de Sá Freire.
Sylvio Aderne.
Sylvio Viguelin de Abreu.
Tertuliano de Almeida Sampaio.
Tobias de Mello Magalhães.
Waldemar José de Carvalho.
Waldemar Magno de Carvalho.

ANNO LECTIVO DE 1920

João Carlos Barreto.
Waldemar Seabra.
Agenor Gurgel de Roure.
Francisco Belizario Tavora.
Octavio Ewerton Pinto.
Luiz Philippe de Araujo Meira.
Paulo Pereira Nunes.
Getulio de Andrade Alves.

Clovis de Macedo Cortes.
Abilio Leite de Barros.
Moacyr Monteiro Avidos.
Oswaldo Dias.
Cesar Maurity da Cunha Menezes.
Mario Chagas Doria.
Henrique Carlos Morize.
Francisco de Assis Gondim Menescal.
Manoel Telemaco de Souza e Silva.
Annibal Fernandes da Costa.
Augusto Barata.
Antonio Onofre de Moraes Lacerda.
Ruy Costa Rodrigues.
Cloves Daudt Fernandes Pinheiro.
Sergio Marcondes de Castro.
Ithamar Tavares.
Alvaro Soares de Sampaio.
Bento Luiz Soares de Sampaio.
Paulo Julio da Veiga.
José Cardoso de Almeida Sobrinho.
Paulo Accioli de Sá.
Antonio Gomes de Avellar.
Jurandyr de Castro Pires Ferreira.
Antonio Corrêa Jorge da Cruz.
Edgard de Barros Raja Gabaglia.
Alexandre Guttierrez Beltrão.
Fernando Almeida da Silva.
Leopoldo Jordão Amorim do Valle.
Alvim Schimmelpfeng.
Martinho Rodrigues Mourão.
José Pinto da Fonseca.
Martiniano Junqueira.
Waldemar Ferreira de Souza.
Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho.
Helena Schimmelpfeng.
Alberico da Cunha Rodrigues.

Avidio Mello.
Armando Marques Madeira.
José Quirino de Avellar Simões.
Waldemiro Vieira Marcondes.
José Assumpção Viriato de Araujo.
Jorge Leal Burlamaqui.
Pedro Wolner.
Jacques Richer.
Roberto Muniz Gregory.
Nelson Leoni Werneck.
Iddio Ferreira Leal.
Ernesto da Cunha Schloback.
José Carneiro Vieira da Cunha.
William Roberto Marinho Lutz.
Luiz Gonzaga Brenhaus de Lima.
Antonio Vieira da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1921

Ené Diogo Cordilha.
João da Costa Ribeiro Junior.
Eurico da Silva Mello.
Luiz Caldas de Menezes e Souza.
Bento Fleury da Rocha.
Guilherme de Oliveira Ferreira.
Adalberto Jayme de Lossio e Seiblitz.
Agostinho Ornellas de Souza.
José Rache.
Mario da Costa Alencar Jaguaribe.
Paulo de Andrade Costa.
José Cesario Monteiro Lins.
Oswaldo Osiris Storino.
Roberto José Fontes Peixoto.
Radamés Tupy Arantes.

Americo de Carvalho Ramos.
Domingos Octavio Jacobina Lacombe.
Octavio Nunes.
Carlos Mario Favaret.
Alvaro Coutinho Souto Maior.
Raymundo de Vasconcellos Aboim.
José Wilson Coelho de Souza
Clovis da Cunha Cavalcante.
Attila Brandão.
Mario Moura Brasil do Amaral.
Francisco de Paula Pereira de Miranda.
Henrique Peixoto de Oliveira.
Custodio Marques Vasques.
Francisco Luiz de Araujo.
Severino Junqueira Meirelles.
João José Gianerini.
Paulo Cesar Machado da Silva.
Aydano de Almeida Correia.
Erich Felix Waldemar Schendell.
Miguel Manzollilo.
Mario Alves Aranha.
Aristides de Almeida Beltrão.
José Gayoso Neves.
Alarico Léon da Silveira.
Hugo Gondin Fabricio de Barros.
José Leite Guimarães.
Murillo de Amorim Castello Branco.
Severiano Teixeira Alvares.
Gabriel de Souza Aguiar.
João Augusto do Rego Barros Mac-Dowell.
Nelson Simas de Souza.
Adherbal de Miranda Pougy.
Mario Leão Ludolf.
Roberto Doyle Maia.
Genserico Muniz Freire.
Guilherme Bastos Pereira das Neves.

Francisco de Caldas Brandão.
Bruno Kozłowski.
Francisco Gonçalves de Aguiar.
Hermetti Socci.
José Valentim Dunham Filho.
Mario de Assis Machado Nunes.

ANNO LECTIVO DE 1922

Amerino Wanick.
Cesar do Rego Monteiro Filho.
Candido Alberto Pereira.
Henrique M. da Rocha Freire.
Maria Esther Corrêa Ramalho.
Octavio Furquim.
Alberto Coelho de Magalhães.
Saul Massa Pinto.
Heitor de Chermont Raiol.
Gontran de Souza.
Affonso Poyart.
Roberto Cortines.
Manoel de Azevedo Leão.
Eduardo Borgerth.
Alvaro Brandão Neves da Rocha.
Sylvio Miranda Freitas.
Alvaro Lyra da Silva.
Antonio Alves Freire.
Jael Pinheiro de Oliveira Lima.
Francisco Raymundo de Macedo Fabricio.
Manfredo de Araujo Carvalho.
Luiz Dias da Silva Junior.
Adhemar de Azevedo Marques.
Genesio de Barros Gouvêa.
Luiz da Rocha e Silva.
Thomé Barbosa Ribeiro da Silva Passos.

Ewerton Guimarães Pereira da Silva.
Fernando Guimarães.
Alfredo Alvaro Baumann.
José Claudio da Costa Ribeiro
Waldemar Paranhos de Mendonça.
Gustavo Ramalho Borba.
Antonio Marques da Costa Ribeiro.
Nelson de Carvalho Junqueira.
Gastão Fernandes da Camara.
Luiz Seraphim Derenze.
Antenor Silva da Rosa.
Ernesto da Rocha Passos.
Nilo Colona dos Santos.
Ary Duarte de Souza.
Ildefonso Campos.
Heitor da Fonseca e Silva Lahmeyer.
Vanor Ribeiro Junqueira.
Plinio de Souza Aguiar.
Victor Ribeiro Leuzinger.
Haroldo Monteiro Junqueira.
Horacio Braz da Cunha.
Jair Rego de Oliveira.
Francisco Eugenio Xavier do Prado.
Alberto Prado Guimarães.
José de Souza Filho.
Jorge Dodsworth Martins.
Walter Ribeiro da Luz.
João Cardoso de Mendonça.
Walter da Rocha Werneck.
Alberto Candido Martins.
Francisco Fernandes Leite.
Archimimo Augusto Jaqueira.
Mário Alves da Cunha.
Lauro de Andrade Borba.

ANNO LECTIVO DE 1923

(*Turma do jubileu*)

Abrahão Izeckson.
Alberto de Souza Moraes.
Alfredo de Castilhos.
Alvaro Avila Leal.
Alvaro Brandão Cavalcanti.
Assentino Pereira.
Braz da Franca Velloso.
Carlos Charneaux.
Carlos Soares Pereira.
Clodoaldo Vieira Passos.
Eduardo de Souza Filho.
Enso Carlos Pinto.
Eudoro Prado Lopes.
Eurico Paranhos Fontenelle.
Francisco Mendes de Oliveira Castro.
Francisco Xavier Rodrigues de Souza.
Galba de Boscoli.
Helio Daudt Fabricio.
Henrique de Almeida Gomes.
Henrique de Paula Lopes.
Henrique Dietrich.
Henrique Duvivier Goulart.
João Baptista Isnard de Gouvêa.
João Carlos Vital.
João Luiz Ramos Quitito.
Jorge Withacker da Cunha Lima.
José Alfredo Montes de Marsillac.
José Queiroz.
José Salvador da Trindade Mello.
Julio Cezar de Mello e Souza.
Lafayette Stockler.
Lauro de Mello Andrade.

Lino Barcellos Collet.
Luiz Antonio Domingues da Silva Sobrinho.
Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa.
Manoel Francisco Grillo Netto.
Manoel dos Santos Dias.
Mario Augusto Serafim da Silva.
Mario de Bittencourt Sampaio.
Miguel Angelo de Souza Aguiar.
Milciades Mele Pereira da Silva.
Nelcio Dourado Lopes.
Nelson Betim Paes Leme.
Nilo Fajardo.
Octavio Chermont Royal.
Paulo de Queiroz Mattoso.
Paulo Leopoldo Pereira da Camara.
Pedro Belisario Velloso Rebelo.
Quintino Bocayuva Netto.
Remo Corrêa da Silva.
Ruben de Mello.
Sylvio de Magalhães Lustosa.
Sylvio do Pazo Ferreira.
Tasso da Costa Rodrigues.
Ulysses Maximo Augusto de Alcantara.

ENGENHEIROS GEOGRAPHOS

ANNO LECTIVO DE 1875

Ildefonso Coimbra.
Vicente Huet Bacellar Pinto Guedes.
José Manuel de Siqueira Couto.
Manuel Eleuterio Alvares de Araujo.
José Leopoldo Belfort Duarte.
Ricardo Alfredo de Medina.
Arthur Pio Deschamp de Montemensy.
Joaquim de Almeida Ribeiro.
João José Dias de Faria.
José Horacio Dias de Faria.
Augusto Alves Pereira de Mello.
Luiz Augusto Dias de Faria.
Francisco de Paula Oliveira.
Francisco Cypriano de Oliveira Murtinho.

ANNO LECTIVO DE 1876

Pedro José Versiani.
Americo Baptista de Mello Brandão.
José Luiz Coelho.
Jorge Furtado de Mendonça.
Oscar Muniz Bittencourt.
Americo Leonidas Barbosa de Oliveira.

Jorge Desmarais.
João Ernesto Rodocanacki.
Antonio Pinto da Silva Valle.
Torquato Xavier Monteiro Tapujos.
José de Castro Teixeira de Gouveia.
Marciano Augusto Botelho de Magalhães.

ANNO LECTIVO DE 1877

Antonio Gomes dos Santos Lopes.
Justino da Silveira França.
Miguel Lopes do Amaral e Silva.
Demetrio Nunes Ribeiro.
Bernardo Alves Carneiro.
Genesio de Souza Campos Barros.
João Evangelista Carneiro da Cunha.
Nicolau Alexandre Muniz Freire.
Prescilio de Souza Coelho.
Domingos Guilherme Braga Torres.
José Baptista de Azevedo.
Joaquim dos Santos Magalhães Junior.
João Nepomuceno Baptista.
Carlos Hermann Ludolf Rohe.
Manoel Maria de Carvalho.
João Cordeiro da Graça.

ANNO LECTIVO DE 1878

André Gustavo Paulo de Frontin.
Gregorio Nazianzeno de Mello Cunha.
Julio da Silva Oliveira.
Collatino Marques de Souza Filho.

Estevão Ribeiro de Assis Rezende.
Francisco Pinto Torres Neves.

ANNO LECTIVO DE 1879

José Lopes de Castro Junior.
João Baptista Marcondes dos Reis.
Albino Rozière.
Antonio Henrique de Noronha.
Americo Diamantino Lopes.
Luiz Magessi Smissaert Caldas.

ANNO LECTIVO DE 1880

Joaquim Henrique da Malta.
Brotero Frederico de Macedo Soares.
Camillo Jorge Leite da Silva.
Alberto da Silva Pinto.
Carlos Leopoldo Augusto Ferreira.

ANNO LECTIVO DE 1881

João Baptista Randolpho de Paiva.
Alvaro de Mello Coutinho de Vilhema.
Manoel Ignacio Gomes Valladão Junior.
João Eduardo Barbosa.
João José Fernandes da Cunha.
Amaro José da Silveira.
Antonio Luiz Freire de Carvalho.
Joaquim Saldanha Marinho Filho.

Manoel Buarque de Macedo.
Ignacio Francisco de Oliveira.

ANNO LECTIVO DE 1882

José Lopes Pereira de Carvalho Sobrinho.
Leopoldo de Carvalho Ribeiro.
José Ferreira da Silva Santos.
José Rebouças de Carvalho.
Aurelio Lopes Baptista dos Anjos.
Alfredo Magno de Carvalho.
Evaristo de Albuquerque Galvão Filho.
Antonio Mauricio Liberalli.
Manoel Ignacio Belfort Vieira.
Manoel Benicio Fontenelle Junior.
Luiz da Rocha Miranda e Silva.
Alberto de Noronha Torção.
João Pedreira do Couto Ferraz Junior.
Francisco Clementino de Vasconcellos Chaves Filho.
Olegario Herculano da Silveira Pinto.
Ignacio Moerbeck.
Frederico Corrêa da Camara.

ANNO LECTIVO DE 1883

Alexandre Carlos Barreto.
Manoel Nogueira Borges.
Eugenio de Barros Raja Gabaglia.
Nelson de Vasconcellos e Almeida.
Francisco Cordeiro Pizarro Gabizo.
Francisco Calvet de Siqueira Dias.
Julio de Lamare Koeler.

Henrique Augusto Kingston.
Antonio Francisco de Athayde.
João Frederico Washington d'Aguiar.
Nuno Alvares Pereira e Souza.
Silvino Vicente de Faria.
Ludgero Bento da Cunha Motta.
Antonio Pedro de Barros.
Antonio Ilha Moreira.
Julio Alves de Brito.
Luiz Barbedo.
Marianno de Azevedo Aimbire.
Elizeu José Lopes.

ANNO LECTIVO DE 1884

Alfredo Lopes da Costa Moreira.
Humberto Saraiva Antunes.
Francisco Bhering.

ANNO LECTIVO DE 1885

Francisco Candido Alves.
Antonio Guedes Nogueira.
Joaquim Arthur Pedreira Franco.
Antonio Jacintho Pimenta.
Jorge Hecherte.
Joaquim Francisco Simões Correia.
Manoel Francisco Ferreira Correia.
Cypriano Gonçalves da Silva Junior.
Alfredo Americo de Souza Rangel.
Adolpho Barbalho Uchôa Cavalcanti.
Adel Barreto Pinto.

Mario da Silva Nazareth.
Heraclito Cupertino da Costa Mendes.

ANNO LECTIVO DE 1886

Jayme Augusto de Oliveira Reis.
Antonio Marques de Almeida.
José Antonio da Silva Maya.
Octavio Fernandes Torres.
Julio Cesar Ferreira de Souza.
Theodoro Grainger Costa Lima.
Arlindo José de Mello.
Pedro de Aquino Pinheiro.
Manoel Pedro Monteiro Tapajós.
Alfredo Porchat.
Antero Pereira Guimarães.
José Barbosa Gonçalves.
Manoel José Machado da Costa.
Felippe Pinheiro Correia da Camara.
José Antonio de Oliveira.
Alfredo Alvaro da Silveira.
Ildefonso Borges Toledo da Fontoura.
Augusto Pestana.
José da Silva Braga.
Luiz Manoel Gonçalves.
Carlos de Miranda da Silveira Lobo.
José Maria da Fonseca Neves.
Antonio Letie Chermont.
Antonio Simões Lopes.
José Valentin Dunham.
Jeronymo Francisco Coelho.

ANNO LECTIVO DE 1887

Fortunato Augusto de Paula Toledo.
Antonio Vieira de Siqueira Torres.
Tancredo Burlamaqui de Moura.
José Manoel Monteiro.
Leandro Diniz de Faro Dantas.
Abel Leite de Souza.
Fernando Alvares de Souza.
Victorino Borges de Mello.
Manoel Marques Perdigão Junior.
José Teixeira Freixo.
Joaquim Domingues Leite de Castro
Arthur Augusto da Silva Pinto.
José Camillo Ferreira Rebello Junior.
João de Perouse Pontes.
Antonio Baptista da Costa Junior.
João d'Avila Franca.
Lauro Baptista de Oliveira.
Lindolpho de Matos Freitas.

ANNO LECTIVO DE 1888

Pedro Max Fernando de Frontin.
Alfredo de Azevedo Alves.
Alfredo Antonio de Oliveira Graça.
Theophilo Monteiro de Carvalho.
Alvaro Medeiros Chaves.
Francisco Augusto Peixoto.
Manoel Ribeiro da Motta Vasconcellos.

ANNO LECTIVO DE 1889

Adolpho Duprat Costa da Cunha Lima.

ANNO LECTIVO DE 1890

Coriolano dos Reis Araujo Góes.
José dos Santos Neves.
Alberto Luiz Jacques Goston Senges.
Antonio Ferreira de Sá Freire.
Gabriel Diniz Junqueira Guimarães.
Antonio Ramalho.
Gaston Duprat.
Pedro José Monteiro Filho.

ANNO LECTIVO DE 1891

Jesuine Gil Moreira.
Antonio Muniz Barreto de Aragão.
José Paulino Rodrigues.
Pedro Alvares de Azevedo Lemos.

ANNO LECTIVO DE 1892

Arthur Tompson.
José Saboia.
Nuno Alvares Duarte Silva.

ANNO LECTIVO DE 1893

Eduardo Cicero de Faria.
Hermogenes Valle de Amorim.
Narciso do Prado Carvalho.
Orozimbo Lincoln do Nascimento.
Roberto Nunes Lindsay.
Theophilo Nolasco de Almeida.

ANNO LECTIVO DE 1894

Jocelym Cardoso de Menezes e Souza.
Leopoldo Nery Vollú.

ANNO LECTIVO DE 1895

João Cancio Pova.
Alberto de Barros Raja Gabaglia.
Alberto Carlos da Cunha.
Luiz Dias Carneiro.
Manoel da Cunha Moraes.

ANNO LECTIVO DE 1896

Joaquim Mendes de Souza.
João Carlos Baptista da Costa.
Antonio Emilio Rodrigues.
João José da Silva.
José Bezerra Cavalcante.
Julio Oscar de Novaes Carvalho.

Mamede Ferreira Rodrigues.
Manfredo Cantanhede.

ANNO LECTIVO DE 1897

Augusto Vieira Pamplona.
Domingos Jacy Monteiro Netto.
Francklin do Amaral Theberge.
Joaquim Coelho Cerqueira de Carvalho.
Joaquim José de Souza Breves Filho.
José Pereira de Brito Leite de Berredo.
Lourival Alves Muniz.

ANNO LECTIVO DE 1898

Armando de Berredo.
Ernesto Frederico Werna Magalhães.
Fausto Freire de Carvalho Figueiredo.
Joaquim da Silva Porto.
José Antonio de Lacerda.
Virgilio Pereira da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1899

Eurico Rodrigues Monteiro de Oliveira.
José Moraes.
Luiz Carlos da Fonseca.
Getulio Romualdo dos Santos.
Alipio Gonçalves Rosauero de Almeida.
Francisco Carneiro de Albuquerque Filho.

Francisco Fernandes Muniz Pinto.
Manoel Queiroz Ribeiro de Castro.
Silveirio Furtado.

ANNO LECTIVO DE 1900

Alfredo da Silva Tavares.
Annibal da Costa Pereira.
Antonio Paulo de Mattos.
Francisco de Miranda.
Theodorico Maximiano da Fonseca.
Julio Moreira da Silva Lima.
Paschoal Villaboim.
Telasco Lobato Vereza.
Saturnino Jacyntho Ferreira da Silva.
Victor Villiot Martins.

ANNO LECTIVO DE 1901

Vicente de Paulo Cavalcante.
Francisco de Vasconcellos.
Henrique José de Sá.
Vasco de Souza.
Militão José de Castro e Souza.
Domingos de Souza Leite.
Manoel Ribeiro de Almeida.
João Noronha dos Santos.
Armando de Lamare.
Manfredo de Lamare.
Paulo da Costa Azevedo.
Armando Augusto de Godoy.
Benjamin Telles da Rocha Faria.

Pedro Dutra de Carvalho Filho.
Samuel dos Santos Pontual Junior.
Manoel Octavio Carneiro.

ANNO LECTIVO DE 1902

Fernando Martins Pereira e Souza.
Octavio Augusto de Souza.
Miguel Carmo de Oliveira Mello.
Emiliano Amarante Peixoto de Azevedo.
Oscar Caminha.
Ceciliano Abel de Almeida.
Victor Resse de Gouvêa.
Mario Gonzaga Pinheiro.
Raul Eugenio dos Santos Lima

ANNO LECTIVO DE 1903

Henrique de Novaes.
Manoel Amoroso Costa.
Eugenio Gudin Filho.
Luiz Antonio Alves de Carvalho.
Christiano Benedicto Ottoni.
Luiz de Queiroz Carneiro Mattoso.
Guilherme Guinle.
Eduardo Fortunato Hasselmann.
Adolpho Murtinho.
Francisco Hosannah Cordeiro.
Antonio Baptista Ramos Bittencourt.

ANNO LECTIVO DE 1904

Alvaro José Rodrigues.
Domingos de Menezes.
Francisco Tito de Souza Reis.
Carlos de Mello Menezes.
Eurico Monteiro de Mattos.
Antonio Praxedes Lima.
Luiz Leite e Oiticica.
Alberto de Queiroz.
Mario Castilhos do Espirito Santo.
Antonio de Souza Pereira Botafogo.
Miguel de Oliveira Carneiro.
Carlos Pereira Guimarães.

ANNO LECTIVO DE 1905

Carlos da Gama Lobo.
Joaquim Arsenio Benedicto Ottoni.
Benjamin do Monte.
Manoel de Avila Goulart.
Aristides Ferreira de Figueiredo.
Antonio Carlos de Queiroz Facó.
João Alfredo Correia.
José Cezario de Faria Alvim Filho.
Luiz Caetano de Oliveira.

ANNO LECTIVO DE 1906

Mario da Silva.
Graciliano Martins Filho.
Antonio de Andrade Botelho.

Octavio Pedro dos Santos.
Themistocles de Freitas .
Pedro José Pereira Travassos.
José de Mello Carvalho Muniz Freire.
Antonio Alves Meira Junior.
José Caetano de Andrade Pinto.
Roberto David de Sanson.
Carlos Americo Barboza de Oliveira.
Gaston Sarahyba de Athayde.
Asterio Lobo.

ANNO LECTIVO DE 1907

Sergio Luiz de Seixas Corrêa.
Augusto Hor-Meyll Alvares.
Angelo de Oliveira Bevilacqua.
Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo.
José Pinto Meira de Vasconcellos.
Eduardo de Vasconcellos Pederneiras.
Paulo de Andrade Martins Costa.
Mario Campos Rodrigues de Souza.
Mauricio Mouran.
Gastão de Carvalho.
Carlos Alves Soares.
Alvaro Frederico de Souza da Silveira.
José Carneiro de Hollanda Chacon.
Raimundo da Paz Nogueira.

ANNO LECTIVO DE 1908

André Machado de Azevedo.
Eduardo Eurico de Oliveira.
Eduardo Parisot.

Eusebio Naylor.
Fausto Lopes da Costa.
Herminio Malheiros Fernandes Silva.
João Victor Pacheco.
Jorge Belmiro de Araujo Ferraz.
José Luiz Fernandes.
Mario Dutra de Oliveira Torres.
Ildefonso Alves Pereira.

ANNO LECTIVO DE 1909

Agenor Carrilho da Fonseca e Silva.
Antonio Alvares Barata.
Feliciano Mendes de Moraes Filho.
Gastão Rangel.
George Marcher Summer.
Heitor Freire de Carvalho.
Honorio Bicalho Hungria.
Jayme de Castro Barboza.
José Antonio Veiga Pedreira.
Luiz Gastão da Silva Cunha.
Mario Simões Corrêa.
Thomaz Cavalcanti de Albuquerque de Gusmão.
Walter Carlos de Magalhães Frenkel.
Armando Carneiro Machado.
João Guilherme Hess.

ANNO LECTIVO DE 1910

Abel Peixoto Meira.
Abelardo Lima Cavalcanti.
Arthur Cesar de Andrade Junior.
Arthur Greenhalgh.

Arthur Rocha.
Dulcideo de Almeida Pereira.
Edgard de Souza Chermont.
Ernani Bittencourt Cotrim.
Hernani da Motta Mendes.
João Gualberto Marques Porto.
Luiz Maria Gonzaga de Lacerda.
Luciano Lobato Kœler.
Raul de Caracas.
Sabino Mangeon.
Vicente de Oliveira Xavier Cardoso.
Alcides Figueiredo de Medeiros.
Luiz Cordeiro.

ANNO LECTIVO DE 1911

Alberto Bethencourt Berford.
Alvaro Bernardes.
Alvaro de Macedo Röhe.
Arrigo Rossi.
Arthur Henock dos Reis.
Augusto Paranhos Fontenelli.
Allyrio Hugueney de Mattos.
Carlos Alberto Brandão Martins de Oliveira.
Edmundo Franca Amaral.
Edgard Werneck Furquim de Almeida.
Ernesto Lopes da Fonseca Costa.
Eurico de Lamare S. Paulo.
Flavio Torres Ribeiro de Castro.
Flavio Lyra da Silva.
Francisco de Sá Lessa.
Gualter de Macedo Soares.
Ithamar Tavares.
Jonas de Vasconcellos Esteves.

Jayme Cunha da Gama e Abreu.
Jorge do Nascimento Silva.
Octacilio Novaes da Silva.
Plínio de Almeida Magalhães.
Sebastião Sodré de Gama.
Sebastião Gualberto de Oliveira.

ANNO LECTIVO DE 1912

Alvaro da Cunha e Mello.
Antonio de Menezes.
Altivo Castellar Leite.
Arnaldo Cunha de Azevedo.
Antonio Nunes Galvão.
Camerino Chlorino Fialho.
Eugenio Hime.
Euripedes Jacy Monteiro.
Elysio Rodrigues Lima.
Francisco Moreira da Fonseca.
Francisco de Paula Bicalho Filho.
Ferdinando Laboureau Filho.
Heraldo Damasceno.
Joaquim Breves de Oliveira Bello.
Jayme Leal Costa.
João Alves Borges Junior.
João Capristano Gomes do Amaral.
José Leite Corrêa Leal.
José Rodrigues Ferreira.
Luiz de A. Portella.
Mario de Brito.
Mauricio Campos Rodrigues de Souza.
Mario Soares Pereira.
Raul Zenha de Mesquita.
Reginaldo Marques Pardelho.

Renato Barroso.
Rivadavia Fonseca de Macedo.
Seraphim José dos Santos.
Sylvio Gomes Pereira.

ANNO LECTIVO DE 1913

Antonio de Vilhena Ferreira Braga.
Antonio Pereira Caldas.
Auto Barata Fortes.
Christovam Bento Pereira Salgado.
Ciro Romano Farina.
Demostenes Rockert.
Demetrio da Cunha Antunes.
Graccho Peixoto da Costa Rodrigues.
Hugo Floriano Motta.
Irineu Leite de Souza Freitas Lima.
João de Cerqueira Lima Netto.
João do Valle.
Joaquim Pinto de Souza Junior.
Lino Colona dos Santos.
Licinio da Rosa Ribeiro.
Miguel Ramalho Novo.
Mauricio Murgel Dutra.
Mauricio Joppert da Silva.
Mario de Andrade Santos.
Octavio de Lima Bomfim.
Ormando Borges de Aguiar.
Roberto de Lima Coelho.
Renato Vieira Braga.
Serzedello Eugenio B. Mendes.
Tasso Benjamin da Motta.

ANNO LECTIVO DE 1914

Abel de Almeida Magalhães.
Arbaldo Cabral Botelho Benjamin.
Arthur Araripe Junior.
Antonio Martins de Arêa Leão.
Arthur Alvaro Rodrigues.
Alipio de Almeida Nunes.
Augusto Varella Corsino.
Arthur Fragoso de Lima Campos.
Attila Muniz Freire.
Antonio Felix de Bulhões.
Arnaldo do Valle Lins.
Augusto Pacheco Alves de Araujo.
Arthur da Costa Pinto.
Attila Monteiro Aché.
Alfredo de Sá Rabello.
Aristides de Almeida Beltrão.
Aulo Torquato Fernandes Couto.
Americo José Cardoso.
Armando Pinto de Lima.
Armando de Azevedo Pinna.
Armando Braga.
Arthur Fernandes Couto.
Arthur Carlos de Abreu.
Arthur Fontes Ferreira.
Annibal Dantas Leite de Oliveira.
Annibal do Prado Carvalho.
Amphilophio Reis.
Adolpho José de Carvalho Del-Vecchio.
Agenor Corrêa de Castro.
Antonio Domerque Alves Barros.
Alvaro Guimarães Bastos.
Adalberto Landin.
Alfredo Sinay.
Amany Sadock de Freitas.



Antonio Maria de Carvalho.
Alvaro Alberto da Matta e Silva.
Antonio Sabino Cantuaria Guimarães.
Benjamin Magalhães de Oliveira.
Braz Dias de Aguiar.
Braz Paulino da Franca Velloso.
Cicero de Freitas Marinho.
Carlos da Fonseca.
Carlos Sussekind.
Cesar Maurity da Cunha Menezes.
Caetano Taylor da Fonseca Costa.
Carlos Frederico de Noronha Filho.
Carlos Soares Filho.
Deolindo Ferreira Lima.
Deodoro Mendes da Rocha.
Deodoro Neiva de Figueiredo.
Edmundo Brandão Pirajá.
Emilio Henrique Baumgart.
Edson Junqueira de Passos.
Elias Coelho Rodrigues.
Emygdio Moraes Vieira.
Euclides de Medeiros Guimarães Roxo.
Edmundo Jordão Amorim do Valle.
Enéas Cesar Ramos.
Elysiario Pereira Pinto.
Edgard de Mello.
Eugenio Teixeira de Castro.
Eurico Cesar da Silva.
Eurico Parga Viveiros de Castro.
Eulino Rosario Cardoso.
Eustaquio Martins Camara.
Eduardo Duarte Silva Junior.
Francisco Xavier Rodrigues de Souza.
Francisco Maistrello Paes Leme.
Frederico d'Avila Bittencourt Mello.
Francisco Eugenio Margarinos Torres.

Fernando Viriato de Miranda Carvalho.
Francisco Carlos de Oliveira.
Francisco Venancio Filho.
Francisco de Moraes Vieira.
Francisco Gomes Carvalho Junior.
Francisco Sarmiento e Silva.
Francisco Radler de Aquino.
Fabricio Moreira Caldas.
Frederico Soledade.
Fernando Cochrane.
Frederico de Barros Falcão Hasselmann.
Francisco Dias Ribeiro.
Francisco Jeronymo Coelho Lessa.
Flavio Vieira.
Fernando de Abreu Coutinho.
Francisco Feliciano da Motta e Albuquerque.
Genserico Muniz Freire.
Galdino Cesar da Rocha.
Gastão Greenhalgh Ferreira Lima.
Geraldo Candido Martins Junior.
Gastão de Paiva Coelho.
Graciano Adolpho Monteiro de Barros.
Guilherme da Silva Nunes.
Gastão de Moraes Fontoura.
Guilherme Bastos Pereira das Neves.
Galdino Pimenta Duarte.
Henrique Campos de Oliveira.
Helio Hostilio de Moraes Rego.
Hugo Guisbrecht.
Hildebrando de Araujo Goes.
Heitor Xavier Pereira da Cunha.
Heitor Galliez.
Helio Sayão de Bustamante.
Henrique Alberto de Figueredo Bahia.
Honorio Neiva de Figueiredo.
Honorio Augusto Ribeiro.

Hormisdes Maria de Albuquerque.
Ignacio Marques Dias.
Ivan Pinheiro de Oliveira Lima.
Joaquim Alvares de Azevedo Junior.
Jorge Dutra da Fonseca.
Joaquim Antonio Dias do Amorim Junior,
José do Nascimento Brito.
John Cramer Junior.
Jorge Torres da Costa Franco.
João Baptista da Costa Pinto.
José de Caminha Muniz.
Julio de Moura Monteiro.
Joaquim Mendes Braga.
João Glass Veiga.
Jorge Dodsworth Martins.
José Assumpção Viriato de Araujo.
Juvenal Greenhalgh Ferreira Lima.
João Soares de Penica.
José Valentim Dunham Filho.
Joaquim de Maya Monteiro.
José Maria Neiva.
Joaquim de Castro Nunes Leal.
José Velloso Pederneiras.
José de Brito Figueredo.
João Bonifacio de Carvalho.
João Candido Brazil Junior.
Jayme da Silva Lima.
João Vicente Dias Vieira.
João Francisco de Azevedo Milanez.
Josué Antonio Gomes Pimenta.
José do Amaral Castello Branco.
José Hugo da Gama e Silva.
José Antonio Pereira Junior.
Lino Carlos de Andrade.
Luiz Maciel do Nascimento.
Lauro Enéas de Miranda.

Luiz Raul de Sena Caldas.
Luiz Antonio de Mendonça Junior.
Lelio Itapuambira Gama.
Luiz G. Bernhaus de Lima.
Manoel Moreira da Costa.
Manoel Victor da Fonseca Galvão.
Mario de Gouvêa Ribeiro.
Mario Moreira.
Moacyr Malheiros Fernandes Silva.
Mario Santos.
Mario da Silva Celestino.
Mario Perry.
Manoel Eloy Alvim Pessôa.
Miguel de Castro Caminha.
Marcolino Alves de Souza.
Mario de Albuquerque Lima.
Mauricio Eugenio Xavier do Prado.
Manoel José de Faria e Silva.
Manoel Dias de Souza Lobo.
Mario Mendes Borges.
Mario de Azevedo Coutinho.
Mario Gama e Silva.
Mario de Oliveira Sampaio.
Mario da Costa Braga.
Nicanor Lemgruber.
Newton Dunham.
Nelson Simas de Souza.
Nelson Augusto de Mello.
Nelson Noronha de Carvalho.
Nelson Guillobel.
Nelson Rodrigues Bastos Coelho.
Nuno Osorio de Almeida.
Oswaldo Galvão.
Octavio de Azevedo Ferreira.
Octavio Valdetaro Coimbra.
Octavio Soares da Rocha.

Octacilio Botelho.
Oscar de Barros Cavalcante.
Oscar Leite de Vasconcellos.
Octavio Hygino de Moraes Guerra.
Oscar Luna Freire do Pilar.
Oscar Gitahy de Alencastro.
Octavio Guedes de Carvalho.
Paulo Ottoni de Castro Maya.
Plinio Justiniano Rocha.
Paulo de Souza Bandeira.
Plinio Fonseca Mendonça Cabral.
Romero Fernandes Zander.
Romeu Belluomini.
Rodolpho Guimarães Valladão.
Raul Mourão de Araujo Maia.
Renato Braziliense Santa Rosa.
Renato de Oliveira Guillobel.
Raul Esnaty.
Raul de San Thiago Dantas.
Roberto Guedes de Carvalho.
Rodrigo Navarro de Andrade Junior.
Rodolpho de Souza Burmester.
Raul Lobato Ayres.
Samuel da Silva Machado.
Soter Caio de Araujo.
Sosthenes Barbosa.
Sylvio de Noronha.
Talma Freire de Carvalho.
Theodoro Augusto Ramos.
Waldemar da Cunha Briot.

ANNO LECTIVO DE 1915

Carlos Sebastião Rodrigues Caldas.
Jorge Guimarães Ferrer.

Adolpho Dourado Lopes.
Dermeval Vieira de Rezende.
Doralio Timotheo da Costa.
José Domingues Belford Vieira.
Djalma Hasselmann.
Cezar Silveira Grillo.
Olavo Faria de Oliveira.
Oscar A. Portella.
Hermano Cupertino Nogueira Durão.
Olavo Freire Junior.
José Junqueira Botelho.
Mario Freire.
Oswaldo Guimarães Sant'Anna.
João Ortiz.
Carlos José Verissimo.
Cezar Augusto de Mello Cunha.
Odir Dias da Costa.
John Raphael Schalders.
Ormeu Junqueira Botelho.
Julio Miguel de Freitas Filho.
Francisco de Magalhães Castro.
Abeylardo Netto Amarante.
Georgenor Chaves.
Francisco Maistrello Paes Leme.
José Gurgel Dantas.
José Maria Bicalho.
Paulino de Azevedo Soares.
Firmino Salles Botelho.
Keroubino de Steiger Junior.

ANNO LECTIVO DE 1916

Alvaro Amarante Peixoto de Azevedo.
Othon Alvares de Araujo Lima.

Brenno de Moraes Mesquita.
Alcides Ballariny.
Julio Fabio de Saboia e Silva.
Gilberto dos Santos Neves.
Luiz Moreira Lima.
Romeu de Sá Freire.
Carlos Gonçalves de Carvalho.
Carlos Carneiro Leão.
Osmany Coelho e Silva.
Octavio Corrêa Lima.
José Cândido Lima Ferreira.
José Candido Lima Ferreira.
Luiz Maia de Bittencourt Menezes.
Alvaro Monteiro de Barros Catão.
Altino Magno de Carvalho.
Julião Martins Castello.
Cyro do Valle Ferro.
Walter Euler.
Ruy Mauricio de Lima e Silva.
William Roberto Marinho Lutz.
Francisco Sanches.
José Ernesto Coelho.
Benjamin Ferreira da Cunha Junior.
Carlos Lacombe.
Affonso Cezar Marchand.
Raul de Faria.
Octavio Alexander de Moraes.
Raymundo Eurico Cavalcanti.
Octavio Cupertino Nogueira Durão.
Francisco Theodoro Pereira das Neves.
Alfredo de Araujo Gonçalves.
Benjamin Constant Villanova.
Alcino Nogueira da Fonseca.
Tobias de Mello Magalhães.
Renato Sebastiany.
Othon Mader.

Edmundo Regis Bittencourt.
Antonio Vieira da Silva.
Alfredo Carneiro Santiago.
Julio Cordeiro Cotias.
Elysio Dantas Itapicurú Coelho.
Alberto Candido Martins.
Alberto Rodrigues de Barros.

ANNO LECTIVO DE 1917

José Alves Campello.
Henrique Chagas Doria.
Alberto Brandão de Segadas Vianna.
Edwiges Maria Becker.
Haroldo Coelho Cintra.
Gastão Santos Moreira.
Iddio Candido Ferreira Leal.
Gastão Prati de Aguiar.
Francisco Benjamin Gallotti.
Benjamin Francklin Kingston.
Waldemar José de Carvalho.
Emilio Regnier.
Braz Jordão.
José Lothario Meissener.
Sylvio Aderne.
Annibal Fernandes da Costa.
Tharcilio Alexandre de Queiroz Ferreira.
Henrique Carlos Coelho da Rocha.
Jeronymo Monteiro Filho.
José Antonio Dias Junior.
Delphim Pinho Filho.
Waldemar Magno de Carvalho.
Jorge Ribeiro Leusinger.

Luiz Augusto da Silva Vieira.
Durval de Menezes.
Levy Castex.
Francisco de Souza e Mello.
Nelson Leoni Werneck.
Gustavo Adolpho Marinho Lutz.
João Pereira de Lemos Netto.
Mario Gravenstein Borges.
Oscar de Souza Carvalho Salgado.
Aurelio Manoel Gonçalves.
Lauro de Mello Andrade.
Pedro Franzen Bhering.
Francisco Xavier Kulnig.
Paulo Menezes Mendes da Rocha.
Cezar Proença.
Eudoro Lincoln Berlinck.
Carlos Julio Galliez Filho.
Alvaro Machado Cardoso de Mello.
Carlos José de Figueredo.
Mauricio de Frontin Hess.
Alcino José Chavantes Junior.
Antonio Leite Garcia.
Henrique Peixoto de Oliveira.
Affonso Cotegipe Milanez.
Luiz Francisco Feijó Bittencourt.
Arnaldo Garcez de Faro.
Antonio Cavalcanti de Albuquerque Filho.
Jayme de Almeida Rabello.
Antonio Egydio de Almeida.
Alvaro Rabello.
João Padilha de Souza.
Philuvio Cerqueira Rodrigues.

ANNO LECTIVO DE 1918

Alcindo Nunes Pereira.
Hilbernon Ferreira da Costa.
Waldemar Ferreira de Souza.
João Augusto do Rego Barros Mac-Dowel.
Armando Cattani.
Newton de Uzeda Moreira.
Arthur Ferreira dos Santos.
Francisco de Assis Gondin Menescal.
Henrique Carneiro Leão Teixeira.
Alkendi Uchôa.
Ladario Canabarro.
Waldemar Paranhos de Mendonça.
Luiz Antonio de Souza Leão.
Waldemar Vieira Marcondes.
Alvaro Soares de Sampaio.
Sergio Marcondes de Castro.
Oswaldo de Lamare.
Heleno Schimmelpfeng.
Manoel Telemaco de Souza e Silva.
Paulo José Villac.
Waldemar Seabra.
Armando Madeira.
Antonio Corrêa Jorge da Cruz.
Francisco Torres Gomes.
José Luiz Passos de Miranda.
Alvim Schimmelpfeng.
Roberto Muniz Gregory.
Jorge Leal Burlamaqui.
Ernesto da Cunha Schloback.
Paulo Accioly de Sá.
Mario Moura Brasil do Amaral.
Victor Elliot.
Martinho Rodrigues Mourão.
Alberico da Cunha Rodrigues.

Augusto Barata.
Abilio Leite de Barros.
Antonio da Silva Maia Filho.
Zeli Dios de Figueredo.
José Pinto da Fonseca.
Bento Luiz Soares de Sampaio.
Francisco de Paula Araujo.
Eurico Tavares da Silva.
José Joaquim Cosme Pinto.
Luiz Felipe de Araujo Meira.
Octavio Ewerton Pinto.
Chyrso Ribeiro Barroso.
Deusdedit Vianna Nagel.
Ruy Costa Rodrigues.
Renato Machado Werneck.
Oswaldo Dias.
Ernani Rezende de Andrade.
Antonio Eugenio Latgé.
Emilio Rodrigues Ribas Junior.
Delencarliense de Alencar Araripe.
Paulo Julio da Veiga.
Agenor Gurgel de Roure.
Jorge de Menezes Werneck.
José de Souza Filho.
Adalberto Farias dos Santos.
Manoel Garcia Vieira.
José Quirino de Avellar Simões.
Antonio José Severino do Amarante Netto.
José Ribeiro Martins.
Adriano Carlos Henrique Dias Brócos.
José Ribeiro Martins.
Annita Dubugras.
Oswaldo Porfirio de Affonseca.
Martiniano Junqueira.
Edgard Raja Gabaglia.
Paulo Pereira Nunes.

Luiz Pizarro Dias Carneiro.
Paulo Cordovil Maurity.
Antonio Gomes de Avellar.
Sebastião Gomes Leal.
Americo Maciel Dantas.
João Fleury.
Henrique Carlos Morize.
Othon Leonardos.
Oswaldo Justo Aguiar Cavalcanti.
Jurandyr de Castro Pires Ferreira.
Alfeu Oliveira Alves.
Antonio Onofre de Moraes Lacerda.
Getulio de Andrade Alves.
Caio Pompeu Martins Leão.
João José Gianerini.
Custodio Marques Vasques.
Clovis Daudt Fernandes Pinheiro.
Clovis de Macedo Côrtes.
Francisco Ferreira Pereira.
Lamartine Pessoa de Mello.
Adelmaro Felicio dos Santos.
Alvaro Vianna Lima.
Oscar Ferreira Soares.
José Wilson Coelho de Souza.
Alvaro Coutinho Souto Maior.
Henrique de Almeida Filho.
José Hugo Leal Ferreira.
José Justiniano de Castro Rebello.
Alceu da Silva Amaral.
Alberto Calvet.
Armando de Virgilio.
Pedro Wolner.
Alarico Muniz Freire.
Arnaldo Castro Ferreira.
Sylvio Viguelin de Abreu.
Raymundo Brandão Cela.

Carlos Raul Pareto.
Luciano Fragozo.
Francisco Belizario Tavora.
Romulo Soares Fonseca.
Alfredo Pessoa Cavalcanti.
José Figueiredo de Paula Pessoa.
Eduardo Ferreira de Sá.
José Cardoso de Almeida Sobrinho.
Antonio Castello Branco Clark.
Angelo de Araujo Pimentel.
Edison de Vasconcellos Prado.
Carlos José Mendes.
Henrique Augusto de Almeida Camillo.
João Carlos Barreto.
Gastão Braga.
João Figueira.
Francisco José Dias Abranches.
Mario Ramos.
Antenor de Araujo Las Casas.
Carlos Dias Brandão.
Antonio Baptista de Mendonça Filho.
André Bernardino Chaves.
José Maria de Araujo.
João Carlos Bello Lisbôa.
José Antonio da Roza.
Alexandre Barreto.
Octavio Franco Werneck Machado.
Canuto Waldemar Nogueira Ortiz.
Ernani Simões Corrêa.
Vital de Vargas Cavalheiro.
Adelstano Soares de Mattos.
Carlos Ribeiro Meira.
Renato Barrozo.
Antonio Nogueira Jaguaribe.
João O. Dwyer.
Francisco Cezar Brandão Cavalcante.
Eurico Telles de Macedo.

Alberico Soares de Camargo.
Francisco de Assis Torres Gomes.

ANNO LECTIVO DE 1919

Americo de Carvalho Ramos.
Enée Diogo Cordilha.
Henrique de Serpa Pinto.
Erich Felix Waldemar Schendel.
Pericles Sizenando Ribeiro.
Bento Fleury da Rocha.
Guilherme de Oliveira Ferreira.
José Leite Guimarães.
José Rache.
Francisco de Caldas Brandão.
Roberto José Fontes Peixoto.
José Dacio Ferreira de Souza.
Miguel Monzollilo.
Eurico da Silva Mello.
Paulo Cezar Machado da Silva.
Paulo de Andrade Costa.
João da Costa Ribeiro Junior.
José Cezario Monteiro Lins.
Henrique Barballo Uchôa Cavalcanti.
Mario da Costa Jaguaribe.
Gontran de Souza.
Domingos Octavio Jacobina Lacombe.
Octavio Nunes.
Adherbal de Miranda Pougy.
Octavio de Mattos Mendes.
Henrique Dietrich.
Hugo Gondin Fabricio de Barros.
Severino Junqueira Meirelles.
Mario Alves da Cunha.
Radamés Tupy Avantes.
Gastão Saint-Martin.

Adozindo Magalhães de Oliveira.
Murillo de Amorim Castello Branco.
Carlos Mario Faveret.
Mario Leão Ludolf.
Roberto Doyle Maia.
Gabriel de Souza Aguiar.
Carlos Carvalho de Oliveira Graça.
Hermetti Soggi.
Adalberto Jayme de Lossio e Seiblit.
Alarico Leon da Silveira.
Pery Constant Bevilaqua.
Luiz Caldas de Menezes e Souza.
Raymundo Vasconcellos Alboim.
Antão Alvares Barata.
José Gayoso Neves.
Antenor da Franca Navarro.
Ildefonso Campos.
Francisco Gonçalves de Aguiar.

ANNO LECTIVO DE 1920

João Cardoso de Mendonça.
Ary Duarte de Souza.
Candido Alberto Pereira.
Arthur Avellar Figueiredo.
Luiz Dias da Silva Junior.
Alfredo de Araujo Carvalho.
Antonio Alves Freire.
João Carlos Vital.
Fernando Guimarães.
Sylvio Miranda Freitas.
Alfredo Alvaro Baumann.
Adhemar de Azevedo Marques.
Henrique Messeder da Rocha Freire.
Cezar do Rego Monteiro Filho.
Roberto Cortines.

Saul Massa Pinto.
Thomé Barbosa Ribeiro da Silva Passos.
Hilmar Tavares da Silva.
Iberê Nazareth.
Luciano Borges Barrozo.
Octavio de Mattos Mendes.
Oscar Alvim Schmidt.
Genesio de Barros Gouvêa.
Octavio Furquim.
Eduardo Borgerth.
Alvaro Avila Leal.
Walter Ribeiro da Luz.
Alfredo Poyart.
Ewerton Guimarães Pereira da Silva.
Nelson de Alvarenga Peixoto.
Itagybe Escobar.
Rodovalho Pires Petersen.
Ernesto da Rocha Passos.
Alvaro Brandão Neves da Rocha.
Mario Augusto Serafim da Silva.
Vanor Ribeiro Junqueira.
Victor Ribeiro Leusinger.
Amerino Wanick.
Oswaldo Lopes da Silva.
Nilo Colona dos Santos.
Manoel Azevedo Leão.
Alvaro Lyra da Silva.
João Luiz Ramos Quitito.
Haroldo Monteiro Junqueira.
Alberto Coelho de Magalhães.
Jair Rego de Oliveira.
Antenor Silva da Rosa.
Francisco Macedo Fabricio.
Adhemar Preludiano da Rocha.
Heitor Pereira de Chermont Raiol.
Lino Barcellos Collet.
Jael Pinheiro de Oliveira Lima.

Heitor da Fonseca e Silva Lahmeyer.
Luiz da Rocha e Silva.
Paulo de Queiroz Mattoso.
Sebastião Hugo de Souza.
Gastão Fernandes da Camara.
Luiz Seraphim Derenzi.
Hernani Fernandes de Souza.
Walter da Rocha Werneck.
Horacio Braz da Cunha.
Gastão Rodrigues Vaz.
Lauro de Andrade Borba.
Maria Esther Corrêa Ramalho.
Henrique Victor Morize.
Ruy Valladão.
Antonio Marques da Costa Ribeiro.
Henrique de Serpa Pinto.
Raymundo de Arêa Leão.
Mario Belisario de Carvalho.
Gustavo Ramalho Borba.
José Claudio da Costa Ribeiro.
Henrique de Almeida Gomes.

ANNO LECTIVO DE 1921

Miguel Angelo de Souza Aguiar.
Eurico Paranhos Fontenelli.
Enso Carlos Pinto.
Antonio Hirsch Marcolino Fragoso.
Galba de Boscoli.
Remo Corrêa da Silva.
Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa.
José Alfredo Montes de Marsillac.
Sylvio do Pazo Ferreira.
Henrique Duvivier Goulart.
Carlos Soares Pereira.
Paulo Leopoldo Pereira da Camara.

Milciades Mele Pereira da Silva.
Jorge Whitaker da Cunha Lima.
Pedro Belisario Velloso Rebello.
Didimo Estacio de Lima Brandão.
Assentino Pereira.
Rubem de Mello.
João André Bergallo.
Alvaro Brandão Cavalcanti.
Carlos Charnoux.
Nelson Betim Paes Leme.
João Baptista Isnard de Gouvêa.
Alberto de Souza Moraes.
Octavio Pereira de Chermont da Costa Raiol.
Helio Daudt Fabricio.
Claudio Braulio de Vasconcellos Chaves.
Luiz Innocencio da Cunha Rodrigues.
Ulyses Maximo Augusto de Alcantara.
Mario de Bittencourt Sampaio.
Damião Pinto da Silva.
Nelcio Dourado Lopes.
Frederico Whitaker da Cunha Lima.
Eduardo de Souza Filho.
José Queiroz.
Fernando Freitas Melro.
Francisco Mendes de Oliveira Castro Filho.
Carlos Cezar de Andrade.
Manoel Francisco Grillo Netto.
Clarimundo Camillo de Almeida.
Sylvio Magalhães Lustosa.
Augusto Cezar de Andrade.
Luiz Antonio Domingues da Silva Sobrinho.
José Carlos Pinto de Almeida Montenegro.
Everaldo Leite Pereira.
Domingos Ramos de Paiva.
Gastão de Castro Cunha.
Tancredo Pinto de Miranda.
José Martini.
Quintino Bocayuva Netto.

Roberto Ribeiro Meira.
Oswaldo de Paula Fonseca.
Lincoln Henrique Dunham.
Abrahão Izecksohn.
Homero Duarte.
Nilo Fajardo.
Clodoaldo Vieira Passos.
Lafayette Stockler.
Manoel dos Santos Dias.
Plinio Paes Barreto Cardoso.
Henrique de Paula Lopes.
Eudoro Prado Lopes.
Jayme Viriato de Saboia.
Edmar Prado Lopes.
Tasso Costa Rodrigues.
Eduardo de Magalhães Gama.
Nestor Dionisio de Macedo.
Henrique Francisco Esberard.
Alberto Prado Guimarães.

ANNO LECTIVO DE 1922

Frederico Alvares de Assis.
Guido Corrêa do Nascimento.
Moacyr Vieira Martins.
Adalberto de Almeida Nogueira.
Eumenes Peixoto Guimarães.
Octavio Saramago Fonseca.
Paulo Rodrigues Fragozo.
Adalberto Alvares de Castro.
Adbeel de Góes Ferreira.
Antonio Urano de Almeida.
Arlindo Garcia da Costa Barros.
Cezar Reis de Cantanhede e Almeida.
Eduardo Agostini.
Carlos Del Negro.

Domingos Nery Penido.
José Victor de Lamare.
Aristarcho Muniz de Brito.
Clovis Marçal.
José Martins Ribeiro.
Joaquim de Oliveira Filho.
José de Faria Júnior.
Jayme Spindola Teixeira.
Hugo Thompson Nogueira.
Djalma Ferreira Maia.
José de Ipanema Moreira.
Helio Alves de Brito.
Aecio Palmeiro Lopes.
Joaquim Avellar.
José Euclides Caracas.
Jorge Augusto Ferreira Kingston.
Oscar Motta Vianna da Silva.
Antonio Augusto Pereira da Rocha.
Mario Gomes.
Oscar Antonio de Mendonça.
Armando Cezar Leite.
Joaquim da Silva Simões.
Lisandro Mele Pereira da Silva.
Sebastião Guaracy de Amarante.
Sylvio Perdigão.
Victorino Semola.
Mario José Pinto.
Umberto Cyrillo Oddone.
Samuel Archanjo de Almeida Grillo.
Francisco Fernandes Leite.
Egmar Corrêa Leal.
Roberto Mendes de Oliveira Castro.
Milton Paranhos Fontenelli.
Laert Rangel Brigido.
Jayme de Sá Motta.
Edgard Severiano Lima.
Paulo Duvivier.
João Pessoa Cavalcanti.

Lafayette Francisco Bonifacio de Andrade.
Roberto Marximiano Weiss.
Celso Mendes da Fonseca.
Paulo Cezar Gomes Martins.
Nelson Spinola Teixeira.
Ariovaldo Neves.
Luiz Freire.
Lourival de Andrade.
Asdrubal Soares.
Jorge de Souza Neves.
Primitivo Bueno Moacyr.
Julio Costa Urzedo Rocha.
Alcino Guanabara Filho.
Armando Carneiro Monteiro.
Amancio de Souza Palmeiro.
Guilherme Weinschenck.
Olavo Pompeia Guimarães.
Raymundo Francisco Ribeiro Filho.
Francisco de Assis da Costa Pinto.
José Corrêa de Amorim.
Ary Fontoura de Azambuja.
Antonio Garcia de Miranda Netto.
Carlos Schwerin.
Izidoro de Deus Lopes.
Carivaldo Ferraz Menezes Doria.
Walder Lima Sarmanho.
Hermann Guimarães Palmeira.
Abel Dias Vasconcellos.

ANNO LECTIVO DE 1923

(*Turma do jubileu*)

Adalberto Cumplido de Sant'Anna.
Affonso Cesario Alvim.
Alberto de Souza Nazareth.

Almir Affonso Brandão Maciel.
André dos Santos Dias Filho.
Antonio Balestero.
Antonio Carlos Leite Pinto.
Antonio da Silva Monteiro Junior.
Benjamin Floriano da Graça Aranha.
Carmen Vellasco Portinho.
Carlos Borges de Andrade Ramos.
Celso Mendes da Fonseca.
Diogo Borges Fortes.
Emiliano dos Reis Gomes Macieira.
Francisco Cicero de Mello Filho.
Fernando da Silva Porto.
Fernando Teixeira.
Gentil Ferreira de Souza.
Gil de Souza.
Gil Junqueira Meirelles.
Haroldo Lisbôa da Graça Couto.
Henrique Cunha.
Henrique Villela dos Santos.
Hortencio Pereira Gonçalves.
Hugo Mello Mattos de Castro.
Humberto Nobre Mendes.
Jeronymo Serafim Barcellos.
João José Pinto.
João Las Casas de Araujo.
João Maria Brochado Filho.
Joacy Nunes de Almeida.
José Benedicto de Moraes Lacerda.
José de Oliveira Reis.
José Oriano Menescal Netto.
José Severiano Tavares.
José de Souza Miranda.
Julio da Costa Barros.
Luiz Alberto Whately.
Luiz do Amaral Garcia.
Luiz Ernesto Burlamaqui de Mello.

Luiz Fritz Campos.
Luiz Onofre Pinheiro Guedes.
Luiz Waldemar Vacchias.
Marino Rangel Brigido.
Mauro Santos.
Milton Peixoto Maia.
Nahul Benevolo.
Oscar Carvalho de Toledo.
Oscar Lisbôa da Graça Couto.
Oswaldo Pereira Guimarães.
Pericles Moreira Senna.
Raul Olympio Bastos.
Raymundo Barboza de Carvalho Netto.
Roberto Demarché Bergallo.
Roberto do Couto Pereira.
Roldão Alves da Silva.
Ruben Gomes dos Santos.
Rufino de Almeida Pizarro.
Samuel Cantarino Motta.
Segismundo Martins Fontes.
Sylvio do Couto Fernandes.
Themistocles Berardinelli.
Tito Liviô de Sant'Anna.
Vicente de Paulo.
Victor Resse de Gouvêa.
Waldir Trajano da Costa.
Zeferino Amaro de Avila da Silveira.

ENGENHEIROS MECANICOS E ELECTRICISTAS

ANNO LECTIVO DE 1915

Augusto Botelho Junqueira.

ANNO LECTIVO DE 1916

Octacilio Novaes da Silva.

ANNO LECTIVO DE 1917

Cezar da Silveira Grillo.
José Garcia Pacheco de Aragão.
Jorge Hess de Mello.
Julio Miguel de Freitas Filho.
José Joaquim Botelho.
João Gomes Monteiro Valente.

ANNO LECTIVO DE 1918

Adolpho Dourado Lopes.
Felippe dos Santos Reis.

Juvenal Greenhalgh Ferreira Lima.
Manoel Fernandes Torres.
Eugenio Hime.

ANNO LECTIVO DE 1920

Francisco Cezar Brandão Cavalcanti.
Heitor Galliez.
João Pereira de Lemos Netto.

ANNO LECTIVO DE 1921

Clovis Chrisostomo de Oliveira.
Mauricio de Frontin Hess.

ANNO LECTIVO DE 1922

João Cordeiro da Graça Filho.
Candido Alberto Pereira.

ANNO LECTIVO DE 1923

Abrahão Izeckson.

ENGENHEIROS INDUSTRIAES

ANNO LECTIVO DE 1916

Adalberto Gomes de Carvalho.
Alvaro de Azevedo Sodré.
Annibal Pinto de Souza.
Benedicto Netto de Velasco.
Cassio Pereira Barreto.
Guilherme José Jorge.

ANNO LECTIVO DE 1917

Argemiro Couto de Barros.
Arthur de Carvalho Fernandes Junior.
Luiz Alberto Whately.
Luiz da Costa Porto Carrero Netto.
Luiz Dias Lins.
Stephane Vannier.
Vicente Caminha de Sá Leitão.

ANNO LECTIVO DE 1918

Adelmaro Felício dos Santos.
Annibal Alves Bastos.
Araken de Azevedo Coutinho.

Ataliba Passos Lepage.
Frederico Bandeira da Silveira.
Heitor Moreira Alves.
Nelson Henrique Baptista.
João Carlos Bello Lisbôa.
José Pessoa de Andrade.

ANNO LECTIVO DE 1919

Amrita Dubugras.
Gustavo Adolpho Marinho Lutz.
João José Fernandes da Cunha Filho.
Plínio Marques da Silva.
Ricardo Leon.
Raul Alvares de Azevedo e Castro.

ANNO LECTIVO DE 1920

Heraldo de Souza Mattos.
João Cordeiro da Graça Filho.
Sylvio de Barros Guimarães.

ANNO LECTIVO DE 1921

Iracema da Nobrega Dias.
Maurício de Frontin Hess.

ANNO LECTIVO DE 1922

Antonio Ferreira Leal.
Damião Pinto da Silva.
Edgard do Amaral Alhadas.
Luiz Philippe de Camargo Almeida.

ANNO LECTIVO DE 1923

(Turma do jubileu)

Horacio Reis de Cantanhede Almeida.
Marcellino de Freitas Arruda.
Mario Ronchini.
Vicente de Oliveira Glaude.

**Directores effectivos e interinos, Vice-directores e
Secretarios da
Escola Polytechnica desde 1874 até 1924**

DIRECTORES EFFECTIVOS DA ESCOLA POLYTECHNICA

VISCONDE DO RIO BRANCO

Nomeado por Decreto de 13 de Setembro de 1875, tomou posse do cargo a 11 de Outubro. Exonerado em 1879.

CONSELHEIRO FRANCISCO ANTONIO RAPOSO

Nomeado por Decreto de 1º de Julho de 1879. Exonerado no mesmo anno.

CONSELHEIRO IGNACIO DA CUNHA GALVÃO

Nomeado por Decreto de 6 de Dezembro de 1880, exerceu o cargo até 15 de Novembro de 1889, data em que se exonerou.

CONSELHEIRO EPIPHANIO CANDIDO DE SOUZA PITANGA

Nomeado por Decreto de 27 de Novembro de 1889. Exonerado em Abril de 1891.

DR. JOÃO ERNESTO VIRIATO DE MEDEIROS

Nomeado por Decreto de 22 de Abril de 1891. Exonerado a 25 de Dezembro do mesmo anno.

DR. JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA

Nomeado por Decreto de 27 de Maio de 1893. Exonerado em Novembro do mesmo anno.

DR. ANTONIO AUGUSTO FERNANDES PINHEIRO

Nomeado por Decreto de 1º de Julho de 1896. Exonerado em Dezembro do mesmo anno.

DR. GABRIEL OZORIO DE ALMEIDA

Nomeado por Decreto de 14 de Dezembro de 1896. Exonerado em 1897.

DR. JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA

Nomeado por Decreto de 17 de Fevereiro de 1900, exerceu o cargo até 5 de Janeiro de 1905, data em que falleceu.

DR. JOÃO BAPTISTA OSTIZ MONTEIRO

Nomeado por Decreto de 16 de Janeiro de 1905. Promulgada a Lei Organica do Ensino em Abril de 1911, foi eleito pela Congregação para o biennio de 1911-1912.

DR. OSCAR NERVAL DE GOUVÊA

Eleito pela Congregação para o biennio de 1913-1914.

DR. ANDRÉ GUSTAVO PAULO DE FRONTIN

Eleito pela Congregação para o biennio de 1915-1916. Promulgado o Decreto n. 11.530 de 18 de Março de 1915, que reformou o ensino, foi nomeado por Decreto do Governo para o mesmo cargo, que continua exercendo.



DIRECTORES INTERINOS

CONSELHEIRO IGNACIO DA CUNHA GALVÃO

Exerceu o cargo de director interino, na qualidade de lente cathedratico mais antigo, desde 1874 até Outubro de 1875, quando tomou posse do cargo de director effectivo o Visconde do Rio Branco, e, nos impedimentos deste, durante as sessões do Senado, nos annos de 1876 a 1879; e, finalmente, após a exoneração do Conselheiro Raposo em 1879 até a sua nomeação effectiva em 1880.

CONSELHEIRO EPIPHANIO CANDIDO DE SOUZA PITANGA

Como lente cathedratico mais antigo, exerceu interinamente o cargo de director em 1889, até ser nomeado effectivo por Decreto de 27 de Novembro, e desde Dezembro de 1891 até Abril de 1893.

DR. ANTONIO DE PAULA FREITAS

Na qualidade de Vice-director, exerceu interinamente a directoria desde Novembro de 1893 até Junho de 1896, quando foi exonerado.

CONSELHEIRO DOMINGOS DE ARAUJO E SILVA

Tambem como Vice-director exerceu interinamente a directoria desde 1897, após a exoneração do Dr. Ozorio de Almeida, até Fevereiro de 1900, quando pela segunda vez foi nomeado director o Dr. Saldanha da Gama.

DR. JOÃO BAPTISTA OSTIZ MONTEIRO

Na qualidade de professor cathedratico mais antigo exerceu interinamente a directoria no impedimento do director effectivo Dr. Paulo de Frontin, quando com assento no Senado Federal, em 1917 e 1918.

DR. JOSÉ AGOSTINHO DOS REIS

Como professor cathedratico mais antigo exerceu interinamente a directoria no impedimento do Director effectivo Dr. Paulo de Frontin, quando com assento no Senado em 1918, quando exerceu o cargo de Prefeito do Districto Federal, em 1919, quando com assento na Camara dos Deputados, em 1920, e novamente quando com assento no Senado Federal nos annos de 1921 a 1923.

VICE-DIRECTORES DA ESCOLA POLYTECHNICA

DR. ANTONIO DE PAULA FREITAS

Nomeado por Decreto de 7 de Agosto de 1893. Exonerado em Junho de 1896.

CONSELHEIRO DOMINGOS DE ARAUJO E SILVA

Nomeado por Decreto de 15 de Julho de 1896. Exonerado em Março de 1902.

DR. ANDRÉ GUSTAVO PAULO DE FRONTIN

Nomeado por Decreto de 8 de Março de 1902.

SECRETARIOS DA ESCOLA POLYTECHNICA

BEL. ANTONIO JOSÉ FAUSTO GARRIGA

Exerceu o cargo desde 1874 até 1882.

BEL. AUGUSTO SATURNINO DA SILVA DINIZ

Nomeado por Decreto de 22 de Junho de 1882, exerceu o cargo até 22 de Junho de 1893, data em que foi exonerado.

BEL. JOSÉ JOAQUIM DE MIRANDA E HORTA

Nomeado por Decreto de 23 de Junho de 1893 exerceu o cargo até Abril de 1900.

ENG. CIVIL CARLOS DE SOUZA FERREIRA

Nomeado interinamente a 6 de Abril de 1900 e effectivo por Decreto de 30 de Junho do mesmo anno, exerceu o cargo até Novembro de 1903.

DR. JOÃO CÂNCIO POVOA

Nomeado por Decreto de 3 de Dezembro de 1903, continua no exercício do cargo.

**Corpo docente e Corpo administrativo actuaes da
Escola Polytechnica**

CORPO DOCENTE ACTUAL, DA ESCOLA POLYTECHNICA

DR. ANDRÉ GUSTAVO PAULO DE FRONTIN
Professor cathedratico de Machinas motrizes

DR. CARLOS CEZAR DE OLIVEIRA SAMPAIO
Professor cathedratico de Mecanica applicada

DR. LICINIO ATHANASIO CARDOSO
Professor cathedratico de Mecanica racional

DR. JOÃO FELIPPE PEREIRA
Professor cathedratico de Hydraulica

DR. FRANCISCO FERREIRA BRAGA
Professor cathedratico de Geometria analytica e Calculo infinitesimal

DR. FRANCISCO MANOEL DAS CHAGAS DORIA
Professor cathedratico de Architectura civil, Hygiene dos edificios e
Saneamento das cidades

DR. HENRIQUE MORIZE
Professor cathedratico de Physica experimental e Meteorologia

DR. DANIEL HENNINGER
Professor cathedratico de Chimica industrial

DR. JOSÉ MATTOSO SAMPAIO CORRÊA

Professor cathedratico de Estradas de rodagem e de ferro, pontes e Viaductos

DR. JULIO DELAMARE KOELER

Professor cathedratico de Chimica organica

DR. ESTANISLAU LUIZ BOUSQUET

Professor cathedratico de Historia Natural

DR. VICTOR VILLIOT MARTINS

Professor cathedratico de Mecanica industrial

DR. DOMINGOS JOSÉ DA SILVA CUNHA

Professor cathedratico de Estudo dos materiaes de construcção

DR. AARÃO REIS

Professor cathedratico de Economia politica, Direito administrativo, Estatistica

DR. LUIZ CANTANHEDE DE CARVALHO ALMEIDA

Professor cathedratico de Topographia

DR. EVERARDO ADOLPHO BACKHEUSER

Professor cathedratico de Mineralogia e Geologia

DR. HENRIQUE CÉZAR DE OLIVEIRA COSTA

Professor cathedratico de Geometria descriptiva

DR. JOSÉ PANTOJA LEITE

Professor cathedratico de Electrotechnica

DR. ADOLPHO MURTINHO

Professor cathedratico de Electricidade industrial

DR. CYRO DE ANDRADE MARTINS COSTA

Professor cathedratico de Physica industrial

DR. MANOEL AMOROSO COSTA

Professor cathedratico de Astronomia e Geodesia

DR. MAURICIO JOPERT DA SILVA

Professor cathedratico de Navegação interior, Portos de Mar, Pharoes

DR. CARLOS ERNESTO JULIO LOHMANN

Professor cathedratico de Chimica inorganica

DR. FERDINANDO LABOURIAU FILHO

Professor cathedratico de Metallurgia

DR. LINO LEAL DE SÁ PEREIRA

Professor cathedratico interino de Resistencia dos materiaes. Substituto da 8ª Secção.

DR. PEDRO FERNANDES VIANNA DA SILVA

Professor de Trabalhos graphics relativos a Estradas de ferro, pontes e viaductos

DR. JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA COUTO

Professor de Desenhos e Projectos de machinas

DR. HEITOR SAYÃO DE BUSTAMANTE

Professor de desenho de aguadas e trabalhos graphics de geometria descriptiva applicada

DR. JOÃO CÂNCIO POVOA

Professor de desenho cartographico, construcção de cartas geodesicas e geographicas

DR. OCTAVIO ALVES RIBEIRO DA CUNHA

Professor de desenho e projectos de architectura, obras hydraulicas e saneamento das cidades

DR. MANOEL RIBEIRO DE ALMEIDA

Professor de desenho topographico, trabalhos graphicos de topographia, pratica de photographia e applicação á topographia

DR. AUGUSTO DE BRITO BELFORD ROXO

Professor substituto da 5^a Secção

DR. ROBERTO MARINHO DE AZEVEDO

Professor substituto da 6^a Secção

DR. MARIO PAULO DE BRITO

Professor substituto da 4^a Secção

DR. CARLOS AMERICO BARBOZA DE OLIVEIRA

Professor substituto da 9^a secção

DR. TOBIAS DE LACERDA MARTINS MOSCOSO

Professor substituto da 10^a Secção

DR. SEBASTIÃO SODRÉ DA GAMA

Professor substituto da 1^a Secção

DR. RUY MAURICIO DE LIMA E SILVA

Professor substituto da 7^a secção

DR. DULCIDIO DE ALMEIDA PEREIRA

Professor substituto da 2^a Secção

PROFESSORES EM DISPONIBILIDADE

DR. JOSÉ AGOSTINHO DOS REIS

Cathedratico de Direito administrativo, Contabilidade, Estatistica

DR. JOSÉ ANTONIO MURTINHO

Cathedratico de Zoologia systematica, Agricultura e Zootechnia

DR. MANOEL TIMOTHEO DA COSTA

Cathedratico da Exploração de minas.



80025 75540

LIVRES DOCENTES

- DR. ADALBERTO MENEZES DE OLIVEIRA — Electrotechnica.
- DR. IGNACIO M. AZEVEDO AMARAL — Calculo infinitesimal.
- DR. JOÃO DE ALMEIDA PIZARRO — Botanica.
- DR. ALBERTO BETIM PAES LEME — Mineralogia e Geologia.
- DR. MARIO CAMPOS RODRIGUES DE SOUZA — Astronomia.
- DR. DIOGENES BUYS DE LIMA E SILVA — Mecanica racional.
- DR. SEBASTIÃO SODRÉ DA GAMA — Geometria analytica e Calculo infinitesimal.
- DR. CARLOS STIVENSON — Estradas de ferro e de rodagem.
- DR. OCTACILIO NOVAES DA SILVA — Geometria analytica e Calculo infinitesimal.
- DR. LINO LEAL DE SÁ PEREIRA — Resistencia dos materiaes.
- DR. MAURICIO JOFFERT DA SILVA — Geometria analytica e Calculo infinitesimal.
- DR. HEITOR DA SILVA COSTA — Desenho de architectura.
- DR. RAUL ELOY DOS SANTOS — Economia politica.
- DR. JOÃO CANCIO POVOA — Mecanica applicada.
- DR. OCTAVIO ALVES RIBEIRO DA CUNHA — Desenho de architectura.
- DR. MANOEL AMOROSO COSTA — Astronomia.
- DR. JOÃO DA COSTA FERREIRA — Desenho topographico.
- DR. CARLOS ERNESTO JULIO LOHMANN — Chimica organica.
- ARTHUR DUARTE RIBEIRO — Desenho de estradas.
- DR. SERAPHIM JOSÉ DOS SANTOS — 4ª secção.
- DR. AUGUSTO HOR-MEYLL — 8ª secção.
- DR. ALPHEU DINIZ GONÇALVES — 7ª secção.
- DR. LUIZ CAETANO DE OLIVEIRA — Contabilidade, Estatistica, Orçamentos.
-

PREPARADORES

- ENG.º OROZIMBO LINCOLN DO NASCIMENTO — Astronomia.
" EUGENIO HIME — Physica experimental.
" OCTACILIO NOVAES DA SILVA — Electrotechnica
" EDMUNDO DA FRANCA AMARAL — Electricidade industrial.
" STEPHANE VANNIER — Metallurgia.
" FRANCISCO DE SÁ LESSA — Chimica industrial.
" LUCIANO LOBATO KOELER — Chimica organica.
" MAURICIO DE FRONTIN HESS — Machinas e Mecanica industrial.
" EURICO DA SILVA MELLO — Mineralogia e Geologia.
" IRACEMA DA NOBREGA DIAS — Physica industrial.
ARCHITECTO MANOEL CAMPELLO — Architectura.
PHARMACEUTICO DURVAL BORGES DE MORAES — Chimica inorganica.
ENG.º EDUARDO EURICO DE OLIVEIRA — Hydraulica e Portos de mar.
" OTHON LEONARDOS (interino) — Mineralogia e Geologia.
" AGLIBERTO XAVIER (em disponibilidade) — Chimica organica.
DR. AUGUSTO BERNACCHI (em disponibilidade) — Botanica.
JOÃO BOAVENTURA DA CRUZ (em disponibilidade) — Zoologia.
-

ADMINISTRAÇÃO

Director

DR. ANDRÉ GUSTAVO PAULO DE FRONTIN

Vice-director

DR. JOSÉ AGOSTINHO DOS REIS

Secretario

DR. JOÃO CÂNCIO POVOA

Thesoureiro

DR. BENTO THEODORO DA ROCHA

Bibliothecario

ENG.º LUIZ MARIA DE MATTOS JUNIOR

Sub-Secretario

DR. CARLOS LUIZ DE ANDRADE NEVES

Sub-Bibliothecario

DR. RAUL ELOY DOS SANTOS

Guarda-Livros

JOÃO NERY CADAVAL

Porteiro

CYRILLO JOSÉ DOS SANTOS

Amanuenses

INNOCENCIO DE DRUMOND JUNIOR
MANOEL GOMES DA SILVA CHAVES
JOAQUIM IGNACIO GONÇALVES LIMA
ARLINDO GASPAR DOS SANTOS

Dactylographo

NESTOR NERY CADAVAL

Conservadores

HYGINO BAHIA
TRAJANO MARTINS DA COSTA
MANOEL LEONARDO DA MOTTA
ADALBERTO JAYME DE LOSSIO

Bedeis

RODOLPHO JOAQUIM MALHEIROS
MANOEL ANGELO LOPES
TELEMACO MAURICIO DA SILVA
ADELINO JOSÉ BARATTA
JOSÉ VIEIRA DE MELLO
GERMANO LOPES DA SILVA
OCTAVIO BASTOS NOGUEIRA.
FRANCISCO MARIA DA SILVA
OSORIO GOMES DE ARAUJO
JOSÉ DE OLIVEIRA GOMES
ANTENOR REINTROP DE ARAUJO
JORGE DE CARVALHO

Mecanico

GEORGES SCHLEIFFER

Ajudantes de mecanico

ANTONIO RODRIGUES SEIXAS
FELIPPE RODRIGUES COELHO

Auxiliares de Gabinete

HERALDO DE SOUZA MATTOS
ANTONIO RODRIGUES MACHADO
FRANCISCO LUDGERO DA SILVA
AVELINO DA COSTA PEREIRA
ERNESTO DE SOUZA GRAÇA
THEODORO JOAQUIM DOS SANTOS
JOÃO ENDSON FILHO
EUCLIDES MANOEL DA SILVA
OSCAR DE SOUZA MAGALHÃES

INDICE

INDICE

	Pags.
Indicação approvada pela Congregação da Escola	3
Decreto n. 5.600, de 25 de Abril de 1874	5
Sessão solenne	7
Discurso do Ministro da Justiça e Negocios Interiores	11
Distribuição de premios escolares	25
Collação de grãos	29
Discurso do orador da turma dos Chímicos industriaes	30
Discurso do Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, paranym- pho dos Chímicos industriaes	44
Discurso do orador da turma dos engenheiros geographos	61
Resumo do discurso do professor Amoroso Costa, paranympho dos en- genheiros geographos	54
Discurso do orador da turma dos engenheiros industriaes	56
Discurso do professor Luiz Cantanhede, paranympho dos engenheiros industriaes	59
Resumo do discurso do orador da turma dos engenheiros civis	81
Discurso do professor Mauricio Joppert, paranympho dos engenheiros civis	82
Discurso do Dr. Paulo de Frontin, Director da Escola	94
Telegrammas recebidos	99
Bachareis em Sciencias Physicas e Mathematicas	105
Bachareis em Sciencias Physicas e Naturaes	109
Engenheiros industriaes (artes e manufacturas)	113
Engenheiros de minas	115
Engenheiros agronomos	117
Engenheiros civis	119
Engenheiros geographos	169
Engenheiros mecanicos e electricistas	211
Engenheiros industriaes	213
Directores effectivos da Escola Polytechnica	219
Directores interinos da Escola Polytechnica	221
Vice-directores da Escola Polytechnica	223
Secretarios da Escola Polytechnica	225
Corpo docente actual	229
Professores em disponibilidade	233
Livres docentes	235
Preparadores	237
Administração actual	239



